



MARIANA GALEAZZI MODESTI

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR: DA
FORMAÇÃO IDENTITÁRIA A UMA FORMAÇÃO PRÁTICA DO HABITUS**

CANOAS, 2020

MARIANA GALEAZZI MODESTI

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR: DA
FORMAÇÃO IDENTITÁRIA A UMA FORMAÇÃO PRÁTICA DO HABITUS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, para obtenção do grau de Mestra em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Prof. Dra. Margarete Panerai Araújo

Coorientador: Prof. Dr. Lucas Graeff

CANOAS, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M691n Modesti, Mariana Galeazzi.

Narrativas de memória social do grupo de teatro Go.Star [manuscrito] : da formação identitária a uma formação prática do habitus / Mariana Galeazzi Modesti – 2020.

125 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020.

“Orientação: Prof^a. Dra. Margarete Panerai Araujo”.

1. Memória social. 2. Habitus. 3. Identidade. 4. Go.Star. I. Araujo, Margarete Panerai. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

MARIANA GALEAZZI MODESTI

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR: DA
FORMAÇÃO IDENTITÁRIA A UMA FORMAÇÃO PRÁTICA DO HABITUS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau em Mestra em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle – Unilasalle.

Aprovado pela banca examinadora em 28 de julho de 2020.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Margarete Panerai Araújo (Orientadora)



Prof. Dr. Lucas Graeff (Coorientador)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia



Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr

AGRADECIMENTOS

Nem sempre encontramos as palavras certas para agradecer por uma conquista, no entanto, a satisfação de concluir esta etapa é tanta quanto à gratidão que sinto por todos que estiveram ao meu lado, que de um jeito ou de outro, fizeram parte desta caminhada.

Obrigada, meu Deus, pelas bênçãos em minha vida. Sinto-me realizada e cheia de graça por tantas conquistas. Foram muitas aprendizagens e muitos ensinamentos ao lado de pessoas que contribuíram para o meu ser e fazer como pessoa:

Meus pais que me ensinaram os primeiros passos me oportunizando e incentivando a trabalhar com a educação. Mãe, a ti que estás sempre ao meu lado, me apoiando, todo meu carinho. Pai, por mais que tenhas estado tão pouco tempo ao meu lado, estarás sempre no meu coração.

Estimados irmãos, que mesmo longe, sempre estiveram por perto em meus pensamentos, em meus sentimentos.

Leandro, meu querido marido, eu agradeço por confiares e apostares no meu sucesso. Vítor, Otávio e Valentina, amados filhos, gratidão por me apoiarem nesta caminhada. Amo vocês.

À Unilasalle pela oportunidade de enriquecer meus conhecimentos através desta pesquisa interdisciplinar, com a qual agreguei conhecimentos jamais imaginados como a construir gráficos e elaborar um roteiro para um documentário.

À minha querida orientadora, Professora Margarete Panerai Araujo pela atenção e dedicação. Sua assistência foi muito importante para o desenvolvimento deste trabalho, pois aprendi muito ao seu lado, e boas memórias terei desse período de constante produção científica.

Ao meu coorientador Professor Lucas Graeff pelos ensinamentos compartilhados.

À Professora Luciane Marques Raupp pelo carinho e pelas primeiras orientações junto ao Projeto de pesquisa intitulado “Processo de construção identitária dos integrantes do grupo de teatro Go.Star através das relações pautadas nas culturas juvenis”.

Ao grupo de teatro Go.Star que acolheu esta pesquisa e fez dele a realização de um sonho. Fernando, Dudys, Juju, Miche, Duda Cabeluda e Ví, vocês são show!

Ao Espaço da Arte, que muito mais que uma associação voltada à arte, é uma oportunidade de aprendizagem e aculturação dos jovens.

Aos colegas e cinegrafistas Fernanda Hofstatter e Crystopher Carvalho, pelas excelentes filmagens que deram vida ao documentário.

Ao meu querido afilhado Gabriel Gehrke Rodhe pela produção audiovisual e pelos efeitos visuais que fizeram toda a diferença na produção do documentário “Eu, o Outro, Nós: Uma construção”, produto técnico que é condição parcial para minha titulação.

E aos meus queridos colegas da turma do 6º ano. O entusiasmo em cada discussão em aula era estonteante e muito prazerosa. Foram muitas trocas e descobertas amparadas na solidariedade e amizade. Sem falar dos “Tops de Estrela”, compartilhar cada momento com vocês, tornou-os únicos.

“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: ‘Não há mais o que ver’, saiba que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo de outra” (SARAMAGO, 1995, p. 179).

RESUMO

O presente relatório técnico tem por foco as relações sociais de um grupo de teatro ministrado pela Associação Espaço da Arte no município de Estrela/RS, numa pesquisa interdisciplinar voltada para a construção de conhecimentos relativos ao campo da memória, formação e transformação de identidades e *habitus*. Tem por objetivo geral compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais do grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória, na formação sobre suas identidades e, dar visibilidade, através de um documentário, do capital cultural e social que está sendo construído. Foi organizada em formato de dois artigos científicos e um produto de vídeo, conforme exigência do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, nível Mestrado Profissional, da Universidade La Salle - Unilasalle. Metodologicamente, ambos os artigos se situam como pesquisa social aplicada e qualitativa. As técnicas utilizadas foram levantamentos bibliográficos, uso documentais, cujos instrumentos de coleta de dados, foram a observação participante e entrevistas semiestruturadas. O primeiro artigo, foi intitulado “Narrativas de memória social do grupo de teatro Go.Star e sua influência na formação identitária”, e o segundo artigo, foi intitulado “Narrativas e práticas do grupo de teatro Go.Star um exemplo de capital cultural, social e de *habitus*” evidenciando as suas práticas culturais e artística. O produto do relatório técnico denominado de “Eu, o Outro, Nós: Uma construção” foi apresentado através de um documentário envolvendo narrativas dos integrantes e ensaios e apresentações da peça teatral produzida por eles. Este documentário é condição parcial para a titulação do mestrado profissional. Como resultados encontrados constatou-se que os jovens artistas sentem-se pertencentes a um grupo, sua identificação e compromisso social envolvem as relações sócio emocionais e conjugam um aprendizado de escuta atenta e o acolhimento efetivo com todos, enquanto que o capital cultural e social fazem se presentes na sua constituição oportunizando formação de *habitus*.

Palavras-chave: Memória social. *Habitus*. Identidade. Go.Star.

ABSTRACT

This technical report focuses on the social relations of a theater company managed by Associação Espaço da Arte in the municipality of Estrela / RS, in an interdisciplinary research aimed at building knowledge related to the field of memory, formation and transformation of identities and *habitus*. Its general objective is to understand and explain the narratives about the individual and social relations of the Go.Star theater company, through the field of memory, in the formation of their identities, and to give visibility through a documentary, of the cultural and social capital that is being built. It was organized in the format of two scientific articles and a video product, as required by the Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, nível Mestrado Profissional, da Universidade La Salle - Unilasalle (Graduate Program in Social Memory and Cultural Property, Professional Master's level, at La Salle University – Unilasalle). Methodologically, both articles are classified as applied and qualitative social research. The techniques used were bibliographic surveys, documentary sources, whose data collection instruments were participant observation and semi-structured interviews. The first article was entitled “Narratives and social memory of the Go.Star theater company and its influence on identity formation” and the second article was entitled “Narratives and practices of the Go.Star theater company, an example of cultural and social capital and *habitus*” highlighting their cultural and artistic practices. The product of the technical report called “I, the Other, Us: A Construction” was presented through a documentary involving the members' narratives and rehearsals and performances of the play produced by them. This documentary is a partial condition for the professional master's degree. As a result, it was revealed that the young artists feel belonging to a group, their identification and social commitment involve the social-emotional relations, combining a learning of attentive listening and the effective embrace with all, whilst the cultural and social capital are in its constitution providing opportunities for the formation of *habitus*.

Keywords: Social memory. *Habitus*, Identity. Go.Star.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Conceitual reunindo os principais conceitos e autores abordados para alcançar os objetivos desta pesquisa, e na resolução dos pontos a serem analisados	36
Figura 2 – Estatuto do Espaço da Arte.....	42
Figura 3 – Casa de Cultura de Estrela	43
Figura 4 – Integrantes do grupo de teatro Go.Star.....	43
Figura 5 – Ensaio da peça teatral “40 segundos”	44
Figura 6 – Meditação e sensibilização	44
Figura 7 – Confraternização do aniversário da Dudys	45
Figura 8 – Gravação de comercial da peça de teatro.....	45
Figura 9 – Apresentação do grupo no Anfiteatro da Universidade do Vale do Taquari – Univates	46
Figura 10 – Identificação do camarim no Anfiteatro da Univates	46
Figura 11 – Making of do grupo no camarim da Univates	47
Figura 12 – Encenação da Coletânea dos 15 anos do Espaço da Arte	47
Figura 13 – Cartaz da encenação da peça teatral “40 segundos”	48
Figura 14 – Cartaz da encenação da peça teatral “Duas vidas”.....	48
Figura 15 – Cartaz da Mostra de Teatro de Estrela na qual o Go.Star encenou “Homenagem aos 15 anos do Espaço da Arte.....	48
Figura 16 – Quadro Conceitual reunindo os principais conceitos e autores abordados	
Figura 17 – Imagem do Diário de Bordo Virtual do grupo	79
Figura 18 – <i>Print</i> da tela da amostra do Grupo GoStar durante a entrevista em grupo	82
Figura 19 – Imagem com os passos para a construção do <i>corpus</i>	83
Figura 20 – Premiação de melhores atrizes coadjuvantes no 5º Festival Estadual de Teatro em Gravataí – Emanuelle e Júlia	90
Figura 21 – Grito de guerra do Go.Star.....	95
Figura 22 – <i>Print</i> da tela de um dos encontros semanais do grupo Go.Star durante o distanciamento social, na qual a pesquisadora esteve presente.....	100
Figura 23 – Produção para comercial do grupo	107
Figura 24 – Expressão musical	108
Figura 25 – Ensaio da peça de teatro "40 segundos"	108

Figura 26 – Set de filmagem para o documentário: "Eu, o Outro, Nós: Uma construção"	108
Figura 27 – Set de filmagem para o documentário: "Eu, o Outro, Nós: Uma construção"	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e Dissertações segundo CAPES	20
Quadro 2 – Quadro referente a artigos que envolvam o descritor Memória.....	21-22
Quadro 3 – Quadro referente a artigos que envolvam o descritor Identidade	22-23
Quadro 4 – Quadro referente a artigos que envolvam o descritor Pertencimento	23-24
Quadro 5 – Quadro referente a artigos que envolvam os descritores Capital Cultural e Social	25-26
Quadro 6 – Grupo de atores e perfil dos Entrevistados	39
Quadro 7 – Etapas de análise segundo Bardin (2011).....	40-41
Quadro 8 – Categorias que emergiram na análise de conteúdo	49-50
Quadro 9 – Tópicos abordados na entrevista em grupo	80
Quadro 10 – Grupo de atores e perfil dos Entrevistados	81
Quadro 11 – Categoria: Capital Cultura; Subcategorias: educação formal e educação informal – educação voluntária e involuntária	85-87
Quadro 12 – Categoria: Capital Social; Subcategorias: vínculos, rede de relações, identificação com pares, resignificação e reconversão	90-92
Quadro 13 – Categoria: <i>habitus</i> ; subcategoria: memória social	95-98
Quadro 14 – Roteiro de questões aos Entrevistados para o vídeo	109
Quadro 15 – Roteiro e descrição das cenas do documentário: "Eu, o Outro, Nós: Uma construção"	109-110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Memorial	16
1.2	Problemática de pesquisa e objetivos	18
1.3	Estado da Arte	20
1.4	Referências	26
2	NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR E SUA INFLUENCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA	27
2.1	Resumo.....	27
2.2	Introdução	27
2.3	Referencial Teórico.....	29
2.4	Método	37
2.4.1	<i>Instrumento de coleta de dados</i>	39
2.4.2	<i>Atores da pesquisa</i>	39
2.4.3	<i>Tratamento para os dados coletados</i>	40
2.5	Análise de Dados	41
2.6	Descrição parcial do contexto da pesquisa e a Go Start	42
2.7	Descrições das categorias de conteúdo	49
2.8	Considerações Finais.....	60
2.9	Referências	63
3	NARRATIVAS E PRÁTICAS DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR UM EXEMPLO DE CAPITAL CULTURAL, SOCIAL E DE <i>HABITUS</i>	65
3.1	Resumo.....	65
3.2	Introdução	65
3.3	Referencial teórico.....	66
3.4	Metodologia.....	78
3.5	Conclusão	100
3.6	Referências	102
4	PRODUTO TÉCNICO: DOCUMENTÁRIO “EU, O OUTRO, NÓS: UMA CONSTRUÇÃO”	105
4.1	Contextualização do documentário	105
4.2	Considerações Metodológicas e finais do documentário	106
4.3	Referências	110

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	116
	APÊNDICE A – Termo de Assentimento	120
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	122
	APÊNDICE C – Entrevista Semiestruturada abordada no Artigo NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR E SUA INFLUENCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA	124
	APÊNDICE D – Entrevista Semiestruturada do Artigo 2 – NARRATIVAS E PRÁTICAS DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR UM EXEMPLO DE CAPITAL CULTURAL, SOCIAL E DE HABITUS.....	125

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório técnico cumpre os requisitos referentes ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, nível Mestrado Profissional, da Universidade La Salle - Unilasalle, numa pesquisa interdisciplinar voltada para a construção de conhecimentos relativos à memória e suas relações na formação e transformação de identidades e *habitus*. Este relatório técnico trata de temas relacionados e buscou responder ao seguinte objetivo geral “Compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais do grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória na formação sobre suas identidades e dar visibilidade, através de um documentário, do capital cultural e social que está sendo construído”.

O projeto de estudo, que originou este relatório técnico teve por foco as relações entre cultura e identidades juvenis, tomando como objeto de análise um grupo de teatro, que é ministrado na Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, situada no estado do Rio Grande do Sul. O grupo de teatro intitulado Go.Star é formado por dezoito jovens, com idades entre 15 e 20 anos, que são convidados a participar ativamente de atividades artísticas com o objetivo de produzir peças teatrais, contações de histórias e intervenções artísticas na comunidade em que estão inseridos. As aulas são ministradas por profissionais ligados à Associação. Esta por sua vez, foi fundada em março de 2004, na cidade de Bom Princípio - RS, e tem como objetivo promover a transformação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas.

O Espaço da Arte proporciona à comunidade as aulas de teatro e dança, retiros, encontros e diferentes mostras artísticas em parceria com Prefeituras, entidades, organizações e iniciativa privada, atuando de forma descentralizada. As aulas do Go.Star são semanais, com uma carga horária de 2h30min, e acontecem no espaço cedido pela Casa de Cultura de Estrela, onde ocorrem atividades da Escola de Artes do Núcleo Cultural. O Núcleo Cultural é uma entidade fundada em julho de 1989 para à estruturação e implementação de uma Escola de Artes, contemplando as áreas da música instrumental, artes cênicas, danças e artes plásticas.

Segundo Halbwachs (2006, p. 47), “[...] atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo”. A influência mútua é tão forte, que não sabemos o que é só do sujeito, ou o que é só do outro. Nesse sentido, busca-se proporcionar uma ampliação da compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, que podem ser observadas e incentivadas em escolas, comunidades e outros grupos. Refletir sobre o potencial da utilização da expressão artística como dispositivo para transformar e ampliar o capital cultural e social dos jovens através da promoção de atividades artísticas culturais tornou-se um eixo de pesquisa.

O relatório objetiva apresentar a pesquisa desenvolvida no período de agosto de 2019 até junho de 2020 e foi organizado em duas partes, se constituindo em dois grandes artigos e um produto. O fio condutor desses é o campo da memória caracterizado pela prática da pesquisa, cujos resultados permitiram perceber diferentes relações sociais e diferentes tipos de capitais para o fortalecimento do grupo e para o conhecimento das condições, que foram descobertas. Assim o relatório está dividido em seções:

Essa introdução aborda o memorial, a problemática de pesquisa e o estado da arte a partir dos descritores das categorias desse relatório técnico.

O primeiro artigo intitulado **NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA** refere-se a compreensão de como a participação em um grupo de teatro influenciou na formação de memórias identitárias de jovens artistas. São abordadas reflexões teóricas sobre a importância das diferentes redes de relação social e das experiências vivenciadas nestas, levando em consideração a importância dos laços afetivos elaborados por meio dessas dinâmicas sociais.

O segundo artigo intitulado **NARRATIVAS E PRÁTICAS DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR UM EXEMPLO DE CAPITAL CULTURAL, SOCIAL E DE *HABITUS*** buscou descrever e compreender a interação do grupo, sob o ponto de vista e das narrativas dos jovens participantes e do professor de teatro do grupo Go.Star, considerando o seu *habitus*, e o seu capital cultural e social (BOURDIEU, 1996), conhecimentos adquiridos e institucionalizados através da inter-relação de fatores nos campos sociais, campos de atuação em que cada pessoa participa num determinado momento e espaço. Tendo em vista, que os agentes

sociais são responsáveis pela construção do seu mundo social, observam-se seus discursos, práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas neste espaço social, em meio às contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002).

Através de narrativas pautadas em suas memórias, das vivências, erros e acertos, dos momentos lúdicos e técnicos, da formação e autoformação, da integração e socialização, o produto do relatório técnico intitulado “Eu, o Outro, Nós: Uma construção” é apresentado através de um documentário envolvendo narrativas dos integrantes e ensaios e apresentações da peça teatral produzida por eles, revelando uma possível ampliação de suas constituições identitárias, proporcionado assim, pelas relações sociais oportunizadas pelos laços criados neste espaço de memória. Este documentário é condição parcial para a titulação do mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais.

Por último as conclusões, referências, anexos e apêndices (termo de livre consentimento, roteiro da pesquisa).

1.1 Memorial

Há uma afinidade entre a pesquisadora e a pesquisa em relação à formação de memórias e a construção identitária de jovens participantes de um grupo, neste sentido, a seguir é apresentado um breve memorial (em primeira pessoa do singular), que caracteriza a importância do projeto em questão. O presente memorial descreve a minha vida pessoal atrelada ao contínuo processo ensino-aprendizagem, o qual sempre esteve presente e direcionado por fatos e escolhas pessoais num caminho repleto de conquistas e realizações. Apresento este documento com relatos e reflexões, visto ser um momento de análise de quarenta e sete anos vividos, com momentos de entusiasmo, de superações, de criatividade, de fé e esperança, pensando no ser humano como um todo que faz parte de algo maior.

Filha do meio, com meus quatro irmãos convivi num ambiente familiar no qual as figuras materna e paterna eram bem definidas e nos ensinaram a importância da irmandade e fraternidade, bem como lutarmos para conquistar nossos objetivos com autonomia e dedicação. Ainda na infância, adotei São Luiz Gonzaga, cidade missioneira situada no interior do estado, como minha cidade natal que trago no coração, pois lá iniciei a traçar meus primeiros caminhos, conquistei primeiros

amigos e aprendi a cultivar as tradições gaúchas.

Foi na Escola Maria Mazzarello que aprendi a diferenciar os papéis que um professor assume para garantir o ensino-aprendizagem dos seus educandos com firmeza e encantamento, pois me lembro de situações da minha primeira escola onde os deveres escolares, muitas vezes severos devido às ideias e sabatinas da congregação salesiana, eram alternados com alegrias das primeiras descobertas do letramento, logo, da alfabetização.

Meu desenvolvimento pessoal e profissional se formou a partir de vários olhares que me acolheram e me incentivaram no caminho da Educação desde o magistério que iniciei no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora em São Luiz Gonzaga e finalizado no Colégio Bom Conselho de Porto Alegre. Minha primeira experiência como professora se deu numa escola pública muito carente no bairro Cruzeiro do Sul, onde como estagiária, tive a oportunidade de vivenciar a importância que o educador tem na construção da cidadania dos seus educandos, como parceiro do aprender para a vida.

Dando continuidade aos estudos, ingressei no curso de Pedagogia com Habilitação em Pré-escola na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Com o objetivo de enriquecer meus conhecimentos, optei desde o início da faculdade estagiar em escolas que pudessem me oportunizar trocas de experiências e crescimento pessoal e profissional. Após formação acadêmica, em 1996, fui morar em Estrela onde até hoje resido com meu marido e meus filhos, pessoas maravilhosas que tenho a graça de conviver diariamente.

Do tempo narrado da minha trajetória na educação, trabalhei quinze anos com a Educação Infantil para depois em 2009, no Colégio Santo Antônio, escola onde até hoje trabalho, iniciar a dar aulas nos Anos Iniciais, experiências diferentes e gratificantes que se complementam nas lembranças e histórias de aprendizagem pela construção do conhecimento, de respeito à diversidade pelo valor da pessoa humana e da convivência. Há dois anos passei a compor a equipe pedagógica como Coordenadora contribuindo para o aprimoramento da gestão pedagógica na instituição.

No decorrer da minha trajetória profissional, sempre senti a necessidade de aperfeiçoar meus conhecimentos realizando especializações que me oportunizaram crescimento. Por saber da importância da formação psíquica do ser humano como pessoa, em 2001 realizei uma Formação em Arteterapia que usa recursos

expressivos visando o desenvolvimento pessoal através da arte. Em 2006 conclui a Formação em Psicopedagogia Institucional e em 2015 o Curso de Especialização em Gestão e Docência do Ensino Superior na Faculdade La Salle de Estrela, aprimoramentos que me oportunizaram vários campos de atuação dentro da educação. Em 2017, ingressei no curso de Psicologia na Universidade do Vale do Taquari a fim de continuar o processo de aprendizagem pensando no ser humano como um todo, que convive com diferentes atravessamentos e inúmeras possibilidades no decorrer da sua caminhada.

Analisando a formação do curso de Pós-Graduação Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, acolhi a ideia de participar desta formação pesquisando junto à linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Esta linha de pesquisa aborda o estudo interdisciplinar voltado para a construção de conhecimentos básicos e aplicados relativos à memória e suas relações e análise de elementos geracionais, étnicos, religiosos na formação e transformação de identidades coletivas, indicadores de pesquisa que possibilitam a contribuição para a compreensão das relações sociais como processo da construção do “eu”, considerando a subjetividade de cada um e como as relações se constituem numa produção discursiva. Temas de suma relevância na compreensão do social.

1.2 Problemática de pesquisa e objetivos

Buscando lançar luz sobre o processo de compreensão das identidades individuais e coletivas de jovens artistas, esta pesquisa se debruça sobre o fazer teatral do Go.Star onde se questiona: Como um grupo de teatro promove a interação e auxilia a complexidade de construção de identidades? Como através da pesquisa no campo da memória é possível buscar a representação simbólica das identidades dos indivíduos? A proximidade social do grupo e da família asseguram as condições de crescimento e socialização recondicionando e/ou resignificando o grupo? Como o capital cultural, social e o *habitus* se situam nesse espaço e grupo pesquisado? Como compreender e explicar o sentimento desses atores envolvidos nas entrevistas através da conversão do olhar?

Com base nos questionamentos, focando nas narrativas coletadas e nos referenciais teóricos desse relatório técnico ficou assim formulado o objetivo geral: Compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais do

grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória na formação sobre suas identidades e dar visibilidade, através de um documentário, do capital cultural e social que está sendo construído.

Por sua vez, os objetivos específicos deste relatório técnico são:

- a) compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais de pertencimento ao grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória na formação sobre suas identidades de jovens artistas;
- b) descrever o capital cultural e social que está sendo constituído através da interação do grupo Go.Star nas aulas e práticas dos jovens;
- c) dar visibilidade a cultura prática que está sendo desenvolvida pelo grupo Go.Star através do produto documentário intitulado “Eu, o Outro, Nós: Uma construção”.

A justificativa acadêmica deste relatório foi ampliar o campo de estudo da memória social e de compreender os estudos do capital cultural na medida em que se percebem as relações entre as culturas juvenis no processo de construção da identidade dos jovens, bem como, a construção de *habitus* fomentados a partir do capital cultural e social envolvidos nesta construção de memória social e de individuação, como questões, que instigam os agentes sociais que fazem parte deste meio.

A justificativa social deste relatório é reconhecer o desenvolvimento da inteligência, afetividade, paixão, emoção, que as pessoas carregam na formação da sua cultura de conhecer o mundo na medida em que fazem parte destes espaços sociais, nos quais realizam trocas, e a partir delas, vão se constituindo como agentes sociais através das relações interpessoais, que facilitam determinadas ações apoiadas nas relações sociais.

A justificativa pessoal deste relatório se dá, na medida em que, se avaliou a importância de pensar a construção identitária dos jovens considerando aspectos relativos à memória social e a construção de capitais cultural e social a partir de estudos referentes a estes processos. Uma vez que a formação de um novo *habitus* a partir das descobertas realizadas, vai oportunizando refletir sobre um grupo social compreendendo essas relações sociais como processo da construção do “eu”, numa produção discursiva.

1.3 Estado da Arte

A partir do levantamento realizado junto à Fundação CAPES, no Catálogo de Teses e Dissertações, foi possível observar o grau de importância e de interesse em pesquisadores nos temas que envolvem essa pesquisa. Os descritores deste relatório são: Memória, Identidade, Pertencimento, Capital Cultural e Social.

Quadro 1 – Teses e Dissertações segundo CAPES

Pós-Graduação	Memória	Identidade	Pertencimento	Capital cultural e social	Total
Mestrado e Doutorado (geral)	32.116	39.092	3.469	1.207.162	74.677
Mestrado e Doutorado (últimos 3 anos)	8.033	8.795	976	221.374	17.804
Mestrado e Doutorado (último ano catalogado)	2.249 (2018)	2.668 (2018)	326 (2019)	75.670 (2018)	5.243 (2018)

Fonte: adaptado pela autora (2020) de Catálogo... (c2016).

Referente ao quadro 1, foi possível observar de maneira geral que o tema Capital cultural e Social é de maior interesse aos pesquisadores, principalmente nos últimos três anos. No entanto, em 2019, somente foram escritas teses e dissertações sobre o descritor Pertencimento, enquanto que os demais descritores não foram apresentados em pesquisas. Sobre Capital cultural e social, foi possível observar que houve grande interesse por parte de pesquisadores em relação a este tema comparado aos demais, sendo que a última tese e dissertação apresentada foram em 2018.

A seguir, uma amostra das teses e dissertações publicadas no CAPES sobre os referidos temas:

Na primeira parte ao pesquisar os descritores que envolvem o artigo 1 do relatório Memória, Identidade e Pertencimento foi encontrado o levantamento apresentado no quadro 1 conforme o filtro nos últimos 05 anos:

Descritor: Memória

- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado geral – o 32116;
- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado (2015, 2016 e 2017) – 8033;
- Trabalhos encontrados em Mestrado (2017) – 2066;
- Trabalhos encontrados em Doutorado (2017) – 855.

Quadro 2 – Quadro referente a artigos que envolvam o descritor Memória

Artigos que envolvam o descritor Memória
LIMA, KARLA MARIA NEVES. Memória: Tecendo a atividade plural Ressonâncias entre a noção de poder de agir e a formação de Residentes em Enfermagem Obstétrica' 21/09/2017 192 f. Doutorado em psicologia instituição de ensino: universidade federal fluminense, Niterói biblioteca depositária: biblioteca central do campus do Gragoatá
OLIVEIRA, RENATA DE ALMEIDA. Memórias da devoção: estudo de caso sobre a festa de santo antônio nas cidades de duque de caxias – rj e lisboa, portugal' 23/06/2017 231 f. doutorado em memória social instituição de ensino: universidade federal do estado do rio de janeiro, rio de janeiro biblioteca depositária: unirio
SA, DENISE MARIA QUELHA DE. núcleo de arte nise da silveira: entre o tempo e o contratempo, a composição de uma memória do/no corpo' 26/04/2017 227 f. doutorado em memória social instituição de ensino: universidade federal do estado do rio de janeiro, rio de janeiro biblioteca depositária: unirio
ROBERTO, FRANK WILSON. A memória social do campo da cultura popular: a comunidade de cirandeiros de tarituba (paraty)' 27/07/2017 175 f. doutorado em memória social instituição de ensino: universidade federal do estado do rio de janeiro, rio de janeiro biblioteca depositária: unirio
FIGUEIRA, SANDRA DE ALMEIDA. as causas da persistência na prática de atos criminosos' 11/04/2017 240 f. doutorado em memória social instituição de ensino: universidade federal do estado do rio de janeiro, rio de janeiro biblioteca depositária: unirio
COSTA, ROBSON SANTOS. OS JOGOS DE MEMÓRIAS E A CONSTRUÇÃO DE UNIVERSOS: AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS' 19/07/2017 242 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO
SILVEIRA, COSME JOSE MARQUES DA. DA CAPO, A ORQUESTRA EM ENSAIO: MÚSICOS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS' 21/06/2017 190 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO
CORREA, VITOR FREIRE. PATRIMÔNIO ARQUIVÍSTICO DIGITAL: PRÁTICAS MEMORIAIS DE PRESERVAÇÃO DIGITAL DOS ARQUIVOS PÚBLICOS NO BRASIL' 20/02/2017 199 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO

Artigos que envolvam o descritor Memória
MECCA, RENATA CARUSO. DAR A VER O QUE ESTÁ AO LADO: POLÍTICA, ESTÉTICA E MEMÓRIA NO PRÊMIO ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO' 01/06/2017 340 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO
CAMPOS, TAMARA DE SOUZA. SELF EM CONSTRUÇÃO: ETNOGRAFIA DA FORMAÇÃO DE UM REGENTE' 09/02/2017 210 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO

Fonte: adaptado pela autora (2020) de Catálogo... (c2016).

Descritor: Identidade

- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado geral – 39092;
- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado (2016, 2017 e 2018) – 8795;
- Trabalhos encontrados em Mestrado (2018) – 1666;
- Trabalhos encontrados em Doutorado (2018) – 703.

Quadro 3 – Quadro referente a artigos que envolvam o descritor Identidade

Artigos que envolvam o descritor Identidade
MOREIRA, ALEX. A Emergência do Sujeito Bandido e as transformações no Mundo do Crime: novas identidades em contextos de Modernidade Periférica Radicalizada' 21/12/2018 154 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
COUTO, JOSE ALBERTO VENTURA. FORMA E CONTEXTO - O Museu da Imagem e do Som/RJ e a Ampleação da Biblioteca de Estocolmo' 31/10/2018 350 f. Doutorado em ARQUITETURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Arquitetura
ALMEIDA, SABRINA SOARES D. Guardiãs das folhas: mobilização identitária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício' 10/09/2018 208 f. Doutorado em CIÊNCIA SOCIAL (ANTROPOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: undefined
PAVONI, MANFREDO. O PODER TRASFORMADOR DO TERRITÓRIO: COMUNIDADES EM CONFLITO NO MANGUE E NA NEVE FRENTE AOS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO' 27/04/2018 278 f. Doutorado em ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: CEAOUFBA
PELLERANO, JOANA ANGELICA. A gente carrega a comida com a gente': consumo alimentar como processo comunicativo na convivência intercultural' 11/12/2018 267 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO Instituição de Ensino: ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING,

Artigos que envolvam o descritor Identidade
São Paulo Biblioteca Depositária: Escola Superior de Propaganda e Marketing SANTOS, RENATA FERREIRA DOS. Dança e sua influência no processo de desenvolvimento da resiliência e superação em pessoas com e sem deficiência' 04/06/2018 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: BC-UNICAMP
RIBEIRO, ROBERTHA PEDROSO TRICHES. INTELECTUALIDADE LUSO-BRASILEIRA: ARTE, IMPRENSA E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE JOSÉ AUGUSTO CORREIA VARELLA' 26/03/2018 328 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá
LIMA, AMAURI DE. Ficção e reconhecimento: Mia Couto e o discurso da experiência - uma análise sob a perspectiva da Linguística de Corpus' 10/09/2018 131 f. Doutorado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Cascavel Biblioteca Depositária: campus Cascavel
OLIVEIRA, ANA AMELIA NERI. ENTRE O RIO E O MAR: PRÁTICAS CORPORAIS E COTIDIANO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CUMBE' 07/12/2018 182 f. Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital da UnB
SANTOS, PRISCILA DA SILVA. Narrativas silenciosas: identidade e imigração na Educação Infantil ' 05/10/2018 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP

Fonte: adaptado pela autora (2020) de Catálogo... (c2016).

Descritor: Pertencimento

- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado geral – 3469;
- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado (2017, 2018 e 2019) – 976;
- Trabalhos encontrados em Mestrado (2019) – 186;
- Trabalhos encontrados em Doutorado (2019) – 95.

Quadro 4 – Quadro referente a artigos que envolvam o descritor Pertencimento

Artigos que envolvam o descritor Pertencimento
FAMILIAR, MARIA PRISCILLA VIEIRA COELHO. For the conquest of an inheritance: the Sistine as Bild in the light of Heidegger' 16/11/2017 154 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: setorial do CTCH
OLIVEIRA, BRUNO PACHECO DE. Raposa Serra do Sol: vínculo e pertencimento.' 29/04/2019 230 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: CCSA/ICS
TOSO, CLAUDIA ELIANE ILGENFRITZ. CONHECER PARA PERTENCER: A

Artigos que envolvam o descritor Pertencimento
RELAÇÃO CRIANÇA, ESCOLA E CIDADE' 22/11/2018 154 f. Doutorado em EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS Instituição de Ensino: UNIV. REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, Ijuí Biblioteca Depositária: MARIO OSORIO MARQUES
SANTOS, KARINA MIZUKI DIAS DOS. VITALIDADE COMUNITÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE AMAZONAS EM SALVADOR (BA)' 23/02/2018 309 f. Doutorado em DIFUSÃO DO CONHECIMENTO IFBA - SENAI/CIMATEC - LNCC - UNEB - UEFS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: FACED
BAROM, WILIAN CARLOS CIPRIANI. INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: A noção de pertencimento latino-americano de jovens brasileiros no ano de 2013' 03/03/2017 253 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - Campus Uvaranas
CORDEIRO, LEANDRO BATISTA. Latitudes e Longitudes do futebol sem fronteiras 27/07/2017 undefined f. Doutorado em Estudos do Lazer Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: undefined
VALLENTIN, RITA. Belonging and Language Use. Narrating, categorizing and positioning in a Guatemalan highland community' 21/11/2017 321 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BCG - Biblioteca Central do Gragoatá
BORTOLINI, TIAGO SOARES. Bases neurais da cooperação: efeitos do pertencimento a grupos sociais' 25/09/2017 116 f. Doutorado em CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde
ACIOLI, ADENIZE COSTA. PERTENÇO OU NÃO PERTENÇO: análise dos discursos de alunos cotistas do curso de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas' 06/07/2017 103 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC/MG
MATOS, SILVIO SIMAO DE. Subjetivação e Ativismo nos canais DePretas e Louie Ponto: identificação, engajamento e pertencimento' 04/09/2019 250 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca da Escola de Comunicação da UFRJ

Fonte: adaptado pela autora (2020) de Catálogo... (c2016).

Na segunda parte, ao pesquisar os descritores que envolvem o artigo 2 do relatório que são Capital Cultural e Social foi encontrado o levantamento apresentado no quadro 4 conforme o filtro nos últimos três anos (2018, 2017, 2016):

Descritor: Capital cultural e social

- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado geral – 1207162.
- Trabalhos encontrados em Mestrado e doutorado (2016, 2017 e 2018) – 221374;
- Trabalhos encontrados em Mestrado (2018) – 52595;
- Trabalhos encontrados em Doutorado (2018) – 23075.

Quadro 5 – Quadro referente a artigos que envolvam os descritores Capital Cultural e Social

Artigos que envolvam os descritores Capital Cultural e Social
LIMA, CAROLINE DE PAULA FERNANDES DE. SÃO BENEDITO, FESTA E RESISTÊNCIA CULTURAL: A CONTRIBUIÇÃO DO CAPITAL SOCIAL NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL' 26/10/2018 undefined f. Mestrado em Gestão Pública e Sociedade Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS, Varginha Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus Varginha
GUERRIEIRO, LIDICE DE BARROS. A gramática do social: considerações sobre os atuais processos de construção de hegemonia na cidade do Rio de Janeiro' 06/06/2018 205 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: ICS/PPCIS
ORIO, MATEUS VIEIRA. LAZER E CAPITALISMO: A APROPRIAÇÃO DO TEMPO LIVRE PELO CAPITAL' 10/05/2018 209 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: UFG
RIBEIRO, CLAUDIA. OFICINAS DE LAZER E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL E EMPODERAMENTO DE MULHERES' 21/08/2018 128 f. Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: SIBI UCB
GUEDES, FERNANDA CRISTINA CARDOSO. Uma visita ao Museu Nacional. Classes populares e o consumo da cultura expresso em sites de redes sociais' 31/08/2018 173 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá
BAIOTO, CARLOS DANIEL. CULTURA COOPERATIVISTA COMO POTENCIALIZADOR DE EFICIÊNCIA COOPERATIVISTA: UM ESTUDO DE CASO DA COOPERATIVA DE CRÉDITO SICREDI PIONEIRA' 19/01/2018 234 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: UNISINOS
ALBANO, ANNA LUISA PORTELA DE DEUS. Entre a cidade de concreto e a cidade narrada: O imaginário na poesia de Nicolas Behr' 08/06/2018 232 f. Mestrado em ARQUITETURA E URBANISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - UnB

Artigos que envolvam os descritores Capital Cultural e Social
LEITE, ANA JESSICA SANTOS. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA JUSTIÇA FEDERAL: ESTUDO DO ALUGUEL INTELECTUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS PERITAS FORTALEZA – CEARÁ 2018' 31/08/2018 81 f. Mestrado em Serviço Social, Trabalho e Questão Social Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Universidade Estadual do Ceará
SILVA, SEBASTIAO CARLOS RODRIGUES DA. A Polícia Comunitária em Mato Grosso: tensão entre Estado e sociedade' 31/01/2018 196 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Central
SOUZA, TAIANE OLIVEIRA. CAPITAL SOCIAL E PERCEPÇÃO DE SAÚDE BUCAL EM ESCOLARES: UM ESTUDO DE BASE POPULACIONAL' 26/07/2018 72 f. Mestrado em ODONTOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI, Diamantina Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Fonte: adaptado pela autora (2020) de Catálogo... (c2016).

O levantamento efetuado colaborou com o enquadramento desse relatório para o entendimento de que o tema não é novo, mas existe um ineditismo na pesquisa relacionada ao grupo Go Star.

1.4 Referências

CATÁLOGO de Teses & Dissertações. *In*: CAPES. Brasília, c2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

2 NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR E SUA INFLUENCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

2.1 Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa, que tem como objetivo geral compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais de pertencimento ao grupo de teatro juvenil Go.Star, situado em Estrela, no estado do Rio Grande do Sul, na formação sobre as identidades de jovens artistas. O tema construção identitária, assim como, os desempenhos subjetivos, estão harmonizados nos demais conceitos como de memória social de Halbwachs (2006), de juventudes em León (2004); de pertencimento em Maffesoli (2001) e de identidade em Candau (2011). Metodologicamente, este artigo se situa como pesquisa social aplicada e qualitativa. As técnicas utilizadas foram levantamento bibliográfico, documental além do estudo de caso, e fez uso de instrumentos de coleta de dados, através da observação participante e entrevistas semiestruturadas com jovens envolvidos numa prática cultural e artística. Como resultado constatou-se que ao sentirem-se pertencente a um grupo, sua identificação e compromisso social envolvem as relações afetivas como a escuta atenta, e o acolhimento efetivo. Nesse sentido as troca de experiências, teóricas e práticas desenvolveram forças motivacionais como resultado do ambiente cultural em que vivem, afetando a maneira pela qual os sujeitos se percebem.

Palavras-chave: Memória social. Formação. Identidade. Grupo Go Star.

2.2 Introdução

O artigo tem como problema de pesquisa, a construção identitária, assim como, os desempenhos subjetivos, que estão presentes nos conceitos de memória social de Halbwachs (2006), de juventudes em León (2004); pertencimento em Maffesoli (2001) e de identidade em Candau (2011). Esta base teórica oferece condições de refletir sobre essas subjetividades constituídas que problematizam o objeto proposto, que tem como foco investigativo, um grupo de teatro juvenil e suas imersões de práticas artísticas e culturais na cidade de Estrela no Rio Grande do

Sul. Objetiva-se compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais de pertencimento ao grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória na formação de jovens artistas. O questionamento de pesquisa ficou assim estabelecido: Como a partir das narrativas de memórias foi possível revelar a influência do grupo teatral Go.Star na formação identitária individual e coletiva em uma amostra de participantes?

A justificativa deste estudo está em compreender a Associação Espaço da Arte, na cidade e o grupo artístico de teatro é formado por dezoito jovens, com idades entre 15 e 20 anos, que são convidados a participar ativamente das atividades, com o objetivo de produzir peças teatrais, contar histórias e desenvolver intervenções culturais na comunidade em que estão inseridos, além de compartilhar reflexões preciosas sobre o processo de criação artístico da obra dramática.

A compreensão do tema abordado neste artigo é de suma importância na medida em que nos deparamos com diferentes culturas em grupos juvenis, sabendo o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais e vice-versa. Busca-se proporcionar uma ampliação da compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, que podem ser observadas e incentivadas em escolas, comunidades e outros grupos e destacar o potencial da utilização da expressão artística como dispositivo para transformar e ampliar o capital social conforme Bourdieu (1996) que se baseia na confiança dos jovens através da promoção de atividades artísticas.

Os conceitos norteadores são de Halbwachs (2006) sobre o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais, considerando que elas se inspiram mutuamente ao ponto de que o sujeito não sabe o que lhe pertence, ou o que é do Outro, “[...] atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 47). Assim, a memória social formada socialmente corrobora na construção da identidade. Candau (2011, p. 50) nos remete a elucidar sobre a “[...] relação mutável que há entre as identidades individuais e coletivas, considerando que elas se formam e se transformam sob influências de um conjunto de representações, necessitando do reconhecimento do Outro”. Nesse sentido, é possível afirmar que as memórias são negociáveis e revogáveis, pois as “[...] atitudes e decisões tomadas cotidianamente, interferem [...] ao pertencimento e a construção identitária”,

segundo Bauman (2005, p. 17).

Também o conceito de juventudes é abordado e problematizado sob diferentes perspectivas, pois se faz necessário considerar a construção teórica que envolve este tema. León (2004) nos remete a um processo psicossocial da construção da identidade juvenil, e destaca que o contexto de relações e práticas sociais influencia. Isso nos leva a ideia de pertencimento abordada sob a teoria de Maffesoli (2001), que considerou as relações e interações dos jovens, produzem num determinado contexto, uma matriz identificatória, escolhida de acordo com os desejos, proximidades e distanciamentos. Pais (1990) afirma que as manifestações e expressões culturais juvenis se expressam em modos de vida e precisam ser contextualizadas socialmente em diferentes gerações.

Metodologicamente, este artigo se situa no campo da pesquisa social aplicada e qualitativa, conforme Goldenberg (2004), pois os sujeitos de estudo não são reduzidos a variáveis isoladas ou a hipóteses, mas vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, habitual. As técnicas utilizadas foram levantamento bibliográfico em livros, artigos e *sites*, análise documental, além do estudo de caso, que fez uso de instrumentos de coleta de dados através da observação participante, entrevistas semiestruturadas. O artigo está dividido nessa introdução, seguida pelo referencial teórico, detalhamento metodológico e análises. No encerramento, segue as conclusões e referenciais utilizados.

2.3 Referencial Teórico

Temas e conceitos se entrelaçam nas categorias memória social, juventudes, pertencimentos e na influência da formação da construção identitária e estão diretamente relacionados às relações sociais, ou seja, a própria sociedade e sua cultura. A sociedade, conforme os clássicos da sociologia podem ser considerados com vários aspectos, ou seja, como um organismo social, segundo Augusto Comte justificando “[...] a intervenção na sociedade e a necessidade de assegurar a ordem ou promover o progresso” (COSTA, 1997, p. 51) e, em Émile Durkheim, que ao avaliar a sociedade como organismo apresentou os estados patológicos e, portanto considerou o objetivo máximo da vida social deveria ser harmônica (COSTA). Em contraposição, também a emergência em compreender as relações de produção, conforme Marx, pois a “[...] estrutura social e a organização da sociedade

demonstraram o conflito da luta de classe e das relações do capital e trabalho com toda uma geração da mais-valia” (COSTA, 1997, p. 85). Para Marx o capitalismo é injusto e explorador (COSTA, 1997). Já em Weber a formação social e histórica passou a ser entendida pela busca de evidências onde desenvolveu os estudos organizacionais. “Sua contribuição reflete o sentido social e a dinâmica dos grupos sociais por meio das relações de poder” (COSTA, 1997, p. 70).

Os grandes conceitos refletem modos de pensar e de construir as dimensões sociais presentes até os dias atuais. Contudo, a socialização, objeto de todas as teorias clássicas e também das contemporâneas demonstram significância e merecem ser estudada. Hoje frente à multiplicação de rede de informação, vários são os parâmetros para a compreensão da vida social. Com muitos paradoxos presentes cabe aqui indicar um caminho de compreensão e explicação através de alguns conceitos. Com esses pressupostos cabe retomar o conceito de memórias, em Halbwachs (1990) que afirmou que cada memória individual, é um ponto de vista sobre a memória coletiva, ou seja,

[...] que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 51).

As lembranças são memoráveis pelos outros, na medida em que, há interação, pois os seres sociais, nunca estão sós, mesmo em aparência, visto que, os pensamentos e os atos são de natureza social. As memórias de um acontecimento se dão a partir de dados ou de noções comuns, que fazem parte da subjetividade de cada indivíduo, que participa deste fato, e que continuam fazendo parte do grupo. Cada membro do grupo percebe essa massa de lembranças transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, partindo de seu próprio ponto de vista.

Partindo das concepções sobre a formação de identidades e memórias, é possível pensar na construção identitária juvenil e suas implicações, pois segundo Candau (2011), a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa por sua vez, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais.

A construção pontuada pelo autor, diz de um trabalho de “[...] reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação ao seu passado para chegar a sua própria individualidade” (CANDAU, 2011, p. 16). Segundo Halbwachs (1990), o lugar recebe a marca do grupo por ele ocupado, e vice-versa:

Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais. e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável (HALBWACHS 1990, p. 133).

A partir de um determinado espaço sociocultural, de vivências e compartilhamentos de aspectos afetivo-cognitivos, da interação eu-outro-nós e considerando a formação psicossocial do indivíduo observado na construção da identidade individual e coletiva, que se fomentam as percepções e experiências através das relações pautadas nas culturas juvenis.

Nas últimas décadas, diversos estudos relacionados à juventude continuam chamando a atenção, no que diz respeito à construção identitária dos jovens e, os marcadores envolvidos nesta transição. Abordada em diferentes linhas e áreas de conhecimento, esta transição, de criança para adulto, envolve várias percepções, desde a Psicologia do Desenvolvimento inspirada na Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, como numa concepção de construção sócio-histórica, cultural e relacional nas sociedades contemporâneas. O conceito de juventude está muito atrelado ao de adolescência, tanto que muitas vezes estas palavras são utilizadas como sinônimas, principalmente no campo da psicologia do desenvolvimento, clínica e educacional. No entanto, ao analisarmos e delimitarmos estes conceitos, eles nos remetem a concepções distintas de sujeitos, mas que ao mesmo tempo, estão muito implicadas.

Segundo León (2004), diferentes concepções relacionadas à adolescência, clássicas e contemporâneas, do ponto de vista biológico e fisiológico, concordam que esta fase do desenvolvimento humano se estende da puberdade até o início da capacidade de reprodução, até que todas as estruturas e processos necessários tenham amadurecido. Do ponto de vista, do desenvolvimento cognitivo e intelectual, León (2004) referencia a teoria piagetiana, pioneiro no campo da inteligência infantil e que, denomina o processo no qual o adolescente tem a estrutura do pensamento a

nível abstrato, se aproximando a um modelo científico e lógico, de período das operações formais. Nesta fase, junto ao desenvolvimento cognitivo que se tem a configuração de um raciocínio social tomando como relevância os processos de identidade individual, coletiva e social, iniciando assim, a aquisição de habilidades sociais, conhecimento de aceitação/negação da ordem social e do desenvolvimento moral e de valores dos adolescentes.

León (2004, p. 89) pontua outra forma de conceber a adolescência a partir da teoria psicanalítica: “La teoría psicoanalítica concibe la adolescencia como resultado del desarrollo que se produce en la pubertad y que llevan a una modificación del equilibrio psíquico, produciendo una vulnerabilidad de la personalidad”. Assim, a adolescência, segundo a teoria psicanalítica, é conceituada, como um tempo do sujeito, uma passagem por processos complexos como: elaboração de perdas, de escolhas e de elaborações. Nesta perspectiva, a adolescência está atribuída diretamente a causas internas do sujeito e não classificada por uma idade, nem como período particular do desenvolvimento humano.

Em relação à teoria sociológica, o autor se serve das palavras de Delval (1998) para afirmar que a adolescência é um resultado das relações sociais ao qual o sujeito é submetido,

[...] la adolescencia es el resultado de tensiones y presiones que vienen del contexto social, fundamentalmente en lo relacionado con el proceso de socialización que lleva a cabo el sujeto y la adquisición de roles sociales, donde la adolescencia puede comprenderse primordialmente a causas sociales externas al mismo sujeto. La teoría de Piaget, releva los cambios en el pensamiento durante la adolescencia, donde el sujeto tiende a la elaboración de planes de vida y las transformaciones afectivas y sociales van unidas a cambios en el pensamiento, donde la adolescencia es el resultado de la interacción entre factores sociales e individuales (LEÓN, 2004, p. 89).

Sobre o conceito de juventudes, abordado sob diferentes perspectivas, no entanto, não é possível visualizar claramente uma construção teórica que problematize a realidade dos jovens e integre um marco de análise para a sua compreensão.

Cuando nos enfrentamos al concepto de juventud, éste es abordado desde distintas perspectivas, sin embargo, no se visualiza claramente una construcción teórica que problematice la realidad de los jóvenes e integre con ello un marco de análisis para su comprensión, y que tenga una tendencia hacia una visión más general de la juventud. Esto significa que no

se trata de negar la realidad que conforman a los jóvenes, ni tampoco definirlos como sujetos que constituyen una etapa del individuo humano, intermedia entre la niñez y la edad adulta, sino más bien, elaborar un cimiento teórico conceptual que posicione al concepto y que sirva para interpretar los fenómenos juveniles antes de trabajar con el objeto real que son los jóvenes (BRITO, 1996) (LEÓN, 2004, p. 91).

Para a definição de juventudes, León, (2004), articula dois conceitos: o juvenil e o cotidiano. O juvenil nos remete ao processo psicossocial da construção da identidade, enquanto que o cotidiano, ao contexto de relações e práticas sociais em que esse processo é realizado, ancorados em fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos. Sob esta perspectiva, a visão sobre o protagonista é incorporada à variação sociocultural e demográfica, a psicológica, “[...] entonces lo que incluye es la variable vida cotidiana que define la vivencia y experiencia del período juvenil” (LEÓN, 2004, p. 92).

Diante das necessidades de conversar e diferenciar adolescência e juventudes, estudos constroem e desconstroem significados em contextos e históricos específicos e processos permanentes de ressignificações. Guimarães e Macedo (2009) abordam em seus estudos as ideias de Pais (1996), afirmando que não há de fato um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. Assim, a ideia de juventudes considerada neste trabalho, nos remete a uma pluralidade de pensamentos, sentimentos, histórias, culturas e linguagens abordadas num grupo heterogêneo, referindo-se a ideia de juventudes como uma construção sociocultural.

[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos (GROPPO, 2000, p 8. *apud* GUIMARÃES; MACEDO, 2009, p. 4).

Considerando a ideia de construção sociocultural, nos remetemos à ideia de coletividade, de um conjunto de sujeitos com características, objetivos e interesses em comum, e que pertencem a um determinado grupo. Quanto à ideia de pertencimento, os autores se servem das ideias de Maffesoli (2001) afirmando que a escolha e adequação em um determinado grupo, “tribo” conforme o autor gera uma matriz identificatória observável nos códigos dos integrantes, hábitos compartilhados, ideologias, bem como, nos deveres e obrigações para com a organização social, características visíveis e reconhecíveis, induzindo a ideia de

exclusividade. Essa socialidade é escolhida de acordo com o desejo, o que se quer próximo e o que se quer distanciar. A ideia de pertencimento a uma determinada tribo se afirma nas relações e interações que os jovens produzem num determinado contexto.

As práticas culturais juvenis, atravessadas pela sociologia do lazer, segundo Pais (1990), encontram-se distanciadas do universo das normas e valores impostos pelos mais velhos, o que não significa que não produzam o seu próprio *nomos*. Segundo o autor, as manifestações das expressões e culturas juvenis são tão passivas quanto anômicas, ao mesmo tempo, em que evidenciam um protagonismo ativo, expresso em modos de vida especificamente juvenis.

Para o autor, as práticas culturais necessitam ser repaginadas e centralizadas (PAIS, 1990), uma vez que são colocadas às margens do discurso sociológico. Elas precisam ser contextualizadas, para que seja observada a condição social em que os jovens se encontram, com suas práticas a partir dos estilos particulares de vida ou condicionamentos sociais derivados da estrutura de classe em que se encontram desenvolvendo suas práticas, bem como, considerando a condição geracional, logo, possíveis distanciamentos entre as diferentes gerações acerca das normas sociais mais prevaletentes em cada uma.

Na linha de uma certa tradição sociológica, qualquer sociedade ou comunidade pode entender-se, como Parsons o entendia, como um «sistema social orientado por valores», sistema esse que se pode definir como um conjunto de instituições estruturalmente consistentes que expressam e «determinam» — mas sempre? — as normas e as funções desse dado sistema de valores. Estes valores seriam interiorizados mediante processos de socialização, de modo a servirem como padrões pessoais, morais e ideológicos definidores da realidade (PAIS, 1990, p. 593).

Neste sentido, faz-se importante questionar a importância da necessidade de compartilhar as mesmas ideologias, expressões e práticas de diferentes grupos, de contextos e gerações distintas, uma vez que, nem sempre são elas que os definem como um todo. A partir dessa posição na sociedade, os indivíduos constroem conhecimentos de mundo, segundo Teves (1992), logo, se constituem sob as múltiplas relações sociais, relações essas que vão configurando suas carências, seus desejos, suas fantasias, suas intuições.

Dada a multiplicidade de influências socioculturais segundo Raupp (2016) as juventudes na construção da sua identidade, passam a se constituir como sujeitos

portadores de uma bagagem com traços e influências familiares, de “tribos”, conforme Maffesoli (2001) desenvolveu e de culturas juvenis as quais fazem parte, e também por experiências vividas, suas memórias individuais, atreladas aos eventos individuais, se produzem nas relações com o outro, com os grupos e entre os grupos ao qual se faz parte. O processo de construção da identidade juvenil é complexo e contínuo. É uma ação contínua associada a condicionantes que envolvem experiências pessoais, familiares, sociais, culturais e históricas.

Uma identidade abrange a compreensão do Eu, logo, a ideia do Outro. A identidade não está relacionada apenas com o indivíduo, mas também com o Nós, a partir da concepção que tem de si, logo, do grupo. Tem um componente de inclusão e de exclusão, de fazer ou não parte, porque elementos de um mesmo grupo trazem consigo a mesma identidade social e, ao mesmo tempo, são diferentes socialmente de outros grupos. É, através da interação e da socialização, que as trocas coexistem e contribuem para a formação das memórias, logo da identidade dos sujeitos.

A identidade de cada sujeito é construída a partir das suas memórias, nas significações e apropriações do seu passado, que por sua vez, também sofrem mudanças, na medida em que, o sujeito vai se constituindo a partir das influências do presente. Segundo Candau (2011), a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também modelada, logo, é possível afirmar que há um reforço mútuo entre a memória e a identidade na formação do sujeito, não podendo assim dissociá-las.

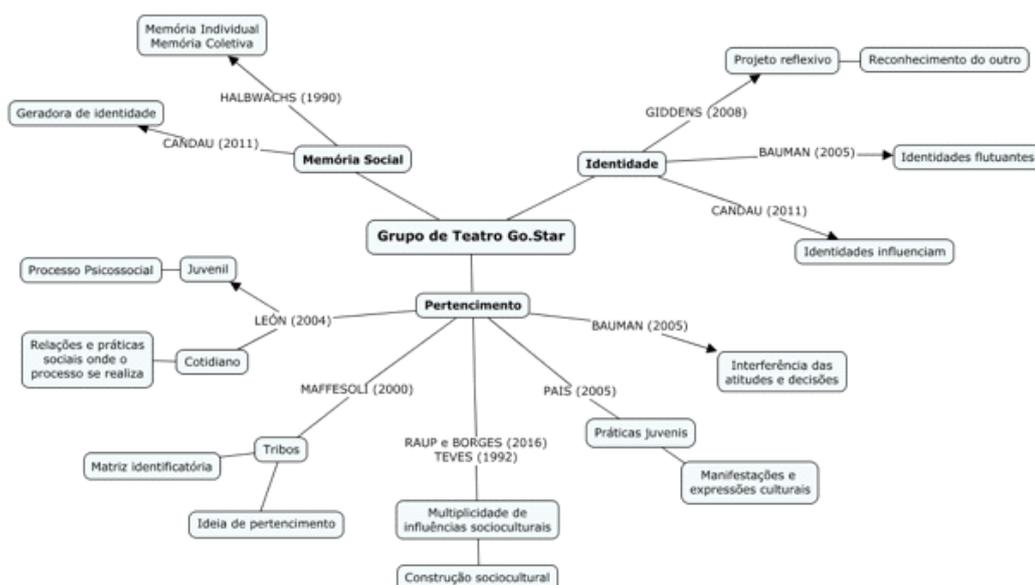
Como representação do Eu, da ideia do ser, numa concepção utilizada na área das Ciências Humanas e Sociais, parte-se do pressuposto que a identidade, é uma representação do sujeito e, recebe influências do coletivo e a ele também influencia. A singularidade de cada sujeito é que fará a diferença na sua constituição, isso nos remete ao grupo, que é formado por diferentes sujeitos, cada um com sua singularidade. Corroborando com isso, Candau (2011) e Bauman (2005) apresentam que “[...] as identidades flutuam no ar, devido a própria escolha, infladas e lançadas pelas pessoas no entorno sendo necessário estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19). Sobre identidade, Bauman (2005, p. 17) descreve:

[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a

determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade.

As identidades se formam e se delineiam aos poucos, sob as influências de conjuntos de representações, “[...] em uma relação sempre mutável mantida com o outro” observou Candau (2011, p. 50). As identidades, individuais e coletivas se entrecruzam por vetores, pois necessitam do reconhecimento do outro. A identidade, segundo Carvalho (2012, p. 213) se dá num conjunto de relações sociais, na qual a “auto-identidade”. E, conforme Giddens (2002) esse conceito de “projeto reflexivo” pessoal, tem o reconhecimento do outro, resultando de um processo de inter-relação entre o sujeito considerando a sua subjetivação, e a sociedade, logo, está no campo das identidades coletivas. É complexo, porque envolve uma preocupação em identificar-se, posicionar-se com e diante o Outro, um lugar de reconhecimento de si, de identidade individual, e de um reconhecimento de si no Outro, uma identidade social. Com base nessas referências teóricas um mapa conceitual da figura 1 agrega as categorias utilizadas de forma visual.

Figura 1 – Mapa Conceitual reunindo os principais conceitos e autores abordados para alcançar os objetivos desta pesquisa, e na resolução dos pontos a serem analisados:



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Assim, tendo por bases esses construtos teóricos que indicam as reflexões

sobre identidade; memória e pertencimento, segue o método utilizado.

2.4 Método

Como grupo, como uma instituição social na qual se expressam diferentes culturas juvenis, segundo o pensamento de Carvalho (2012), o Go.Star adquire um importante significado no processo de construção das identidades dos jovens, posto que constitui-se num espaço de produção de saberes, inter-relações, intenções e operações simbólicas investidas de afetos e representações acerca do conjunto de relações e práticas que tem uma referência comum, de tal forma que sejam acessíveis aos atores. Nesse sentido, seguindo os critérios de cientificidade, cabe informar as etapas que foram utilizadas para o desenvolvimento desse artigo.

O estudo de caso, teve como objeto de estudo desta pesquisa o grupo de teatro Go.Star orientado pela Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, situada no estado do Rio Grande do Sul. Esta escola de teatro tem uma forma de abordagem artística, cujo objetivo é promover a transformação pessoal e social através da arte, da educação e vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas. Este tipo de pesquisa envolve um amplo e aprofundado estudo para lidar com fatos/fenômenos. Conforme Yin (2001, p. 32) um “[...] estudo de caso é uma investigação empírica [...] de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, especialmente quando o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Por se tratar de jovens cumpre informar que o projeto de pesquisa passou por análise do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) obtendo o consentimento livre e esclarecido como anuência de seus representantes legais sob o parecer número 3.701.285 em 12 de novembro de 2019. Para a classificação de uma pesquisa aplicada exploratória e descritiva é importante informar que os procedimentos foram: pesquisa bibliográfica, documental e experimental onde o pesquisador através da pesquisa participante pretende compreender “[...] numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 78).

Assim, o problema sistematizado no questionamento “Como a partir das narrativas de memórias foi possível revelar a influência do grupo teatral Go.Star na

formação identitária individual e coletiva em uma amostra de participantes?” passou a ser abordado de forma qualitativa, de caráter descritivo, envolvendo dois níveis de investigação, em duas etapas distintas. Observação e coleta de dados:

1º etapa: Observação: Além do diário de campo da pesquisadora, foram observados anotações e narrativas dos integrantes do grupo redigidas no próprio Diário de Bordo Virtual do grupo, nomeado carinhosamente pelos integrantes de GO.STAR 2019 - Registro histórico-emocional. Este instrumento, que fica hospedado no *site Trello*, além de conter observações sobre as atividades, relatadas, também consta os sentimentos envolvidos entre os integrantes, além de angústias e curiosidades.

A acolhida do grupo de teatro à pesquisa permitiu uma “imersão” por parte da pesquisadora ao local de estudo, facilitando-lhe à compreensão de como se produzem as práticas sociais e o quanto as redes afetivas influenciam os integrantes do grupo no seu fazer artístico e pessoal. O emprego das observações ativas permitiu observar as atividades coletivas, tais como ensaios e apresentações das peças teatrais, oficinas artísticas, compartilhamento de sentimentos e afetividades. Nesses momentos a pesquisadora permanecia próxima aos jovens artistas e ao professor observando e registrando através de fotos e filmagens as tarefas que executavam através de fatos e diálogos para, posteriormente, transcrevê-los no diário de campo. Sua participação foi mais como ouvinte, a não ser que, por convite, participava das oficinas de massagem e relaxamento, atividades que aconteciam no início dos encontros, momentos de grande estreiteza entre os envolvidos. Nesse sentido, Minayo (2001), descreveu que sobre o trabalho de campo se apresentar como uma possibilidade de conseguir não só uma aproximação, mas conhecer e estudar, criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.

2º etapa: Coleta de dados com entrevistas e filmagens: Esta parte conforme, Bauer e Gaskell (2002, p. 65) tem como “[...] compreensão dos mundos da vida dos Entrevistadas e do grupo social.” Além dos objetivos da descrição a entrevista delineou a preparação e planejamento de um vídeo. Os processos sociais no grupo foram estudados demonstrando que o grupo em si refletiu as narrativas em construção que foram coletadas.

2.4.1 Instrumento de coleta de dados

Na primeira etapa buscou-se descrever a construção identitária de jovens que participam de um grupo de teatro considerando um componente que está constantemente se modificando, principalmente pela memória social, cujas significações e apropriações, e dissociação de memória e identidade fazem parte na formação do sujeito. O instrumento de coleta (APÊNDICE A) buscou as seguintes informações com questões semi-estruturadas. A realização de entrevistas, visava conhecer a trajetória de cada Entrevistada, sua opinião quanto ao fazer parte do Go.Star e o quanto a sua participação neste grupo influencia na sua constituição identitária.

Também um cunho etnográfico, fez-se uso de material proveniente das observações efetuadas (registradas em um diário de campo), diário virtual do Go.Star, filmagens e entrevistas. A adoção dessa fase possibilitou um conhecimento aprofundado das abordagens e do processo de construção e formação de peças teatrais do grupo de teatro, a partir da observação de seu cotidiano e funcionamento, e do acesso à opinião dos entrevistados por meio de conversas informais.

2.4.2 Atores da pesquisa

Realizaram entrevistas com o professor do grupo e cinco alunos (dois que faziam parte mais tempo do grupo, dois que estava há menos tempo, e um que se dispôs a fazer parte da pesquisa voluntariamente). Foram feito o uso do Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento e de som e imagem com os adultos, e Termo de Assentimento de Livre Esclarecimento com os jovens integrantes menores de idade. Conforme quadro de identificação dos entrevistados definiu-se o perfil:

Quadro 6 – Grupo de atores e perfil dos Entrevistados

Categoria	Idade	Tempo de atuação
A – Professor do teatro	43 anos	13 anos
B	16 anos	1 ano
C	18 anos	3 anos
D	17 anos	2 anos
E	19 anos	3 anos
D	18 anos	2 anos

Fonte: elaborado pela autora (2019).

As Entrevistadas e o entrevistado foram o identificado por letras de forma a manter sigilo parcial da sua identidade de forma a construir um protocolo de memórias sociais conclusivas.

2.4.3 Tratamento para os dados coletados

Os dados coletados foram analisados pelo método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), pois nas pesquisas qualitativas a escolha de método e técnicas para a análise de dados, segundo Campos (2004) devem obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta. Tal fato se deve, invariavelmente, à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados. Segundo Bardin (2011, p. 15), análise de conteúdo é “[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

A metodologia de análise de Bardin é composta de três etapas conforme quadro que segue.

Quadro 7 – Etapas de análise segundo Bardin (2011)

Pré-análise	Exploração do material	Interpretação dos dados
Fase da Organização	Aplicação sistemática das decisões tomadas a partir da pré-análise.	Tratamento dos resultados
Tem por objetivo: <ul style="list-style-type: none"> tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais. estabelecer um programa flexível e preciso. 	Tem por objetivos: <ul style="list-style-type: none"> codificar e categorizar os recortes 	Tem por objetivo: <ul style="list-style-type: none"> propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.
Composto por: <ul style="list-style-type: none"> leitura flutuante escolha dos documentos a serem submetidos à análise. 	Composto por: <ul style="list-style-type: none"> operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente 	Se dá a partir do pleno domínio do referencial teórico e clareza da hipótese de pesquisa delimitada.

Pré-análise	Exploração do material	Interpretação dos dados
<ul style="list-style-type: none"> ● formulação das hipóteses e dos objetivos. ● elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final ● preparação do material. 	<p>formuladas.</p>	

Fonte: elaborado pela autora (2019).

No decorrer da análise de dados, foram identificados temas significativos que emergiram a partir do trabalho de campo e das entrevistas realizadas, os quais delinearão e deram suporte para subseqüentes interpretações. A seguir serão expostos os temas que emergiram da análise de dados coletados. Inicialmente será descrito um histórico parcial do grupo de teatro Go.Star, objeto de estudo desta pesquisa, considerando sua estrutura e proposta de trabalho. Após, serão apresentados os temas que evidenciam as noções de pertencimento e construção identitária dos jovens integrantes e do professor de teatro, conforme os envolvidos na pesquisa.

Cumprê lembrar que o estudo não pretendeu generalizar as narrativas coletadas como sendo um padrão de todos os membros, visto que, abordou uma parte amostral do grupo Go Start no corpus, contudo nas análises. Essa amostra selecionada, foi denominada de grupo “Go. Star”. Também os dados visuais apresentados nesse artigo representam um acompanhamento de registro temporal enquanto documento visual das narrativas. Esses registros de imagem são aplicações potenciais, conforme o Bauer e Gaskell (2002) representam provas da pesquisa.

2.5 Análise de Dados

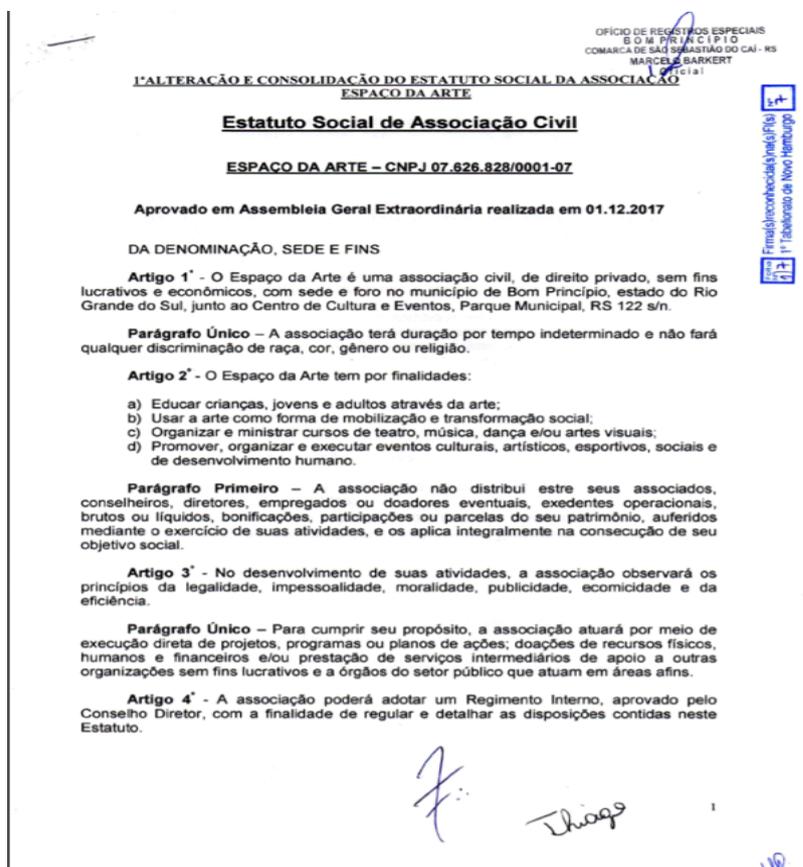
O processo de análise da construção da identidade num espaço privilegiado de transmissão e trocas de culturas e de produção de práticas sócio culturais, sobre o grupo de teatro Go.Star. Sob o enfoque da discussão de Rorty (2007, p. 67) citado por Carvalho (2012, p. 212) se destaca no “[...] sentido da identidade pessoal do ser humano”, a partir das diferenças que nos constitui ou de um sinal distintivo que nos

permite criar algo novo e uma nova linguagem.

2.6 Descrição parcial do contexto da pesquisa e a Go Start

O grupo de teatro Go.Star ministrado na Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, situada no estado do Rio Grande do Sul foi fundada em março de 2004, na cidade de Bom Princípio - RS, e teve como objetivo geral promover e/ou colaborar com a formação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, a arte/teatro socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas. O Espaço da Arte proporciona à comunidade aulas de teatro e dança, retiros, encontros e mostras artísticas em parceria com Prefeituras, entidades, organizações e iniciativa privada, atuando de forma descentralizada, conforme é constatado na figura 2, o Estatuto Social do Espaço da Arte, documento no qual a associação está assegurada quanto seus objetivos .

Figura 2 – Estatuto do Espaço da Arte



Fonte: Arquivo da associação Go.Star (2020).

As aulas do Go.Star são semanais, com uma carga horária de 2h30min, e acontecem no espaço cedido pela Casa de Cultura de Estrela, onde ocorrem atividades da Escola de Artes do Núcleo Cultural. O Núcleo Cultural é uma entidade fundada em julho de 1989, que visa à estruturação e implementação de uma Escola de Artes, contemplando as áreas da música instrumental, artes cênicas, danças e artes plásticas. A arquitetura do prédio revela ser um espaço propício para desenvolver habilidades de expressão artística como se pode constatar na figura 3.

Figura 3 – Casa de Cultura de Estrela



Fonte: elaborado pela autora (2020).

○ Go.Star tem o objetivo de produzir peças teatrais, contações de histórias e intervenções artísticas na comunidade em que estão inseridos com aulas ministradas pelo professor Fernando Tepasse, diretor do Go.Star e idealizador e CEO do Espaço da Arte. Na figura 4 é possível observar a integração do grupo ao explorar um ambiente no qual apresentaram um espetáculo.

Figura 4 – Integrantes do grupo de teatro Go.Star



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Para as apresentações de uma peça teatral, o grupo se reunia com mais

frequência para ensaiar a fim de aprimorar detalhes significativos para a *performance*. Percebia-se nestes momentos, maior envolvimento dos alunos e preocupação por parte do professor para que todos pudessem estar presentes conforme figuras 5,6,7,8. Cabe ressaltar, que quando um jovem artista não podia participar de uma apresentação, envolvendo viagens, o seu personagem passava a ser representado por outro, sendo assim, existia uma flexibilização, e troca de papéis entre os colegas, cuja orientação do professor é a organização do coletivo, na encenação da peça. Na figura 5 é possível observar as alunas ensaiando uma peça teatral.

Figura 5 – Ensaio da peça teatral “40 segundos”



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Na figura 6, percebe-se o grupo num momento de sensibilização, realizando trocas através de massagem e meditação ativa.

Figura 6 – Meditação e sensibilização



Fonte: elaborado pela autora (2020).

A socialização e os vínculos entre os integrantes do Go.Star são fortalecidos através de atividades extraclasse como confraternizações relacionados a datas comemorativas, na figura 7.

Figura 7 – Confraternização do aniversário da Dudys



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Dentre tantas atividades expressivas do grupo, os alunos tinham como responsabilidade também, fazer a divulgação das suas apresentações, tal qual é possível observar na figura 8, momento em que as jovens artistas gravavam a propaganda do espetáculo “40 segundos”, sob a orientação do professor.

Figura 8 – Gravação de comercial da peça de teatro



Fonte: elaborado pela autora (2020).

No período de pesquisa, o Go.Star estava montando e ensaiando uma peça de teatro, a partir de esquetes de outras já encenadas pelos grupos que, compõem o Espaço da Arte, montando assim, uma “Coletânea dos 15 anos do Espaço da Arte”,

uma adaptação dos trechos das peças criadas e apresentadas pelo grupo de alunos e ou professor. No decorrer das observações realizadas várias, outras encenações foram produzidas e apresentadas pelo grupo, nas escolas do município de Estrela, além das cidades vizinhas e de outras regiões do estado, assim como, nas comemorações da comunidade conforme figuras 9,10. O grupo reporta-se a apresentação que realizaram no Anfiteatro da Universidade do Vale do Taquari - Univates, na cidade de Lajeado, como o espetáculo de maior repercussão na região, devido ao grande número de espectadores, e por ser um espaço que hospeda apresentações de nível nacional e internacional na figura 11.

Figura 9 – Apresentação do grupo no Anfiteatro da Universidade do Vale do Taquari – Univates, na cidade de Lajeado



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 10 – Identificação do camarim no Anfiteatro da Univates na cidade de Lajeado



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 11 – Making of do grupo no camarim da Univates



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Devido a integração e os vínculos existentes entre os integrantes do Go.Star, é possível observar nas apresentações o quanto este sentimento de pertença auxilia-os nas dramatizações e nas improvisações, conforme figura 12.

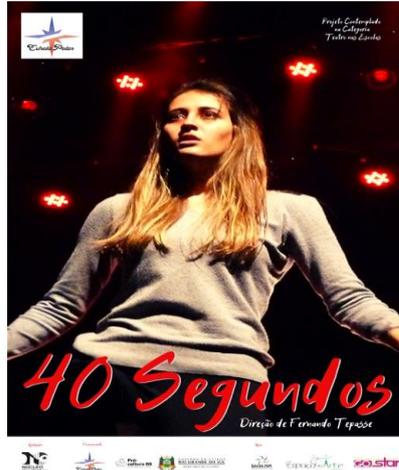
Figura 12 – Encenação da Coletânea dos 15 anos do Espaço da Arte



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Foram selecionados os cartazes das peças nas figuras de números 13, 14 e 15: “40 segundos” e “Duas vidas”. Através da construção de personagens e encenações de exercícios e jogos teatrais no final do ano, pouco tempo antes do recesso escolar começava a ser criada e/ou desenvolvida a dramaturgia “Abuso”. Também a demonstração do cartaz que marca o aniversário do Espaço da Arte.

Figura 13 – Cartaz da encenação da peça teatral “40 segundos”



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 14 – Cartaz da encenação da peça teatral “Duas vidas”



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 15 – Cartaz da Mostra de Teatro de Estrela na qual o Go.Star encenou “Homenagem aos 15 anos do Espaço da Arte



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Categoria	Questões do roteiro de entrevista	Subcategorias
	comportamentos? Quais?	

Fonte: elaborado pela autora (2019).

A construção social e identitária dos jovens artistas do grupo Go.Star é mutável, num processo ativo e contínuo similar a uma encenação de uma peça teatral na qual os personagens criam e recriam a todo instante seus papéis sociais, preparando, engajando, divertindo e encenando, se apropriando de múltiplas características, e nos seus encontros e ensaios semanais acontecem diferentes relações sociais. Através de várias conversas com os entrevistados foi possível colher algumas informações:

A partir das suas concepções de sujeitos pertencentes a um determinado espaço sociocultural, de vivências e compartilhamentos afetivos cognitivos, de interação eu-outro-nós e, de formação psicossocial tanto individual como coletiva, o grupo integrantes do grupo de teatro Go.Star se apresentaram.

Meu nome é Eduarda, eu sou do grupo Go.Star, eu tenho 16 anos atualmente, mas o grupo me conhece mais como Dudis. Eu faço teatro, acho que... Desde os meus seis, sete anos, por aí. Então, vai completar nove anos que eu faço, este ano. No Go faz um ano, eu entrei este ano também. Um pouquinho menos de um ano (entrevistada B).

Oi, eu sou a Michele, eu tenho 18 anos e eu tô bem feliz em fazer esse projeto (entrevistada C).

Oi, eu sou a Júlia, eu tenho 17 anos e no Go.Star eu sou a Juju. Estou no Go desde 2018 (entrevistada D).

Meu nome é Maria Eduarda, eu tenho 19 anos [...] Meu nome, dentro do Go.Star, é Duda Cabeluda, talvez pelo cabelo... É isso, eu acho (entrevistada E).

Eu sou a Vitória, do Go.Star, e dentro do grupo eu acho que eu sou uma das estrelinhas que hoje brilha muito, por resultado do que a gente faz ali, tanto no teatro e na... No companheirismo, na parceria, em toda ajuda que a gente recebe, tanto do Fê e dos outros participantes do grupo. Eu entrei no Go em 2017. São três... Dois anos (entrevistada F).

A partir das apresentações foi possível observar a importância que tem o reconhecimento do outro na construção da auto-identidade, num processo reflexivo. Ao anunciarem como são chamadas no “Go” (nome pelo qual chamam carinhosamente o grupo de teatro ao qual fazem parte), “Dudys, Juju e Duda Cabeluda”, revelam o quanto suas identidades são construídas, segundo suas

significações, e que segundo Bauman (2005), algumas são de suas próprias escolhas, mas outras lançadas, pelos que estão à nossa volta, neste caso, os demais integrantes do grupo. Aceitá-las ou não, remete a uma preocupação em identificar-se e posicionar-se com e diante o Outro, um lugar de reconhecimento de si.

A entrevistada F, ao comentar que “hoje ela é uma das estrelinhas que brilha muito” devido ao trabalho coletivo do grupo, nos apontou o quanto a identidade dos sujeitos se forma, construída através da interação e das trocas realizadas nas socializações existentes entre os sujeitos. Segundo Candau (2011, p. 50), “[...] as identidades se formam e se delinham aos poucos sob as influências de conjuntos de representações, [...] em uma relação sempre mutável mantida com o outro”.

Partindo da concepção de que pertencer a um grupo é um grande instrumento para desenvolver a consciência própria e coletiva, pois, propicia o “estar consigo mesmo” e também com o Outro, se entende o contexto ao seu redor e se relaciona com ele, com o seu significado de fazer parte de um grupo, que num processo ativo e contínuo, criam e recriam papéis sociais num determinado espaço, propício para as relações que ali se estabelecem.

Segundo Halbwachs (1990, p. 159), “[...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos”. As concepções coletadas do Go.Star quanto ao pertencimento e a relação, que possuem com este espaço de identificação, de vivência e de criação, revelaram que uma mesma prática artística, lhes influencia de maneira diferente, ao mesmo tempo que interfere na sua construção identitária. Conforme sua declaração informou o seu processo de aprendizagem e a indicação de uma experiência comportamental manifesta e da sugestão de seus pais para outra resposta emocional cognitiva a partir do trabalho em grupo:

Pra mim, teatro é como se fosse parte da minha vida agora. Como se fosse um pouquinho do meu DNA, que corresse pelo meu corpo, e é uma coisa que me caracteriza, assim como o meu nome, assim como o meu jeito de ser. [...] Passou a ser parte da minha vida. Desde muito nova eu sofria de ansiedade e tinha muita vergonha de me pronunciar em público, então eu tinha muito problema de socialização na escola e eu não conseguia falar com as outras pessoas. Então, a minha mãe me colocou no teatro pra que eu conseguisse desenvolver essa capacidade e me soltar um pouquinho mais (entrevistada B).

Nesse sentido, participar do teatro como um espaço sociocultural é algo particular de cada sujeito e da interação dele com o meio, com as pessoas ao seu entorno, principalmente a família, como sendo a primeira célula social. A ressignificação contínua se dá a partir das redes de relacionamentos, e é através dessas relações que são constituídas, reforçando a formação da identidade. Para justificar este pensamento, reporta-se ao motivo pelo qual as jovens artistas adentraram nesta carreira. Ao relato anterior das entrevistadas B e D se reitera a ideia da influência pelo Outro, assim como as dependências das relações e práticas sociais em que esse processo é realizado (LÉON, 2004). Nesse sentido, a narrativa da entrevistada D deixou claro:

Eu não fui bem motivada a fazer teatro, na realidade foi a minha mãe... Eu era muito pequena quando eu entrei, eu tinha seis anos, então foi a minha mãe que decidiu me colocar lá, e de início eu até não queria muito. Ela disse que pra melhorar a minha timidez, pra eu não ser mais tão tímida, pra eu ter mais desenvoltura, saber falar em público, seria legal que eu fizesse teatro (entrevistada D).

A partir da declaração exposta é possível lembrar a ideia de Halbwachs (1990) referente à memória individual, o qual afirma ser um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que este ponto é mutável de acordo com o lugar que se ocupa e, das relações que se mantém num determinado espaço, a entrevistada C remeteu a vivência no Go.Star, como algo prazeroso e acolhedor, condizente com a ideia de pertencimento a um grupo.

Pra mim, fazer teatro é como uma válvula de escape sabe? [...] Como quando tu tá muito acelerado, com esses dias muito acelerados e aí tu chega num lugar onde tu encontras as pessoas, que tu gosta e, tu te sente aliviado, assim, sabe? Pra mim, fazer teatro é como se eu entrasse em uma bolha e, eu estivesse segura ali dentro, sabe? Eu posso ser quem eu sou, e ser a Michele de verdade [...] A gente tem uma, como eu posso dizer... É tipo um lema, um lema do Go que a gente tem que sempre respeitar as pessoas, a gente tem que entender que as pessoas têm personalidades diferentes e acho que isso faz com que a gente tenha uma união muito forte. A gente preza muito pelo outro, e a gente tem aquela coisa de saber escutar, de saber ouvir, e eu acho que esse vínculo faz com que a gente seja cada vez mais próxima (entrevistada C).

A ideia de identificação com um grupo reportado nas palavras da entrevistada C, vão de acordo com o pensamento de Maffesoli (2001) quanto ao grupo gerar uma

matriz identificatória, que passa a ser afirmada nas relações e interações produzidas pelos jovens, num determinado contexto. Neste caso, pertencer ao Go.Star para o entrevistada C, é fazer parte de uma organização social exclusiva daqueles participantes.

A narrativa da entrevistada C viabiliza o conceito de imagem de cada participante, visto que eles se sentem institucionalizados, são iguais, são naturais nas cobranças, nas incertezas, no pensar em ser sujeito produzindo nessa organização. A ideia de pertencimento destacada na narrativa nos remete ao princípio hologramático de Morin (2000). Esse princípio indica que, como em um holograma, cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto representado; em qualquer organização complexa, não só a parte encontra-se no todo, mas o todo se encontra igualmente na parte. Aponta foco no todo e nas partes ao mesmo tempo, numa maneira complexa multidimensional, plural, transversal e interdisciplinar que se materializa na articulação do que é tecido junto. Na fala de Morin (2000), é a própria complexidade. No relato da entrevistada E, observou-se a ideia do quanto às relações sociais se constituem no espaço social que é o teatro, e se configuram conforme suas carências, desejos e anseios.

O teatro pra mim é... É vida, assim, é onde eu me encontro e... é onde eu consigo ser a Maria Eduarda, ser a Cabeluda, e me experimentar em diversos papéis e diversas personalidades ao mesmo tempo. Eu acho que isso... O teatro é uma experiência enriquecedora, que me transformou tanto na parte artística, quanto na parte pessoal (entrevistada E).

A ideia do imaginário se faz presente na fala da entrevistada E, ao mencionar a oportunidade de se experimentar em diversos papéis e personalidades. Da perspectiva identificatória do individual e do coletivo, Maffesoli (2001) afirma que o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de uma comunidade e que estabelece vínculo. “É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Sendo o Imaginário uma ficção, conforme Maffesoli (2001), o teatro, na sua trajetória, passou a existir conjuntamente à existência humana, na medida em que, os homens passaram a assumir outras personalidades e, delas a fazer jogos dramáticos. O Go.Star surgiu na cidade de Estrela com objetivos pedagógicos, como podemos observar no relato do professor responsável pelo grupo, e passou a ter

uma conotação especial para os jovens integrantes, um desejo, algo a ser conquistado.

O Go.Star nasce lá em 2007/2008, a partir de uma solicitação que me fizeram de fazer um espetáculo para uma escola falando sobre a questão da... De cárie, dente e coisa e tal, e aí eu reuni alguns alunos da oficina de teatro e surgiu a ideia, então, de ter um grupo oficial na cidade, na cidade aqui de Estrela, com base nas oficinas, e a partir disso ir se criando. Então, nesse ano foi no ano seguinte a gente conseguiu... A própria Secretaria de Cultura... Turismo pediu pra gente fazer uma peça sobre... Sobre a Rota Romântica, então a gente construiu uma história e assim foi indo. Foi indo e, cada vez mais, o trabalho se intensificando. Então surge a partir dali, e quem entra no Go são os alunos das oficinas, todos selecionados por mim [...] O Go.Star é, querendo ou não, um dos grupos mais ativos do Espaço da Arte, que mais tem ação, que mais tem trabalho, que mais... Esse ano, então, nem se fala, né? Foi o que mais trabalhou, de verdade, e isso faz com que eles se sintam parte de algo, de algo extremamente importante, que tem a ver com o Espaço da Arte e com a nossa missão, que é a ajudar a transformar vidas, e o Go é, sem dúvida nenhuma, um dos principais grupos que atinge esse propósito. Pra mim, especialmente, é uma honra trabalhar com eles, é uma alegria. Eu sou apaixonado por esse grupo, sou apaixonado por aquelas pessoas que estão lá, e a cada ano entra... É muito legal, porque tem uma mística, né, dentro do grupo. Tem um carisma ali que é único e que é diferente... É muito legal, porque é diferente dos outros grupos oficiais das outras cidades, e o Go é o único grupo que permanece junto desde a fundação, que nunca teve troca. Troca no sentido de que nunca parou um tempo. Outros grupos fizeram trabalhos muito legais, mas o Go permaneceu para sempre e esses não, porque mais que tenham tido experiências muito, muito, muito impactantes, digamos assim. Então, eu sou muito feliz de poder trabalhar com eles (entrevistada A).

O Go.Star traz consigo uma teia de significações que atravessa o imaginário dos seus integrantes. Fazer parte deste grupo seletivo remete a uma ideologia de sujeito baseado nas ideias de Althusser (1992), o *assujeitamento*. O indivíduo está sempre sujeito ao Outro, que o interpela constantemente num processo de reconhecimento/desconhecimento. O indivíduo não se dá conta que se identifica e se reconhece num discurso do Outro, se constituindo e se reproduzindo nas relações que ali se estabelece. A instituição Go.Star, baseada na ideia de transformação pessoal e social através da arte, da educação, da socialização promovendo reflexões e mudanças de paradigmas, reflete este processo apontado por Althusser (1992), no qual o indivíduo, diante da rede de sentidos existentes, filia-se e se afeta pela identificação, gerando assim, um discurso constitutivo do objeto

social. O discurso da entrevistada B reflete tal pensamento.

Pra mim, o Go é uma segunda família. Então, eu acho que... É um monte de gente lá reunida, diferente, e a gente tem... Cada um dá um pouquinho de si pra contribuir com o Go, então isso é uma troca de carinho, uma troca de amor e de experiência que a gente vai acumulando pra se tornar, cada vez mais, uma pessoa melhor. Então, é uma família (entrevistada B).

A fala da entrevistada B aponta o quanto o coletivo influencia na constituição do indivíduo, o quanto a experiência da troca com os colegas é prazerosa, os laços afetivos são evidentes na sua fala, aspectos reforçados pela entrevistada C, que reportou o quanto os aspectos afetivos envolvidos neste espaço, auxiliaram na sua formação psicossocial. Neste sentido, Halbwachs (1990) afirmou que a importância referida a algo ou alguém, nos é definido pelo lugar no conjunto dos outros, através das “interferências coletivas”. A entrevistada C se reportou às suas memórias e anseios ao comentar sobre sua entrada no grupo.

É um sonho, sabe? E é curioso porque, como eu faço teatro desde nova, pra mim, entrar no Go foi uma surpresa, sabe? Eu não acreditava que eu pudesse entrar... Quando, no final do ano, o Fernando pergunta, então, quem tem interesse, quem gostaria de entrar, e eu nunca tive aquela coisa de: ‘Meu deus eu quero, eu quero, eu quero entrar!’, sabe? Era uma coisa mais de tipo: ‘Ah, talvez, se eu entrar, não sei...’. Eu não tinha aquela confiança, assim. E aí, no último minuto ele me convidou e eu aceitei. Foi tipo um: ‘Tá bom, eu vou’. Eu não tinha muita expectativa, eu não tinha muita... Eu não tinha um sonho, assim, uma idealização e aí entrar foi... Eu comecei a acreditar mais em mim, comecei a confiar mais nas coisas que eu fazia, a ter uma certeza maior do meu potencial, e isso vem aumentando cada dia mais e, pra mim, fazer parte desse grupo é essencial na minha identidade, na construção da pessoa que eu tô me tornando, e é muito bom fazer parte desse grupo (entrevistada C).

Cabe ressaltar o conceito de identidade abordado neste artigo, pois percebe-se que a entrevistada parece confundir-se com a construção do sujeito que interfere na identificação e na identidade e ou nos processos de construção de sentido. Uma identidade abrange uma compreensão do Eu, logo, a ideia do Outro. Tem um componente de inclusão e de exclusão, de fazer parte ou não. Bauman (2005) alerta o quanto as identidades pairam no ar, algumas escolhidas pelo próprio sujeito, mas outras lançadas por quem está à volta. Cabe a ele defender as primeiras em relação às outras. A entrevistada C, como sujeito atribui sentido ao seu entorno, ao mundo

que lhe rodeia, tece o imaginário e a sua cultura (quer ser diferente), mas prende-se a ela na tentativa de explicar que ele era.

O tempo e o espaço se dão no âmbito da subjetividade, da troca de emoções e afetividade, conforme Jovchelovitch (1999). Na fala que segue, a entrevistada B se reporta ao tempo, indicando que a constituição de um sujeito depende do tempo e do espaço em que se ocupa no interior de algo pré-existente e determinante de uma posição.

É uma relação de... Como se a gente fosse amigo por muito tempo e casualmente entrou no mesmo grupo de teatro, apesar de ter sido ao contrário, porque a gente entrou no grupo antes, pra depois virar amigo. [...] Parece que agora todo mundo é como se fosse meu amigo há muito tempo, então é um vínculo que a gente criou, assim, com tanta espontaneidade, mas foi tão forte que parecia que era pra ser. Todo mundo lá, naquele momento... Se não deu pra entrar em um ano, talvez no ano anterior e entrou neste, é porque era pra ser. Aconteceu porque, que nem o Fernando diz, é... O universo mandou ser daquela forma e foi assim. Então, talvez, se tivesse outra pessoa no grupo, talvez uma relação ia ser diferente, não ia ser tão próxima, ou a gente ia ser mais próximos ainda. Não tem como saber, mas se o grupo tá assim, como ele é hoje, é porque era pra ser, e algo exterior fez todo mundo se unir daquela forma (entrevistada B).

Fazer parte de um grupo específico é criar laços, conforme o autor Maffesoli (2001), uma rede social e afetiva que se afirma numa matriz identificatória, nos hábitos compartilhados e ideologias. A ideia de pertencimento vai se constituindo sob as múltiplas relações sociais, que vão se configurando através desses vínculos. Essa socialidade é escolhida de acordo com o desejo, o que se quer próximo e o que se quer distanciar. A ideia de pertencimento se afirma nas relações e interações produzidas num determinado contexto. A partir dos relatos, foi possível constatar a importância destes vínculos, bem como, a ideia de pertencimento dos integrantes do Go.Star, o qual, frequentemente é denominado pelas entrevistadas como uma família.

[...] Eu acho que para aluno é um... É o desejo, eu sinto que é o desejo de muitos, assim, é como se fosse a última etapa: tu entra pequenininho lá na escola, vai fazendo teatro, fazendo teatro, e daqui a pouco tu tá tendo a oportunidade, até porque, como a gente seleciona e a cada ano entra e sai gente, essa possibilidade de entrar ela é... Ela é restrita, até porque nós temos um espaço físico que a gente precisa, não dá pra encher de

gente, né? Então, primeiro, pra eles é como se fosse uma vitória. Depois, eu sinto que é... Quando estão no grupo, é uma forma de pertencimento, me parece assim, de fazer parte de algo maior (entrevistado A).

[...] o Go era simplesmente uma coisa que acontecia, não tinha bem como descrever o que era ao certo, porque eram muitas ações espontâneas de gente que eu não era muito conhecida, de gente que eu tinha visto eu acho que só em cima do palco e, mesmo assim, lá me abraçou, segurou minha mão, e com isso a gente se aproximou muito mais. Desde o primeiro ensaio a gente teve uma ligação muito forte, que é de se olhar no olho e ver quando uma pessoa tá bem ou tá mal, e de se sentir realmente como parte daquilo não só como grupo, mas algo fora dele: um ciclo de amizades que vai se estender por muito tempo, e pra fora do teatro. Então, não teria bem como descrever o Go de uma forma concreta e dizer: 'Ah, é o meu grupo de teatro, que eu faço parte há tanto tempo'. Seria mais uma troca de ações espontâneas e do que é ser humano, da forma mais primitiva do amor que a gente troca lá dentro (entrevistada B).

Percebe-se na narrativa da entrevistada B, o quanto as relações afetivas afetam os integrantes, reforçam os vínculos e a ideia de pertencimento desfocadas da noção de tempo e espaço. Conexões e laços reforçados na fala da entrevistada C.

Eu entrei num grupo onde todas as pessoas eram mais velhas que eu, e eu me sentia um pouco... Digamos assim, de lado, sabe? Aos poucos... Eu tinha muito medo de falar, de interagir, porque eu achava que essas pessoas não iam me compreender. Aos poucos eles foram me mostrando o contrário, de que por mais que eu fosse nova no meio de gente mais velha, eles me tratavam de igual pra igual, e isso tem sido todos os anos, sabe? Entra pessoa, saem pessoas, e o vínculo que a gente vem criando com cada pessoa que entra, e mesmo com as pessoas que deixam e sair essa união ela nunca some [...] A gente tem a liberdade de falar o que a gente pensa, o que a gente sente, claro, sem ferir o outro, sem machuca, mas eu acho que isso se estende muito mais do que somente fazer teatro. É um vínculo que se estende mais do que em cima dos palcos e sim, digamos, que pra vida real, sabe? Eu acho que a gente não precisa estar, literalmente, no dia da aula, no dia da apresentação, pra sermos amigos, pra sermos uma família (entrevistada C).

O Go.Star, pra mim, é uma segunda família. É onde eu sei que eu posso ser o que eu quiser, sempre, sem medo nenhum: sem medo de rir, sem medo de chorar, sem medo de nada. É o lugar onde eu me sinto totalmente confortável pra fazer tudo, com todas as pessoas que eu amo muito "[...] nós não somos só colegas de teatro, nós somos amigos. Mais que amigos, porque sempre que alguém precisa, o outro tá ali. Independente de... Vínculos que a gente tem mais afetivos um com o outro, mais com um, menos com outro, é tudo igual, é... A gente tá sempre junto, e a gente sabe que a gente sempre pode sempre contar

com todo mundo ali [...] Com a nossa entrega, a gente se conhece, a gente conhece o outro lado das pessoas. Não é o lado de enxergar esse colega, é o lado de tu sentir o que a outra pessoa também sente [...] nós não somos só colegas de teatro, nós somos amigos. Mais que amigos, porque sempre que alguém precisa, o outro tá ali. Independente de... Vínculos que a gente tem mais afetivos um com o outro, mais com um, menos com outro, é tudo igual, é... A gente tá sempre junto, e a gente sabe que a gente sempre pode sempre contar com todo mundo ali [...] Com a nossa entrega, a gente se conhece, a gente conhece o outro lado das pessoas. Não é o lado de enxergar esse colega, é o lado de tu sentir o que a outra pessoa também sente (entrevistada F).

Observa-se que, frequentemente, as entrevistadas se reportam ao Go.Star como uma família. Sendo assim, cabe analisar o conceito que dá sentido, significado a esta instituição como uma organização na visão destes jovens artistas. Como um espaço social propício para a realização de trocas sustentadas na afetividade e na afinidade, o Go.Star é um grupo no qual os vínculos garantem uma convivência sadia e prazerosa, propiciando espaço para o diálogo e a segurança de uma família. Neste sentido, Bourdieu (1996, p. 126) comenta que “[...] o discurso comum frequentemente (e, sem dúvida, universalmente, inspira-se na família de modelos ideais das relações humanas”. Logo, os sentimentos intrínsecos que envolvem as relações familiares, segundo o autor, são os que tendem a funcionar como princípios de construção e de avaliação de toda a relação social, tal qual é observado nas falas das entrevistas.

As relações e os padrões aos quais as pessoas são expostas as compõem como sujeitos. Os modos de subjetivação dizem respeito das cenas e construções realizadas diariamente, da história, das memórias que são construídas a partir de significações e apropriações das experiências vividas no coletivo e que interferem na construção identitária de cada sujeito. O relato seguinte corrobora com o pensamento de Candau (2011), o qual afirmou que as memórias, ao mesmo tempo, em que modela os sujeitos na formação das suas identidades, também é modelado num esforço recíproco.

Eu acho que o processo de grupo que a gente proporciona dentro do Go, além do treinamento prático de atuação, de montagem de peça e de apresentar... As experiências. A gente sabe, né, que o que transforma o ser humano, basicamente, é o que ele lê, as pessoas com quem ele convive e as experiências que ele têm, e dentro do Go essas experiências são multiplicadas. Então, as pessoas que passaram, eu vejo assim, um

nível de responsabilidade maior, uma responsabilidade social, um nível de maturidade emocional e maturidade também nas escolhas de profissão [...] Quem passa pelo grupo acaba tendo um desenvolvimento maior, em todos os aspectos da sua vida, e um entendimento das coisas (entrevistada A).

Diante do objetivo de analisar e descrever o processo de pertencimento e participação dos jovens no grupo de teatro Go.Star, na formação de uma memória social, ou seja do grupo e a influência desse processo na suas identidades, foi possível identificar as seguintes subcategorias auto identidade, lembranças passadas, práticas, história/trajetória, ideia de pertencimento, diálogo e memória institucionalizada, que permitiram considerar que a Associação Espaço da Arte e o grupo teatral Go.Star são organizações que permitem aos jovens aprendizados que os auxiliam no desenvolvimento pessoal através da arte.

Os jovens artistas se formam e vão formando os outros através de um processo de trocas e de reconhecimentos, no qual o individual e o coletivo se fundem e se completam. Por ser formado exclusivamente por jovens, o grupo de teatro Go.Star, além de ser formado por uma identidade coletiva, no seu fazer artístico, seus membros criadores compartilham de uma mesma linguagem, pensamentos, sentimentos e representações, reconhecendo-se a si mesmo como pertencentes de um coletivo que compartilha a mesma memória construída no seu fazer criativo. Através das práticas, os jovens se experimentam e se constituem como sujeitos ativos, pertencentes a um grupo que possui os mesmos ideais, objetivos e características, marcadas pelas relações e práticas sociais em que o processo psicossocial, que remete ao juvenil, é realizado.

A partir das narrativas dos jovens artistas integrantes do grupo de teatro Go.Star, pautados nas suas memórias individuais e coletivas, e de relatos de experiências pessoais que deram forma e significado na sua construção identitária, foi possível compreender o quanto as relações afetivas influenciam nos modos de ser e de pertencer a um determinado grupo. Ficou evidenciado o pensamento de Candau (2011) quanto a relação que há entre memória e identidade, e a impossibilidade de dissociá-las considerando a ideia do “Nós”, como uma identidade coletiva, formada e transformada sob influências de um conjunto de representações.

Ao se deparar com diferentes culturas em grupos juvenis, observando o

quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais e vice-versa, ampliou-se a compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, considerando as ideias de Halbwachs (2006), quanto à atribuição a nós mesmos, ideias, reflexões e sentimentos que nos foram inspirados por outros que fazem parte do grupo ao qual pertencemos.

As observações ativas das práticas dos jovens artistas e as entrevistas com os integrantes do Go.Star, elucidaram a ideia de pertencimento pontuada por Maffesoli (2001), tanto que a palavra que se destacou nas narrativas dos jovens foi “família”, no sentido de fazer parte de algo significativo, num processo de constituição de uma identidade coletiva. Observou-se que participar do grupo de teatro Go.Star, além do treinamento prático de atuação através de jogos teatrais, de montagem de peça e de apresentação artística, possibilita desenvolvimento emocional, formação e transformação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas através de questionamentos, pesquisas e discussões em grupo. Conversações realizadas no início e ou no final de cada aula, pontuavam um trabalho em conjunto, dando um sentido de coletividade e de compromisso consigo e com ou outro aos participantes.

Pontua-se a importância dos jovens envolvidos numa prática cultural e artística sentirem-se pertencente a um grupo, o que implica em identificação e compromisso social envolvidos em relações afetivas que vão desde uma escuta atenta, a um acolhimento efetivo, que possibilitem uma identificação, logo, uma oportunidade de troca de experiências na medida em que cada indivíduo tem tendência a desenvolver forças motivacionais como resultado do ambiente cultural em que vive, afetando a maneira pela qual os sujeitos percebem a si e ao outro.

2.8 Considerações Finais

O artigo Narrativas de Memória Social do grupo de teatro Go.Star e sua influência na formação identitária, tinha como tema, a construção identitária, assim como, os desempenhos subjetivos, que estão presentes nos conceitos de memória social de Halbwachs (2006), de juventudes em León (2004); pertencimento em Maffesoli (2001) e de identidade em Candau (2011). Esta base teórica ofereceu condições de refletir sobre essas subjetividades constituídas que problematizaram o

objeto proposto, que tem como foco investigativo, a um grupo de teatro juvenil e suas imersões de práticas artísticas e culturais na cidade de Estrela no Rio Grande do Sul.

O problema de pesquisa: Como a partir das narrativas de memórias foi possível revelar a influência do grupo teatral Go.Star na construção identitária individual e coletiva em uma amostra de participantes? E também o objetivo ao qual o artigo se refere que foi analisar e descrever o processo de pertencimento e participação dos jovens no teatro e a influência na construção de suas identidades, bem como a formação de uma memória social, foi respondido.

A justificativa deste estudo esteve em compreender a Associação Espaço da Arte na cidade, e o grupo artístico de teatro Go.Star que é formado por dezoito jovens, com idades entre 15 e 20 anos, que são convidados a participar ativamente das atividades, com o objetivo de produzir peças teatrais, contar histórias e desenvolver intervenções culturais na comunidade em que estão inseridos, além de compartilhar reflexões preciosas sobre o processo de criação artístico da obra dramática. Finalizando este estudo, consideramos o relacionamento interpessoal entre eles, como uma ligação, conexão no qual o processo de construção e de aprendizagem é constante e sistemático. As individualidades se fundem ao coletivo, capacidades e competências se fortalecem e se desenvolvem, assim como as forças motivacionais envolvidas no processo de construção identitária.

A compreensão do tema abordado neste artigo foi de suma importância na medida em que nos deparamos com diferentes culturas em grupos juvenis, sabendo o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais e vice-versa. Buscou-se proporcionar uma ampliação da compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, que podem ser observadas e incentivadas em escolas, comunidades e outros grupos de culturas juvenis e destacar o potencial da utilização da expressão artística como dispositivo para transformar e ampliar o capital social conforme Bourdieu (1996) que se baseia na confiança dos jovens através da promoção de atividades artísticas.

Os conceitos norteadores foram de Halbwachs (2006) sobre o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais e vice-versa, considerando que elas se inspiram mutuamente ao ponto de que o sujeito não sabe o que lhe pertence, ou o que é do Outro, “[...] atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou

sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 47). Assim, a memória social se constitui formada socialmente e corrobora na construção da identidade. Candau (2011, p. 50) nos remeteu a elucidar sobre a “[...] relação mutável que há entre as identidades individuais e coletivas, considerando que elas se formam e se transformam com a influência de um conjunto de representações, necessitando do reconhecimento do Outro”. Nesse sentido, foi possível afirmar que as memórias são negociáveis e revogáveis, pois as “[...] atitudes e decisões tomadas cotidianamente, interferem [...] ao pertencimento e a construção identitária”, segundo Bauman (2005, p. 17).

Também o conceito de juventudes foi abordado e problematizado através de diferentes perspectivas, pois se fez necessário considerar a construção teórica que envolveu este tema. León (2004) nos remeteu a um processo psicossocial da construção da identidade juvenil, e destacou que o contexto de relações e práticas sociais influencia. Isso nos levou a ideia de pertencimento abordada sob a teoria de Maffesoli (2001), que considerou as relações e interações dos jovens, produzem num determinado contexto, uma matriz identificatória, escolhida de acordo com os desejos, proximidades e distanciamentos. Pais (1990) afirmou que as manifestações e expressões culturais juvenis se expressam em modos de vida e precisam ser contextualizadas socialmente em diferentes gerações.

Metodologicamente, este artigo se situou o campo da pesquisa social aplicada e qualitativa, conforme Goldenberg (2004), pois os sujeitos de estudo não são reduzidos a variáveis isoladas ou a hipóteses, mas vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, habitual. As técnicas utilizadas foram levantamento bibliográfico em livros, artigos e *sites*, análise documental, além do estudo de caso, que fez uso de instrumentos de coleta de dados através da observação participante, entrevistas semiestruturadas. O método utilizado foi adequado e seguiu o modelo Bardin (2011), que foi apropriado para interpretar as falas das entrevistadas, permitindo que a pesquisa fosse realizada.

A pesquisa pressupôs potencialidades e limitações como a Pandemia Mundial em função da COVID-19, que prejudicou a observação participante. Os enfoques podem ter sido reducionistas em função da parada obrigatória devido ao distanciamento social necessário para o momento.

O tema abordado instiga a continuar pesquisando, pois o campo social é vasto, e os jovens estão em constante processo de construção identitária e de

autoconhecimento. Além disso, o grupo de teatro é algo que traz uma determinada distinção para os jovens, neste espaço se realiza um trabalho não só de caráter artístico, mas de construção de sujeitos.

2.9 Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro. Graal, 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 70. 2011.

BAUER, Martin; Gaskell, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no Espaço Escolar. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, jan./jun. 2012. Semestral. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2161>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CATÁLOGO de Teses & Dissertações. *In*: CAPES. Brasília, c2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução a ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1997.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

GUIMARÃES, Giselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. Culturas Juvenis: uma resignificação contemporânea? **Travessias: pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte**, Cascavel, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3359/2650>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e espaço público: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEÓN Dávila, Oscar. Adolescencia y juventud: de las nociones a los abordajes. **Última Década**, n. 21, p. 83-104, dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19502103>. Acesso em: 03 dez. 2018.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. [Entrevista cedida a] Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
MORIN, Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil; 2000.

PAIS, José Machado. As correntes teóricas da sociologia da juventude. *In*: PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, Lisboa, v. 24, p. 108-109, p. 591-644, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6TI39AV5.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RAUPP, Luciane. Juventude, Identidade e Memória. *In*: IV JORNADAS MERCOSUL: MEMÓRIA, AMBIENTE E PATRIMÔNIO, 4., 2016, Canoas. **Anais eletrônicos [...]**. Canoas: Unilasalle, 2016 Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/d756c9e3452b572d7bef5665d2334e17.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

TEVES, Nilda. **Imaginação social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

YIN, Roberto. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

3 NARRATIVAS E PRÁTICAS DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR UM EXEMPLO DE CAPITAL CULTURAL, SOCIAL E DE *HABITUS*

3.1 Resumo

Este estudo descreve e compreende a interação do grupo teatral Go.Star da cidade Estrela, no Rio Grande do Sul, sob o ponto de vista das narrativas dos jovens participantes e do professor, considerando o seu *habitus* e, o saber-fazer acumulados do capital cultural e social. O objetivo geral do estudo foi descrever o capital cultural e social, que está sendo constituído através das interações do grupo nas aulas e práticas dos jovens. A metodologia foi realizada a partir da técnica de entrevista grupal referentes ao campo de estudo. Evidenciaram-se descobertas acerca do tema abordado: O capital cultural presente nos conhecimentos e qualificações intelectuais produzidas e reproduzidas pelos espaços sociais diz respeito às encenações das peças teatrais a que se dispõe a apresentar nas escolas. O capital social presente nos valores e nas emoções narradas pelos Entrevistados referem-se às trocas, que eles realizam com seus pares nas redes de relações afetivas. E o *habitus* considerado o conhecimento adquirido percebido no grupo de agentes que vão se estruturando, na medida em que, são estruturados, num processo contínuo, mesmo com as mudanças ocasionadas pela pandemia de COVID-19.

Palavras chaves: Grupo de teatro Go.Star. Capital cultural. Capital social. *Habitus*.

3.2 Introdução

O artigo tem como tema, a formação de *habitus*, conceito abordado por Bourdieu (1996), que se refere à essência do ser, um haver, um capital e que por estar diretamente relacionado aos aspectos do campo social e dos demais campos, sofre alterações contínuas, na medida em, que retraduz características intrínsecas e relacionais referentes a conjuntos de saberes. Convém lembrar, que as percepções do mundo social são: “[...] produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social”, segundo Bourdieu (1989, p. 141). Nesse sentido, a base teórica, que envolve espaços e campos sociais, compreende os aspectos teóricos da memória

social, e das representações sociais, oferecendo condições para refletir sobre a formação incorporada e do saber-fazer acumulados nos atos de conhecimento dos jovens integrantes do grupo de teatro Go.Star na cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul, que é o foco investigativo do objeto proposto.

O objetivo geral deste estudo é descrever o capital cultural e social que está sendo constituído através das interações do grupo Go.Star nas aulas e práticas dos jovens, visto que, o questionamento de pesquisa ficou assim estabelecido: Como a partir das narrativas de memórias foi possível revelar a influência do grupo teatral Go.Star na formação do *habitus* em uma amostra de participantes?

A justificativa deste estudo está em compreender a interação do grupo, sob o ponto de vista e das narrativas dos jovens participantes e do professor de teatro do grupo Go.Star, considerando o seu *habitus*, e o seu e o saber-fazer acumulados do capital cultural e social. Segundo Bourdieu (1989), os conhecimentos adquiridos e institucionalizados através da inter-relação de fatores importantes nos campos sociais de atuação, em que cada pessoa participa num determinado momento colaboram na estrutura de relações objetivas, que demandam a gênese social de um campo. O Go.Star faz parte da Associação Espaço da Arte, e é formado por dezoito jovens, com idades entre 15 e 20 anos, que participam das atividades, produzindo peças teatrais, entre outras esquetes e desenvolvem intervenções culturais em toda a comunidade regional em que estão inseridos, além de compartilhar reflexões preciosas sobre o processo de criação artístico da obra dramaturgica.

Metodologicamente, este artigo se situa no campo da pesquisa social, qualitativa e descritiva. As técnicas utilizadas foram levantamento bibliográfico e análise documental, além do estudo de caso, que fez uso de instrumentos de coleta de dados (*on line*) através da observação participante e entrevista de grupo com instrumento de roteiro semiestruturado. O artigo está dividido nessa introdução, seguida pelo referencial teórico, detalhamento metodológico e análises. No encerramento, segue as conclusões e referenciais utilizados.

3.3 Referencial teórico

Partiu-se da ideia de que o sujeito é um ser sociológico, e que as consciências individuais são formadas pela sociedade em que se vive, assim como, que a formação desse ser social, é feita em boa parte pela educação, cuja

assimilação pelo indivíduo de normas, princípios morais, religiosos, éticos, de comportamento, valores, etc. balizam a conduta do indivíduo. Emille Durkheim (1858-1917) um dos clássicos da sociologia apontava em seus estudos, que a consciência coletiva é o conjunto de sentimentos e crenças comuns aos membros de uma mesma sociedade, marcando a subjetividade do ser social, conforme Durkheim (1995). Esse conjunto de sentimentos e crenças comuns aos membros de uma mesma sociedade está presente e inserido nas representações sociais. Corroborando com a ideia da interferência do coletivo no individual, e vice-versa, Halbwachs (2006) descreveu sobre o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais considerando que elas se inspiram mutuamente ao ponto de que o sujeito não sabe o que lhe pertence, ou o que é do Outro.

Gondar (2016) atualizou o conceito acadêmico de Halbwachs (2006) destacando sua importância, instaurando o tema da memória como objeto de investigação social. Segundo a autora, a premissa de Halbwachs (2006) era que a memória constituía um tipo de vínculo, uma atração desejante sobre o passado, que nasce em grupos e que remete a grupos. Gondar (2008) propôs que se pense a memória como “relação”, abrindo-se a possibilidade de refletir sobre o passado, a partir de novas situações, encontros, recordações reinventadas, caracterizando assim a polissemia da memória. Assim,

[...] a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. [...] abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais (GONDAR, 2008, p. 5).

Sobre memória, Gondar (2016) apresentou a ideia de que a memória em si é uma variedade de processos de conservação/transformação, acúmulo/perda, arquivo/restos, lembrança/esquecimento, logo, é um conceito complexo, inacabado e em permanente processo de construção, que se caracterizou pela transdisciplinaridade. A autora apresentou em seus estudos cinco proposições sobre a memória social, que, “[...] enquanto campo de estudos alojou uma multiplicidade de definições, provenientes de diferentes perspectivas e discursos, muitas vezes contraditórias” (GONDAR, 2016, p. 19). São elas:

- O campo da memória social é transdisciplinar - o conceito de memória é produzido no entrecruzamento ou nos atravessamentos entre diferentes campos de saber, seja da filosofia, da psicologia, da neurociência e/ou da ciência da informação, entre outras.
- O conceito de memória social é ético e político - na esfera da prática, [...]. Enquanto reconstrução racional do passado, erigida com base em quadros sociais definidos e delimitados, a memória tem um posicionamento político, no entanto, enquanto tecida por afetos e expectativas diante do devir, posiciona-se como ética.
- A memória implica o esquecimento - binarismo que implica desconsiderar, excluir, lamentar ou tentar escapar do esquecimento, pois, [...] a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento.
- A memória não se reduz à identidade - tal afirmação se sustenta no reconhecimento da participação do esquecimento na construção da memória.
- A memória não se reduz à representação - As representações resultam de jogos de força complexos no campo social, envolvem combinações e enfrentamentos que se alteram a todo o momento. A memória social se exerce no corpo, nas sensações, nos afetos, nas invenções e nas práticas de si (GONDAR, 2016, p. 29).

Segundo Gondar (2016), não cabe reduzir a ideia de memória social a uma única dimensão, pois se perderia a riqueza do conceito. A autora indicou que “[...] não significa excluir [...] as representações coletivas, mas de fato, [...] incluir a invenção e a produção do novo. Não haveria memória sem criação: seu caráter repetido seria indissociável de sua atividade criativa [...]” (GONDAR, 2016, p. 40).

Moscovici (1995), ao que se referir ao social destacou que a representação social ou coletiva é um fenômeno psicossocial, não apenas como fatos sociais coletivos, mas como representações sociais construídas nas interações dos sujeitos, ou seja, “[...] Las representaciones sociales son entidades casi tangibles. Circulan, se cruzan y se cristalizan sin cesar en nuestro universo cotidiano a través de una palabra, un gesto, un encuentro” (MOSCOVICI, 2002, p. 1). Na percepção de Moscovici (2010), as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e de se comunicar com a realidade social. Assim, a representação social tem como objetivo abstrair o sentido do mundo e, introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Na concepção do autor, a representação social é construída pelas relações individuais e coletivas, e não apenas pela vontade da coletividade, como defendia Durkheim. Neste sentido, nos deparamos com conceitos fundamentais da teoria de Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês que evidenciou em seus estudos conceitos nos quais as estruturas, as representações e as práticas constituem e são constituídas

continuamente.

Segundo Moscovici (2002), quando falamos de representações sociais, é importante considerar, que não existe um corte entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou grupo), ambos se complementam. Corroborando com esta ideia, Bourdieu, em sua obra sociofilosófica, abordou a compreensão da ação social a partir do testemunho dos indivíduos, dos sentimentos, das explicações ou reações pessoais do sujeito e o que subjaz a esses fenômenos, a essas manifestações.

Thiry-Cherques (2006) salientou em seus estudos, que Bourdieu fez das relações presentes nas condições da existência, a consciência, as práticas e as ideologias a matriz determinante do indivíduo. A análise empírica, que envolve os conceitos estabelecidos por Bourdieu, o corpus teórico de suas investigações seguiram uma lógica aparentemente simples, no qual o esquema é sistêmico.

Deriva do princípio de que a dinâmica social se dá no interior de um /campo/, um segmento do social, cujos /agentes/, indivíduos e grupos têm /disposições/ específicas, a que ele denomina /habitus/. O campo é delimitado pelos valores ou formas de /capital/ que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Nessas lutas são levadas a efeito /estratégias/ não conscientes, que se fundam no /habitus/ individual e dos grupos em conflito. Os determinantes das condutas individual e coletiva são as /posições/ particulares de todo /agente/ na estrutura de relações. De forma que, em cada campo, o /habitus/, socialmente constituído por embates entre indivíduos e grupos, determina as posições e o conjunto de posições determina o /habitus/ [...]; (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 31).

Para tanto, cabe nesta pesquisa refletir e compreender um grupo a partir da mudança de *habitus* e na construção e reconstrução do seu capital cultural e social, observando e analisando conceitos abordados no quadro referencial de Bourdieu, como a noção de espaço social e o que envolve tal conceito. A princípio, a noção de espaço reporta a um conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas as outras, definidas umas em relação às outras, por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade. Cabe a representação do mundo social em forma de espaço construído, segundo Bourdieu (2005), a base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades, que atuam no universo social. O exemplo do autor é de que o espaço tomado por um determinado grupo pode ser deduzido do fato de que, ocupam uma posição intermediária entre duas posições extremas, sem ser objetivamente identificável e subjetivamente identificados com uma ou com a outra. Neste sentido, o autor afirmou que o espaço

social é “[...] construído de tal modo, que os agentes ou os grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] o capital econômico e o capital cultural” (BOURDIEU, 1996, p. 19).

Assim, a análise das relações, na lógica do campo e das relações entre as relações indicam a posição no espaço social relacionado às dimensões espaciais e temporais, que se referem ao conjunto dos recursos econômicos, sociais, culturais e simbólicos utilizáveis pelo agente para conservar sua posição; ou seja, a estrutura do capital. Isto se refere, conforme Thiry-Cherques (2006), a composição do capital global, segundo o peso relativo das diferentes espécies de capital e a trajetória social do agente, conforme seu passado, seu presente e o seu futuro potencial, logo, o espaço social, em que o agente ocupa, está diretamente relacionado às práticas e aos bens que ele possui. Sendo assim, é o campo de forças distintas e coexistentes, no espaço social que organiza as práticas e as representações dos agentes sociais. Como um campo de lutas, segundo Bourdieu (1996), é no espaço social, que os agentes irão desenvolver estratégias para manter ou melhorar sua posição social.

O espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomada de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem (BOURDIEU, 1996, p. 21, grifo do autor).

As posições adquiridas e condizentes a cada agente no espaço social são definidas pela posição ocupada por eles nos diferentes campos firmados por Bourdieu (2009), ou seja, a distribuição dos poderes de ordem econômica, cultural, social e simbólica, que atuam em cada campo indicará as suas posições no campo social. Nesse sentido, o espaço social deve ser entendido como um espaço de resultados de relações. O espaço social subdivide-se em campos (espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria) e, nestes espaços que a partir dos seus interesses específicos, acabam se reproduzindo as funções e identidades.

[...] o limite de um campo é o limite dos seus efeitos, ou seja, um indivíduo ou uma instituição fazem parte de um campo se nele sofrem ou produzem efeitos [(BOURDIEU, 1989, p. 31)], não esquecendo que há transferência de energia entre os campos e o poder possuído, num campo pode ser potencializado noutro (MENDES; SEIXAS, 2003, p. 106).

Embora a noção de campo refere-se a uma esfera da vida social, cujas relações objetivas se apresentam como autônomas em relação a outros campos, cada um destes espaços se formam e se constituem um no outro. Segundo Bourdieu (2005, p. 135), campo é [...] “um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes.” Assim, o campo é como um microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, sendo integrados pelos agentes, que buscam alcançar determinadas posições através de disputas por capitais específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo.

Tais posições, segundo Pereira (2015), estabelecem diferentes relações e diferentes posturas dos agentes. Uma das atitudes possíveis caracteriza-se pela aceitação das normas, pela boa vontade em relação à cultura e às regras legitimadas; outra pela contestação às regras e posições. “Atitudes híbridas entre ambas as posturas também podem ser observadas nos variados campos (PEREIRA, 2015, p. 342)”. Destarte que, dentre as muitas características que definem um campo na teoria de Bourdieu, o autor Thiry-Cherques (2006) destacou que são os produtos da história, das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam. Desse modo, são limitados e demarcados por interesses específicos, como investimentos econômicos e psicológicos dos agentes dotados de um *habitus* e as instituições inseridas nele. São também resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e, de conhecimento do mundo. Cada campo é um espaço estruturado de posições, com o seu próprio objeto e princípio de compreensão.

Para Bourdieu (1992), todo campo se caracteriza por agentes dotados de um *habitus*, de disposições adquiridas tanto pelo corpo como pela alma, inconscientemente de forma individual e social. “O campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo” (BOURDIEU, 1992, p. 102-103). O pensamento de Bourdieu se atém ao princípio da estrutura, “[...] a de uma arquitetura imanente do mundo social que entende as práticas humanas como sustentadas por sistemas de elementos universais” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 31). Sendo assim, seu método de pesquisa se debruçou sobre a analisar as estruturas a partir das ações práticas. Deste modo, o sujeito, na sua concepção, é uma força estruturante de um campo na medida em que ele está inserido na sua estrutura. Estrutura que, conforme Thiry-

Cherques (2006) é dinâmica, e formada por um conjunto de relações históricas, produto e produtora de ações, que é condicionada e condicionante.

O *habitus*, como disposições interiorizadas duráveis são estruturas, e são estruturantes, na medida em que são geradores de práticas e representações por parte dos agentes, mas também são estruturadas quando influenciadas, inventadas e recriadas por esses mesmos agentes, logo, o *habitus*, ao mesmo tempo, em que se apresenta como produto de relações entre os agentes (estrutura estruturada), refere-se e retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida, de escolhas, de bens e de práticas (estrutura estruturante), condizente com Bourdieu (2005).

Os *habitus* são esquemas classificatórios, princípio de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes, isto é, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para diferentes agentes. Segundo Bourdieu (2005), é uma prática inerente ao agente social e que o distingue dos demais. O *habitus* constitui a maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo configurando a forma de agir, corporal e materialmente.

O *habitus* preenche uma função que, em outra filosofia, confiamos à consciência: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo como a ação nesse mundo (BOURDIEU, 2005, p. 144).

O *habitus* é composto por três dimensões: *hexis*, que são as disposições corporais, princípios adquiridos e materializados pelo corpo (posturas, expressões corporais, gestos), *eidós*, as disposições de valores, uma forma de pensar específica, apreensão intelectual, e *ethos*, os valores em estado prático, não consciente, que regem a moral cotidiana, que segundo Thiry-Cherques (2006), diferem da ética, na sua forma teórica, argumentada, explicitada e codificada na moral, pois é um conjunto sistemático de disposições morais, de princípios práticos.

O *habitus*, como esquema de ação, de percepção e reflexão, contém em si o conhecimento e o reconhecimento do que envolve um campo determinado, pois o *habitus* incorporado passa a estabelecer relações de conduta nos mais diferentes campos de atuação do agente social. Neste sentido, os conceitos de *habitus* e campo são indissociáveis na visão de Bourdieu (2005).

Segundo Pereira (2015), cada campo está ligado a determinados capitais,

quando se constitui como espaço, no qual os capitais são movimentados, valorizados, legitimados. Os capitais são possuídos em graus diferentes pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas, que tais agentes ocupam. As posições ocupadas pelos agentes no campo vão depender de diferentes tipos de capital: econômico, social, cultural, simbólico. Conforme Thiry-Cherques (2006), Bourdieu derivou o conceito de capital da noção econômica, em que o capital se acumula por operações de investimento, se transmite por herança e, se reproduz de acordo com a habilidade do seu detentor em investir.

Destaca-se nesta pesquisa que o capital cultural compreende o conhecimento, as habilidades e que correspondem às qualificações intelectuais reproduzidas pela família (processo de socialização primária) e pela escola, grupo de amigos, trabalho (processo de socialização secundária), e o capital social, diz respeito principalmente às redes de relações às quais estamos ligados e que pode tornar possível ou facilitada nossa entrada em alguns campos, bem como, contribuir para alcançarmos uma posição de maior prestígio ou poder nesses espaços.

Para Bourdieu (1999), o capital cultural compreende o conhecimento, as habilidades e as informações e corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família e pelas instituições escolares. O autor aponta três formas de capital cultural, a saber:

- a) no estado incorporado, sob a forma de disposições duráveis do organismo. “[...] está ligada ao corpo, exigindo *incorporação*, demanda tempo”. Intrínseco ao indivíduo, como a facilidade de expressão e de apreensão de saberes, por exemplo, tende a perpetuar de forma inconsciente e dissimulada no seu ser pessoal, tornando um *habitus*.
- b) no estado objetivado, através de bens culturais, como livros, quadros, dicionários, instrumentos e máquinas, transmissíveis de maneira relativamente instantânea quanto à propriedade jurídica. São passíveis de transmissão enquanto um bem tangível, mas que são altamente dependentes do estado incorporado para desfrutar deste bem.
- c) no estado institucionalizado, através de reconhecimento de um organismo ou instituição legitimamente reconhecida, consolidando-se nos títulos e certificados escolares [...] certidão de competência. [...] por meio dessa forma de capital, é possível colocar a questão das funções sociais do sistema de ensino e de apreender as relações que mantém com o sistema econômico (BOURDIEU, 2007, p. 78).

Como produto da conversão de capital econômico em capital cultural, Bourdieu (2007) apontou em seus estudos, que este estado estabelece valores determinando a valia de um determinado diploma em relação a outros e, o valor

monetário ao qual ele possa ser trocado no mercado de trabalho. Em consonância esse capital cultural é o conjunto de qualificações de ordem intelectual adquirida por um indivíduo, no entanto, é um conceito fundamental para a compreensão do caráter classificatório e discriminatório das competências e gostos culturais, pois se refere à identificação de como e porque determinados agentes se agrupam colocando-se a oposição de outros no espaço social.

Neste sentido, é possível afirmar que o capital cultural está diretamente relacionado ao capital social, na medida, em que se afirma que o volume de capital cultural, leva a formação e identificação num determinado espaço social. Nogueira e Catani (2007) se reportaram e estudaram o pensamento de Bourdieu (1999) referente à reprodução do capital social, as quais se referem como tributária de instituições, que visam favorecer

[...] as trocas legítimas e a excluir as trocas ilegítimas, produzindo ocasiões, lugares ou práticas que reúnem, de maneira aparente fortuita, indivíduos tão homogêneos quanto possível, sob todos os aspectos pertinentes do ponto de vista da existência e pertinência do grupo (NOGUEIRA, CATANI, 2007, p. 68).

Segundo Nogueira e Catani (2007, p. 67), para Bourdieu, “[...] capital social é o conjunto de recursos (atuais ou potenciais) que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas”, em que os agentes se reconhecem como pares ou como vinculados a determinado(s) grupo(s). Estas ligações são permanentes e úteis, e dependem de tempo e de esforços para manter, além de capital econômico.

Essas ligações são irreduzíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade (BOURDIEU, 2007, p. 67).

O volume de capital social, que um agente possui, depende da extensão da rede de relações, que ele mobiliza e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico), que é posse exclusiva de cada um daqueles, que fazem parte desta rede, sendo assim, o capital social não é jamais completamente independente dos demais pelo fato de que as trocas, que instituem o inter-reconhecimento, segundo o autor, supõem o reconhecimento e o efeito multiplicador.

A rede de relações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis. A troca realizada entre os membros desta rede transforma as coisas trocadas em signos de inclusão no grupo, que ela implica, produzindo o grupo e determinando ao mesmo tempo seus limites, segundo Bourdieu (2007), isto é, os limites além dos quais as trocas constitutivas, como comércio, comensalidade, casamento, não podem ocorrer. Cabe a cada membro participante, resguardar tais limites perpetuando a essência da rede em questão.

Bourdieu (2005) afirmou ser o capital simbólico uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital; físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais, cujas categorias de percepção são tais, que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. Ou seja, “[...] é a forma que todo tipo de capital assume quando é percebido através das categorias de percepção, produtos da incorporação das divisões ou das posições inscritas na estrutura de distribuição desse tipo de capital” (BOURDIEU, 2005, p. 107). Como síntese dos capitais econômico, cultural e social, numa releitura do Bourdieu, Thiry-Cherques (2006) apontou o capital simbólico, que segundo o autor, corresponde ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. Assim o “[...] o capital simbólico, geralmente chamado de prestígio, reputação, fama, etc. é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (BOURDIEU, 1989, p. 134-135), são as formas legítimas de qualquer tipo de capital.

Segundo Thiry-Cherques (2006), em seus estudos sobre Bourdieu indicou que em todo campo a distribuição de capital é desigual, o que implica que os campos vivam em permanente conflito, com os indivíduos e grupos dominantes procurando defender seus privilégios em face ao inconformismo dos demais indivíduos e grupos. Para tanto, os agentes lançam estratégias visando a conservação das formas de capital, ou de investimento visando a reprodução, manutenção das heranças e o ingresso das camadas dominantes. “A dinâmica dos campos e dos subcampos é dada pela luta das classes sociais, na tentativa de modificar a sua estrutura, isto é, na tentativa de alterar o princípio hierárquico (econômico, cultural, simbólico...) das posições internas do campo” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 40).

É a partir dessa dinâmica dos campos num determinado espaço social, de

vivências e compartilhamentos de aspectos afetivo-cognitivos, culturais e da interação eu-outro-nós, que ocorre a formação do *habitus*, como construção da identidade individual e coletiva. Cabe ressaltar, que toda a construção realizada e sofrida pelos agentes sociais nos campos, segundo a teoria de Bourdieu, leva a transformação do *habitus*. Sobre este pensamento, Candau (2011), corroborou com seus estudos, abordando a identidade de um indivíduo, como fruto de sua memória, inferindo que “[...] a memória é geradora de identidade” (CANDAU, 2011, p. 19), no sentido que, participa de sua construção, essa por sua vez, molda predisposições, que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais. A construção pontuada pelo autor Candau (2011, p. 16), diz de um “[...] trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação ao seu passado” chegaria a sua própria individualidade. Esta incorporação apontada por Candau (2011) é o *habitus* na concepção de Bourdieu. Em seus estudos, Candau (2011) abordou a ideia de que uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades, ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos fazendo parte dela, logo, fazendo parte de seu *habitus*.

Segundo Candau (2011), às noções de identidade e memória são ambíguas e ressalta a importância de analisar as formas como a memória se manifesta, observando as variáveis de acordo com os indivíduos, grupos, sociedades. Numa perspectiva antropológica, o autor propõe uma taxonomia das diferentes manifestações da memória, a saber, que é a protomemória - é nesta modalidade, que se enquadra, no âmbito do indivíduo, o que constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade. É uma memória imperceptível, que ocorre sem tomada de consciência. Definida como memória social incorporada (*habitus*). Em relação a esta definição, o autor especifica:

O *habitus* depende, em grande parte, da protomemória, e Bourdieu descreveu bem ‘essa experiência muda do mundo como indo além daquele que procura o sentido prático’, as aprendizagens primárias que, do ponto de vista corporal, são como lembretes, as ligações verbo-ação que fazem funcionar corpo e linguagem como ‘depósito de pensamentos diferenciados’ e tudo o que depende de disposições corporais, incorporadas de maneira permanente, maneira durável de se portar, falar, caminhar, e, para, além disso, sentir e pensar; saber herdado ‘que não se separa jamais do corpo que o carrega’ e que por essa razão depende do que o autor chama de um ‘conhecimento pelo corpo’ (CANDAU, 2011, p. 22).

Neste sentido, o autor ressaltou o pensamento de Bourdieu apontando que o passado do indivíduo se faz presente nas suas ações, que como *habitus*, as experiências são incorporadas por:

- Memória - definida como uma memória de recordação ou reconhecimento refere-se à evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma enciclopédia. São as memórias relacionadas a saberes, crenças, sensações e sentimentos, que, assim como podem ser lembradas, também podem ser esquecidas (CANDAUI, 2011, p. 23).
- Metamemória - representação que cada indivíduo faz da sua própria memória; uma memória reivindicada. Refere-se ao reconhecimento das memórias individuais e o que se diz dela. Remete ao modo de afiliação de um indivíduo a seu passado (CANDAUI, 2011, p. 23).

A partir da ideia de Gondar (2008), referente à história de um sujeito, individual ou coletiva, poder ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações, e o quanto as identidades se formam e se delineiam aos poucos, sob influências de conjuntos de representações, “[...] em uma relação sempre mutável mantida com o outro” segundo Candau (2011, p. 50), compreende-se o quanto o *habitus* se modifica na relação eu-outro-nós, numa relação mutável na medida em que vai se constituindo no campo social.

Diante desses autores abordados foi possível sistematizar um quadro conceitual exposto na figura 1, para a análise de dados para alcançar os objetivos desta pesquisa, e na resolução dos pontos a serem analisados.

Figura 16 – Quadro Conceitual reunindo os principais conceitos e autores abordados



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Após a apresentação das referências teóricas, que permitem descrever o capital cultural e social através das interações do grupo Go.Star, e revelar a influência na formação do *habitus*, assim a seção seguinte, apresenta as condições metodológicas utilizadas.

3.4 Metodologia

Como objeto de estudo desta pesquisa, foi selecionado o grupo de teatro Go.Star orientado pela Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, situada no estado do Rio Grande do Sul. Esta escola de teatro tem uma forma de abordagem artística, cujo objetivo é promover a transformação pessoal e social através da arte, da educação e vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas.

Como grupo, a instituição social na qual se expressam diferentes culturas juvenis, segundo o pensamento de Carvalho (2012), o Go.Star adquire um importante significado no processo de formação de *habitus* dos jovens, posto que, se constitui num espaço de produção de saberes, inter-relações, intenções e operações simbólicas investidas de afetos e representações acerca do conjunto de relações e práticas que tem uma referência comum, de tal forma que, sejam acessíveis aos atores. Nesse sentido, seguindo os critérios de cientificidade, cabe informar às etapas que foram utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por se tratar de jovens cumpre informar que o projeto de pesquisa passou por análise do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) obtendo o consentimento livre e esclarecido como anuência de seus representantes legais sob o parecer número 3.701.285 em 12 de novembro de 2019. Para a classificação da pesquisa aplicada exploratória e descritiva é importante informar que os procedimentos foram: pesquisa bibliográfica, documental e experimental onde o pesquisador através da pesquisa participante pretende compreender o “[...] ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 78). Assim o problema foi sistematizado no questionamento: “Como a partir das narrativas de memórias foi possível revelar a influência do grupo teatral Go.Star na formação do *habitus* em uma amostra de participantes?” e, passou a ser abordado de forma qualitativa, de caráter descritivo, envolvendo dois níveis de investigação, em duas etapas distintas. Observação e coleta de dados.

Esse estudo é parcial com os representantes do grupo Go Start, assim não representa uma generalização das narrativas coletadas, visto a participação de uma amostra, enquanto corpus, previamente detalhada nas análises. Essa amostra selecionada, no artigo passou a ser denominada de grupo “Go. Star”. O uso de fotografias como registro temporal e ilustrativo é operado como acompanhamento de documento visual das narrativas, conforme o Bauer e Gaskell (2002).

Fazendo referência à observação participante, Bauer e Gaskell (2002), afirmam que a forma mais completa de informação sociológica, por um marco referencial, se constitui no diário de campo da pesquisadora, onde são observadas anotações e narrativas do grupo redigidas a partir de um próprio Diário. Nesse caso o diário de Bordo foi virtual e constou de comentários do grupo envolvido, além de ser nomeado carinhosamente pelos integrantes de “GO.STAR 2019 - Registro histórico-emocional”, instrumento que fica hospedado no *site Trello*. Além de conter observações sobre as atividades, relatadas, também consta os sentimentos envolvidos dos seus integrantes, como angústias, surpresas e diferentes emoções além das curiosidades. A figura 2 destaca o registro do diário de bordo

Figura 17 – Imagem do Diário de Bordo Virtual do grupo



Fonte: Tepasse (2019).

Para a coleta de dados, foi realizada a técnica de entrevista grupal com a finalidade de obter informações, que auxiliassem a compreender aspectos referentes

ao campo de estudo, com base no referencial teórico previamente adquirido. Bauer e Gaskell (2002) justificam a necessidade dessa coleta de dados sendo parte vital do processo de pesquisa, que em conjunto com o tópico guia fundamentado na combinação em uma leitura crítica da literatura apropriada, e de um reconhecimento do campo e dos pensamentos criativos termina por dar conta dos fins e objetivos da pesquisa. Neste caso, foram utilizadas questões abertas com a finalidade de promover aos Entrevistados, o desenvolvimento do pensamento voltado ao tema de pesquisa. As questões do tópico guia estão apontadas no quadro 9:

Quadro 9 – Tópicos abordados na entrevista em grupo

Tópicos abordados na entrevista em grupo
<ul style="list-style-type: none"> • Como vocês se veem no Go.Star? Quando e como vocês se viram artistas?
<ul style="list-style-type: none"> • Contem um pouquinho da caminhada de vocês no teatro, sobre um momento marcante, inesquecível no Go.Star.
<ul style="list-style-type: none"> • Como vocês relacionam a aprendizagem de vocês no Go.Star com a trajetória escolar de vocês? O que vocês aprendem em um espaço tem haver com o outro?
<ul style="list-style-type: none"> • E a família, como se encaixa nesta relação?
<ul style="list-style-type: none"> • Hoje estamos vivendo um momento de distanciamento social devido o COVID-19. O que vocês pensam sobre o distanciamento social? Como vocês estão se organizando neste momento? Comparado à rotina de vocês antes pandemia, o que mudou? Quais são os sentimentos envolvidos neste momento?
<ul style="list-style-type: none"> • Das escolhas realizadas no dia-a-dia, vocês percebem a influência da escola, família e do próprio grupo de teatro?
<ul style="list-style-type: none"> • Pensando que o capital cultural como um conjunto de qualificações intelectuais produzidas no contexto e pelo sistema escola, como o Go.Star se insere neste contexto? Como o Go.Star participa deste espaço de conhecimento?

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Como apontam Bauer e Gaskell (2002), a finalidade real da pesquisa qualitativa é explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre um determinado assunto, sendo assim, foram convidadas cinco alunos e o professor do grupo de teatro a fim de compreender diferentes ideias e posições tomadas pelos membros deste espaço social. A proposta da entrevista grupal neste trabalho de pesquisa se fundamentou na ideia de observar os processos de consenso e divergência dos atores e suas ideias referentes a assuntos de interesse em comum, como o fazer artístico envolvendo o capital cultural e social, e a formação do *habitus*, conceitos abordados por Bourdieu (1996). Conforme quadro de identificação dos

Entrevistados, o professor do grupo e quatro alunos (dois que participam por um período maior, um que estava há menos tempo, e um que se dispôs a fazer parte da pesquisa voluntariamente), definiu-se o perfil:

Quadro 10 – Grupo de atores e perfil dos Entrevistados

Categoria	Idade	Tempo de atuação
A Professor do teatro	43 anos	13 anos
B	16 anos	1 ano
C	18 anos	3 anos
D	17 anos	2 anos
E	19 anos	3 anos

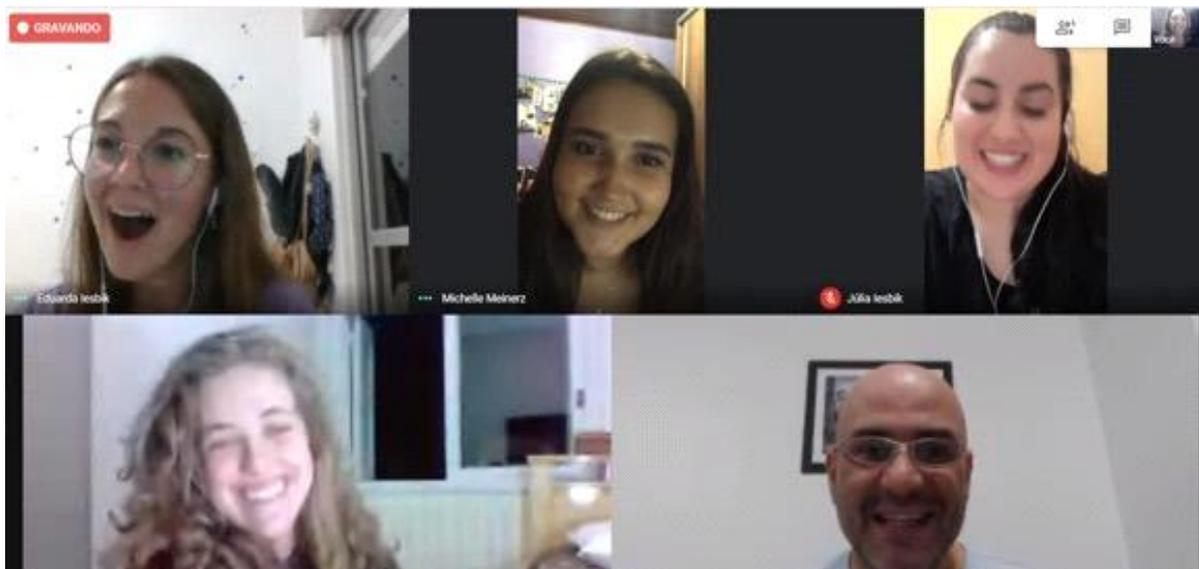
Fonte: elaborado pela autora (2019).

Bauer e Gaskell (2002) apontam em seus estudos a descrição de entrevista com grupo focal, o qual caracteriza esta prática como uma esfera pública ideal.

É um debate aberto e acessível a todos: os assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional [...] não é uma troca de pontos de vista, ideias e experiências, embora expressas emocionalmente e sem lógica, mas sem privilegiar indivíduos particulares ou posições (BAUER; GASKELL, 2002, p. 79).

O grupo focal abordado nesta pesquisa foi desenvolvido com cinco participantes tendo como moderadora a pesquisadora. A novidade foi, que para o grupo pudessem ter um contato frente a frente, foi necessário nesse momento de pandemia, utilizar uma plataforma virtual de vídeo nomeada de Google Meet, pois devido ao distanciamento social imposto pela contaminação do COVID-19, o grupo ficou impossibilitado de se reunir de modo presencial. A figura 3 demonstrou o momento do encontro. No entanto, toda contribuição referente ao tema foi associada, visto que, a pandemia, também contribuiu para a formação de um novo habitus. Após reunião virtual, as narrativas das entrevistadas foram transcritas através do método de análise de conteúdo proposto por Bauer e Gaskell (2002) para a compreensão a partir de Bourdieu.

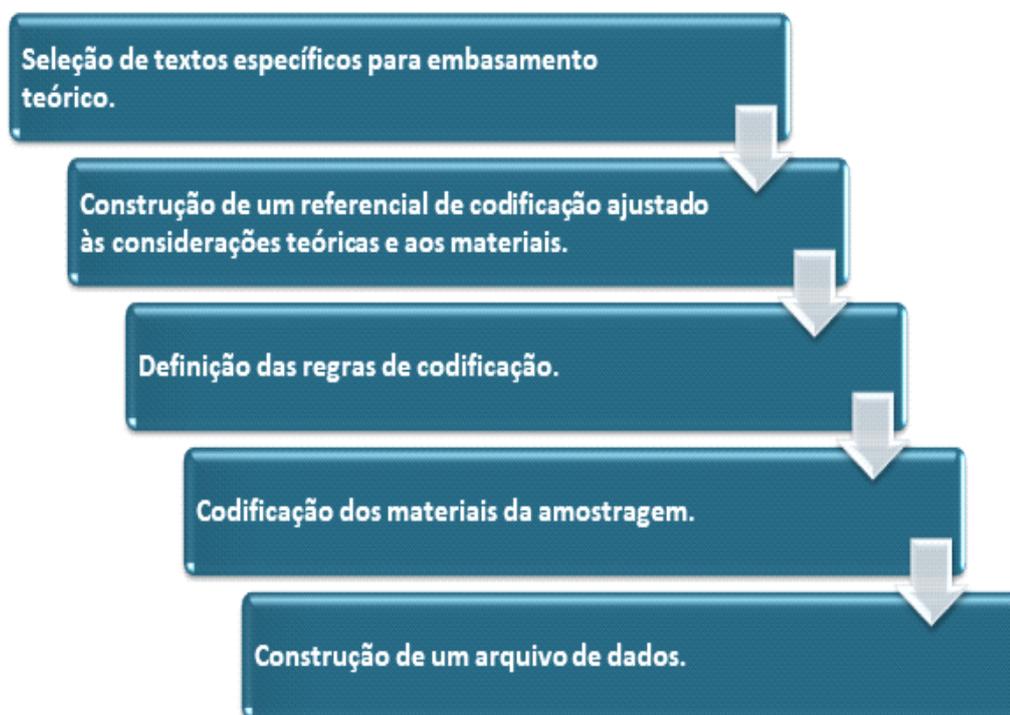
Figura 18 – *Print* da tela da amostra do Grupo GoStar durante a entrevista em grupo



Fonte: elaborado pela autora (2019).

A análise de conteúdo proposta por Bauer e Gaskell (2002) em seus estudos, faz uso principalmente de dados brutos, que ocorrem naturalmente, o que não isenta o pesquisador de investir na construção de uma interpretação: “[...] o pesquisador caminha através da seleção, criação de unidades e categorização dos dados brutos [...]” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 212). No entanto, os autores apontam que Kracauer (1952) mostrou que a separação de unidades de análise introduz inexatidões de interpretação, citações fora de contexto podem facilmente ser enganadoras, logo, codificar contextualmente torna-se importante para cada unidade de análise, seja ele um artigo, um parágrafo, uma frase, ou uma palavra. Segundo os autores, o momento em que algo foi dito pode ser mais importante do que o que foi dito.

Os passos dados pela pesquisadora para a construção do *corpus* foram:

Figura 19 – Imagem com os passos para a construção do *corpus*

Fonte: elaborado pela autora (2020) a partir de Bauer e Gaskell (2002).

Em relação à interpretação dos dados, Bourdieu (2001) afirmou que há distorções inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa e, por isso devem ser reconhecidas e dominadas numa prática de reflexão teórica. Segundo o autor, a reflexividade reflexa, baseada num olhar sociológico, permite perceber e controlar no campo, a própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Neste sentido, com o uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social, controlam-se os efeitos da própria pesquisa e, se começa a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas.

É através de uma escuta ativa e metódica, que se pretende minimizar no máximo a violência simbólica, que pode haver, segundo Bourdieu (2001), no mercado dos bens linguísticos e simbólicos, que se institui por ocasião da entrevista, que varia em sua estrutura, segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado, “[...] o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os linguísticos, dos quais estão dotados” (BOURDIEU, 2001, p. 695). O autor aponta que todos os procedimentos e subterfúgios que se pode imaginar, para reduzir a distância, têm seus limites. Neste sentido,

Ainda que a transcrição deixe escapar o ritmo, o tempo do oral, basta ler em seguida algumas entrevistas para ver tudo o que separa as falas arrancadas pedaço por pedaço dos pesquisados mais afastados das exigências táticas da situação de pesquisa e os discursos daquelas que são ajustados por antecipação (às vezes muito bem) à pergunta, assim, pelo menos, como eles a concebem (BOURDIEU, 2001, p. 699).

Para Bourdieu (2001), o pesquisador está à altura do pesquisado, na medida em que, a entrevista é exercida de maneira ao mesmo tempo inteligível, tranquilizadora e atraente, quando conduzida, de fazer de tal modo que a interrogação e a própria situação tenham sentido para o pesquisado e também, sobretudo, na problemática proposta. Ou seja, “[...] as respostas prováveis que ela provoca, será deduzida de uma representação verificada das condições nas quais o pesquisado está colocado e daquelas das quais ele é o produto” (BOURDIEU, 2001, p. 700).

Em relação ao pesquisador, Bourdieu (2001), destacou a ilusão que consiste em procurar a neutralidade na sua anulação, devendo-se admitir que, paradoxalmente, só é espontâneo o que é construído, mas por uma construção realista. Na ilusão da neutralidade, fazem-se muitas sondagens, cujas perguntas forçadas e artificiais produzem coisas fictícias, que elas acreditam registrar, dando ao pesquisador a aparência de uma validação própria a reforçar sua credibilidade e seu crédito.

Neste sentido, “[...] transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever (BOURDIEU, 2001, p. 710)”. A passagem do oral para o escrito impõe, segundo o autor, a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade.

As antinomias bem conhecidas da literatura popular lembram que dar realmente a palavra àqueles que habitualmente não a têm, é apenas lhes dar a palavra tal qual. Existem as demoras, as repetições, as frases interrompidas e prolongadas por gestos, olhares, suspiros ou exclamações, há as digressões laboriosas, as ambigüidades que a transcrição desfaz inevitavelmente [...] (BOURDIEU, 2001, p. 710).

Com base nas referências foi elaborada a descrição das categorias de conteúdo. A partir da organização das narrativas da Roda de Conversa Virtual com os integrantes do grupo de teatro Go.Star, as categorias emergentes foram organizadas em quadros a fim de análise.

Quadro 11 – Categoria: Capital Cultura; Subcategorias: educação formal e educação informal – educação voluntária e involuntária

Nomes	Narrativas
Entrevistado A	<p>[...] <i>projetos da gaveta. Projetos de montagem de cursos online, então, nesse último mês, trabalhamos direto em cima disso. Lançamos quatro cursos, com foco em autoestima, inteligência emocional, relacionamentos [...] trabalhamos pra divulgar isso, pra tentar vender, [...] que é ajudar as pessoas, mas também ter retorno financeiro.</i></p> <p>[...] <i>esse ganho pra escola eu não sei o quanto ele é significativo. A gente tem que olhar por esse lado, por mais que sim, sempre mexe, sempre toca, sempre sensibiliza aqueles alunos, professores e... [...] O comentário, entre os professores, foi bem legal, assim, de que ele ficou, que reverberou a apresentação do Go do ano passado. Então, me parece que a gente consegue sensibilizar, que a gente consegue tocar, que a gente consegue mostrar que é possível fazer arte e que é possível que essa arte acione alguns elementos, mas ela é efêmera, né [...] O que a gente não consegue fazer, me parece, dentro das escolas, é essa continuidade, esse despertar para uma continuidade. Eu acho que isso a gente acaba não conseguindo fazer.</i></p> <p>[...] <i>Nas escolas onde o teatro é uma prática – ou não o teatro, mas outros conteúdos, outras disciplinas –, e outros professores abraçam o espetáculo [...] Então, lá eu acredito que, a partir daquelas... Elas eram psicólogas, né? A partir das psicólogas do Instituto Federal de lá eu acredito que sim. [...] A ideia delas era de que aquilo fosse um despertar pra sensibilizar pra arte em si, num primeiro momento, que... Aí elas ficaram um pouquinho frustradas, porque não tiveram adesão nem dos professores, mas o público que estava lá foi bastante impactado. Isso sim, isso é fato.</i></p>
Entrevistada B	<p>[...] <i>Eu tô tendo aula todo dia de manhã com o colégio e quintas-feiras à tarde – o dia inteiro –, então tem vezes que eu saio da aula de manhã e fico fazendo trabalhos até cinco, seis horas da tarde, porque tudo a gente tem que entregar e ter um registro.</i></p> <p>[...] <i>eu sempre me organizo no colégio pra tudo que eles enviam de atividades eu fazer o quando mais cedo melhor, pra não ficar pendente [...] Além do teatro, à noite, eu tô fazendo curso de idiomas de francês, que é extensão da Univates, então tô cheia de provas. Essa semana eu tenho três, então é como se eu continuasse tendo aula, mas o tempo todo em casa, fazendo tudo aqui. [...] Eu sempre tive muita facilidade com o inglês, que era uma língua que eu fazia desde pequena, então eu fui me acostumando com as coisas que eu aprendia no inglês e pra mim sempre foi muito fácil. Eu nunca estudava pras provas da Ok Idiomas e tal. Agora, com o francês, eu tenho que fazer tabelinha, [...] Tudo pra aprender de novo, mas tá sendo bem legal.</i></p>

Nomes	Narrativas
	<p><i>A minha mãe e eu gostamos muito de assistir filmes, então a gente tá assistindo filmes, mas pra agregar mais ao nosso conhecimento, assim. Esses dias a gente assistiu um filme francês que falava sobre o primeiro ano de dois estudantes de medicina, então depois a gente conversa sobre isso e discute, assim, as nossas opiniões.</i></p> <p><i>Antes eu já tava lendo dois livros, só que do tipo de literatura que eu gostava. [...] Agora, eu tô tendo leitura obrigatória e eu descobri outra parte da literatura que eu adorei, que é a parte da literatura do romantismo. Então, eu tô lendo “O amor nos tempos do cólera”, que é obrigatório, mas que eu tô adorando muito, assim. Eu já tô procurando outros livros do Gabriel Garcia pra ler depois.</i></p> <p><i>Eu sempre gostei muito de ler, e pra mim eu sempre fui mais dessa parte, assim, intelectual (faz um sinal de aspas com os dedos), tipo de estudar e de aprender coisas novas. [...] Meu primeiro ano no ensino médio foi horrível, eu fui muito abaixo da minha própria expectativa no colégio, então... Eu entrei em 2020 com vários processos e pensava: “Nossa, eu vou estudar isso diferente, vou estudar aquilo diferente”, e tava dando, realmente, muito certo, mas agora estamos fechados em casa. Eu tô continuando esses métodos e eu tô me encontrando mais neles, então... Eu tô estudando muito mais agora porque tá cada um por si e então a gente tá tendo que desenvolver muita capacidade autodidata. Uns estão se descobrindo autodidatas e outros tão se aprimorando como autodidatas, e... Sempre procurar métodos de como entender melhor e... A gente tá tendo uma educação à distância, então é cada um por si quase, e a ordem do professor [...] Eu tô estudando bastante. Inclusive, uma ideia que eu tinha desde pequenininha em relação à carreira que eu ia seguir também tá se abrindo portas, porque eu tô tendo tempo de pesquisar mais sobre área e, principalmente com o colégio e a iniciação científica dele, eu descobri outra área, assim, que eu me apaixonei muito, porque desde pequena eu queria fazer medicina [...] mas eu descobri a área da biomedicina, então... Eu tô pesquisando bastante sobre isso e desde que eu estudei embriologia no colégio, é uma coisa que eu pesquiso e leio por diversão própria.</i></p>
Entrevistada C	<p><i>[...] eu não gosto muito de leitura obrigatória. [...] aí eu fujo pra ler os outros livros que eu gosto, né? [...] Eu tinha perdido o hábito de ler, tipo, livro físico assim, sabe? Eu tava lendo muita coisa pelo celular, daí eu até... Tipo, voltei a criar o hábito de ler, assim, o livro físico.</i></p> <p><i>A gente pôde aprender muita coisa e eu acho que a gente foi muito privilegiado de fazer teatro no Espaço da Arte porque a gente não aprendeu só teatro [...] Agregou muito na minha vida.</i></p>
Entrevistada D	<p><i>[...] Agora, com o estágio cancelado, a gente não pode mandar as atividades nem nada, então eu tô me ocupando com outras coisas, né? Mas eu tô bem. [...] eu tô fazendo meu curso de</i></p>

Nomes	Narrativas
	<p><i>coreano que tava parado por causa do estágio, porque eu não tinha mais tempo nenhum pra fazer.</i></p> <p><i>As pessoas da minha escola, elas não conseguem ir em mostras e coisas assim, porque é durante a semana, então a maioria tá no internato e não consegue [...] lá no IEEEEM as pessoas não tem muito contato com o teatro e essas coisas. Eles não vão em apresentações, e eles gostam muito quando alguém vai apresentar na escola e eu me senti muito bem de apresentar pras minhas amigas.</i></p>
Entrevistada E	<p><i>[...] eu acho que o teatro, sim, influenciou muito na minha escolha pra psicologia, tanto que ali no terceiro ano eu fiquei entre teatro e psicologia [...] então, eu acho que elas caminham juntas, assim, o teatro e a psico.</i></p> <p><i>[...] Tô desenhando bastante [...] é lettering, é escrita de falas e de frases. Eu pego, tipo, frases que me motivam e me deixam mais calma. Eu separei uma aqui que é... Não sei se dá pra ver, mas é: 'A dor é um casulo'. [...] toda transformação causa uma dor, mas isso vai fazer tu te transformar, tipo, numa coisa melhor. Eu acho que essa frase, em especial, tá me guiando nessa quarentena, assim, que... Tipo, buscar coisas que fazem tu te transformar em algo melhor.</i></p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Baseado no conceito de capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as qualificações intelectuais reproduzidas pela família e pela escola, vinculadas a sina escolar, moral que acompanha a educação e, que ao mesmo tempo oportuniza mudanças; com práticas, com disciplinas, relações diferentes, propostas ambiciosas de ascensão social, nos deparamos com os relatos dos integrantes do Go.Star que se referem o quanto e como a escola/educação pode e se manifesta no seu meio.

O entrevistado A, se reportou à ideia do movimento, que há em relação a se desprender de paradigmas e se dedicar a ideias a serem compartilhadas com os demais com a intenção de promover conhecimento e, ter retorno financeiro. Neste sentido, observou-se que, ao capital cultural, o econômico se alia resultando aquisição, tanto de conhecimento, como monetário.

Sobre o capital cultural estar atrelado ao capital econômico, a entrevistada D, exemplificou na sua narrativa, o que Bourdieu (2008) destacou em sua crítica social. Ao relatar, que as pessoas da sua escola só possuem acesso a apresentações artísticas, quando a escola oferece, revelou a ideia da distinção ao mesmo tempo em que, a oportunidade que esta instituição oferece como ascensão

social/cultural/econômica aos seus educandos. Observou-se a condição de classe e condicionantes sociais atravessados neste contexto. Segundo Bourdieu (2001), a escola, enquanto força formadora de hábitos propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamentos particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento.

A entrevistada B, ao narrar suas práticas relacionadas à escola, revelou preocupação em dar conta da demanda e o tempo que a elas é destinado. Como em estado incorporado, sua aprendizagem referiu-se a uma disposição duradoura, que já faz parte do seu cotidiano. Observou-se a capacidade de dominar o espaço social simbolicamente, de transformação do estudante em profissional, logo, de mudança de *habitus*. Percebeu-se que, a entrevistada B, quanto mais aprende, mais quer adquirir conhecimentos, tanto de uma maneira formal, como informal, seja através da escola, ou autodidata, sendo esta, pontuada por Bourdieu (2008), como produto do sistema escolar. Segundo o autor, por ter adquirido sua cultura fora da ordem instaurada pela instituição escolar, o autodidata denuncia na sua ansiedade relativa à boa classificação, nos seus saberes acumulados no decorrer de uma aprendizagem singular, ignorando as etapas e os obstáculos institucionalizados e padronizados, na cultura escolar que é padronizada hierarquizada e hierarquizante de saberes imprescindíveis. A luta pelo espaço assumiu forma coletiva, consta a política do espaço, dos grupos homogêneos que se observam diretamente, se alimentam e se superam.

Querer aprender uma nova língua estrangeira, e atrelar a ela a ideia de um curso superior, denota ganhos de posição no campo social/econômico a partir do capital cultural. Percebe-se que, tanto a entrevistada D como a B, demonstraram interesse neste aprendizado, como uma maneira prazerosa de adquirir mais conhecimento e, dele se apropriar, ora por prazer, ora por necessidade para conquistar mais conhecimentos e reconhecimentos.

Como capital cultural em estado objetivado, a maioria das entrevistadas relatou o quanto a leitura fez, ou faz parte da sua aculturação, sendo que, por mais que seja exaustiva como a leitura obrigatória imposta pelas escolas, possa se tornar um hábito, e por fim, um *habitus*. Seja leitura digital ou em livro físico, a leitura se faz. A entrevistada C, ao narrar sobre sua experiência, revelou seguir modelos e, que se identificou com um tipo de leitura, mas prova para si mesmo que a

contradição é normal.

Em relação ao teatro nas instituições escolares, a entrevistada A se reportou o quanto esta prática é significativa, quando a demanda parte da escola e quando há sensibilização por parte do corpo docente. A entrevistada relatou que há dificuldade em dar continuidade aos trabalhos proposto pelos espetáculos do Go.Star nas escolas, apresentações que visam, além de comover, instigar os jovens colaborando na sua formação pessoal e social devido a falta de adesão por parte dos professores. No entanto, a entrevistada C relatou o quanto as práticas artísticas agregaram na sua vida, uma oportunidade de adquirir capital cultural de maneira informal e prazerosa. A influência também mencionada pela entrevistada E ao comentar sobre a escolha do curso de graduação optado no final do Ensino Médio, um exemplo de capital cultural no estado institucionalizado reforçando o *habitus*.

Bourdieu (2008) considerou que os espaços sociais família e escola funcionam como lugares em que se produz a competência e, ao mesmo tempo, como um dos lugares em que se recebe seu valor. No mercado escolar, os professores ajudam a coordenar a partir das exigências escolares, da militância, da prática, da linguagem, do psicológico, do exemplo que é trabalhado para um grupo, da posição social desse grupo em relação ao outro que assiste e da transmissão do conhecimento. O espaço social família, domina os valores extraescolares. Pela familiarização se dá a cultura ilegítima e o mercado “mundano”, que oferecem livres cursos a uma arte de representar a competência e transformar as questões de conhecimento em questões de preferência, como relata a entrevistada E ao contar a satisfação de transformar frases em arte.

A seguir, a figura 20 que se reporta às narrativas sobre o quanto o capital cultural influencia na formação de *habitus* dos jovens artistas.

Figura 20 – Premiação de melhores atrizes coadjuvantes no 5º Festival Estadual de Teatro em Gravataí – Emanuelle e Júlia



Fonte: Arquivo do Grupo de Teatro

Com a categoria Capital Cultura; apresentada a partir da educação formal e educação informal segue a seção do capital social.

Quadro 12 – Categoria: Capital Social; Subcategorias: vínculos, rede de relações, identificação com pares, ressignificação e reconversão

Nome	Narrativas
Entrevistado A	<i>[...] Esse confinamento me deu ainda mais essa certeza, absoluta, de que o meu caminho é estar com pessoas. Quanto mais, melhor. E se não der presencial, que eu prefiro, que seja online [...] Estar com pessoas e estar dividindo conhecimento, compartilhando conhecimento, aprendendo conhecimento, né?</i>
Entrevistada B	<i>[...] Às vezes, eu ajudo a minha mãe na cozinha, porque aqui em casa, praticamente, agora nós duas somos vegetarianas, porque não vale a pena comprar carne só pra ela. Então, a gente faz receitas, procura coisa na internet que dá pra fazer e que a gente gosta. [...] Mas o que eu já fiquei bem triste e já chorei bastante é porque eu não tenho mais tanto contato com a minha vó paterna, porque ela se isolou por um bom tempo lá na praia, onde só ela e o meu vô ficaram... Mas, agora eles voltaram, e eu ainda não consegui ver eles, e como eu não tenho contato [...]</i>

Nome	Narrativas
	<p><i>por internet, por celular, da minha família paterna, eu não tô conseguindo falar com eles e eu... O meu tio, ele tá com suspeita de vírus e eu não tenho como falar com ele. Ele tá isolado [...] tá sendo bem complicado, assim, mas em relação à família materna tá bem tranquilo. Eu tô me encontrando com a minha vó e fica uma de cada lado do portão. O meu dindo, o meu primo também [...] mas tudo com essas medidas, assim, de ficar o quanto mais longe, melhor, não dividir nada.</i></p>
Entrevistada C	<p><i>[...] apresentar nas escolas sempre teve um impacto muito maior, assim, pra mim, principalmente, porque tu vê as pessoas da tua idade, assim, sabe? [...] quando a gente apresentou nas escolas a gente sempre teve debate, né? Então, tipo, tu vê aquelas adolescentes da tua idade, sabe, que muitas vezes até tu conhece, sabe? [...] a gente tem, tipo, uma proximidade maior, sabe? A gente consegue ter uma troca maior, sabe? Eu acho que... Que é uma das melhores partes, assim, de apresentar.</i></p> <p><i>[...] Eu passei muita coisa dentro do Go, [...] eu entrei bem novinha, então eu não tinha aquela noção de que... Por mais simples que seja, eu não tinha noção de que nem todo mundo pensava igual a mim, que nem todo mundo, tipo, ia concordar com as coisas que eu fazia, sabe? Então, pra mim foi muito difícil isso [...] pra mim, foi muito difícil lidar com isso, sabe? [...] quando eu fui amadurecendo que eu teria, talvez, lidado de forma muito diferente se eu não tivesse o apoio do Go, sabe, porque muitas vezes eu chegava lá e falava: ‘Olha, eu não sei o que fazer’ ou, às vezes, chegava e falava: ‘Olha, aconteceu isso’, e muita gente falava: ‘Não, não é bem assim, tenta pensar de outro jeito.’ [...] Eu acho que quando tu erra e é corrigido de uma forma amorosa, digamos assim, de uma forma amigável, é muito mais fácil. Tu aprende de um jeito muito diferente e tu não vai mais repetir aquilo, sabe? [...] hoje, muita coisa no meu trabalho, por exemplo, de lidar com pessoas, assim, eu vejo que eu ia ser muito diferente se eu não tivesse aquilo de ‘calma, respira, pensa por um outro lado, pode ter uma outra saída e talvez não é aquilo que tu pensa’, sabe? [...]</i></p> <p><i>[...] ‘não pode sair’, sabe? Então, eu fiquei... Pra mim, foi bem difícil. Tipo, eu não era assim muito de sair já, mas eu acho que o que pega pra todo mundo, real, é isso de não poder ver as pessoas que tu quer. Tipo, não poder ver os avós, não poder ver os amigos, sabe? [...] agora, como eu tô trabalhando, eu não tô mais sentindo tanto, mas antes... [...] o que mais pega é não poder estar com as pessoas que eu quero, não poder ir onde eu quero, não poder fazer o que eu quero.</i></p>
Entrevistada D	<p><i>[...] Fico muito feliz de apresentar pra gente da minha idade, sabe, de ver a reação dessas pessoas, ver como... Depois da peça, ver o rostinho das pessoas.</i></p> <p><i>[...] A gente assiste série juntas pra passar o tempo de noite. Inclusive, no Prime, tem uma série muito boa que chama ‘O mentalista’. É muito legal, muito legal. Eu não gosto de série e</i></p>

Nome	Narrativas
	<p>dessa eu tô gostando. Mas, enfim, a gente tá ocupando bem o tempo.</p> <p>A minha mãe ligou pra uma aluna minha da creche [...] quando eu fui falar com a menina, ela abriu um sorriso tão lindo, tão lindo, e eu fiquei muito emocionada. Daí eu fiquei pensando no quanto a gente toca a vida das pessoas e a gente nem sabe. Como um cotoquinho de gente me reconheceu na videochamada e ficou toda feliz, sabe?</p> <p>E agora eu fiz 18 anos, e eu e minha mãe, a gente teve uma conversa bem séria porque eu tenho só o nome do meu pai no meu nome e isso é uma coisa que me incomoda demais e... Aí eu disse pra minha mãe que eu quero e vou mudar o meu nome, [...] Tem dois nomes que são os nomes que eu vou colocar em mim, que é o sobrenome da minha mãe e... Quando a minha mãe tava grávida de mim ela tinha escolhido um nome pra mim e meu pai tinha concordado, mas quando eu nasci o meu pai trocou o meu nome, e aí... O meu nome era pra ser Manuela. [...] eu vou colocar Manuela no meu nome também e é porque eu quero, porque eu me sinto bem, porque foi uma decisão minha. [...] Eu não tô fazendo isso porque uma outra pessoa quer, sabe? Eu não sei, eu me sinto mais evoluída pra escolher as coisas que eu quero pra mim [...] É como eu me sinto, porque eu não tenho mais medo de falar. Júlia Manuela Bepler lesbik.</p>
Entrevistada E	<p>Pra mim tá sendo muito difícil não poder tipo, abraçar as pessoas, não poder abraçar a minha vó [...] tirando essa parte do toque que não pode agora.</p> <p>Ah, eu acho que 2019 foi um ano muito turbulento e que eu fiz todo o planejamento de 2020 pra ser um ano tranquilo... E chega 2020 e o Corona chutou toda a minha organização e agora eu tô tipo, muito doida tentando me reorganizar de novo [...] Agora eu tô de férias, no caso, porque todos os estagiários foram colocados de férias, né? Também porque não tem como limpar bunda de nenê e botar pra comer em home office, né? [...] mas tá sendo bom, assim, dá pra se reaproximar da família. Tipo, trazer coisas que foram perdidas durante a rotina, né?</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

A partir da teoria elaborada por Bourdieu (1996), as sociedades se apresentam como sendo espaços sociais, conjuntos de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relações de proximidade, ou distanciamento e, também, por diferenciações que envolvem o capital cultural e o econômico, logo, um conjunto de recursos (atuais ou potenciais) que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, em que os agentes se reconhecem como pares ou como vinculados a determinado(s) grupo(s). Neste sentido, a entrevistada A e a

entrevistada C, se reportam ao quanto se sentem afetados pelo distanciamento social proveniente a COVID-19, apontando a necessidade de realizar trocas, virtuais ou presenciais, com a rede de relações ao qual pertence. Por mais que não tenha o hábito de sair de casa com frequência, o “não poder sair”, é pontuado pela entrevistada C, como algo muito difícil, revelando o quanto a proibição leva a oposição.

A saber, segundo o Ministério da Saúde, a COVID-19 é uma doença provocada pelo coronavírus (família de vírus que causam infecções respiratórias) SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Por ser um agente descoberto recentemente, por causar sérios problemas de saúde e ser de fácil transmissão, a OMS (Organização Mundial da Saúde) recomendou que houvesse distanciamento social a fim de evitar a contaminação em massa.

A entrevistada B, comentou o quanto o distanciamento social, principalmente de seus familiares lhe afetou emocionalmente, dizendo que a preocupação com seus entes, principalmente dos quais não tem tanto contato, é grande. No entanto, percebeu-se que, através das narrativas da entrevistada E, que diz, que, por mais que o coronavírus desorganizou o seu planejamento para o ano de 2020 junto ao seu namorado, de precisar evitar o toque como o abraço, ele lhe proporcionou uma reaproximação com seus familiares mais próximos, com quem mora, trazendo, segundo a entrevistada, “[...] coisas que foram perdidas durante a rotina”. O mesmo se observa nas narrativas da entrevistada B e D, que narraram a proximidade com suas mães, seja por práticas e hábitos alimentares, como de lazer e acultramento, propiciando um novo *habitus*. O capital social em Bourdieu auxiliou para repetir a estruturação do próprio capital, sendo uma convenção, que encontra na família a base de seu expediente, de reorganização, reprodução, a sua fertilidade, patrimônio, a economia e educação, pois a família, enquanto estrutura, mantém o ser social.

A família, como processo de socialização primária, é reportada pela entrevistada D, como um indicador de importante conexão e de dimensão estrutural com esforços para ações coletivas que, segundo Baquero (2008), se refere ao pertencimento. Ao expor o desejo de trocar seu nome com base nos fatos narrados por sua mãe referente ao seu registro, logo após o nascimento, essa mesma entrevistada, revelou a importância de sentir-se pertencente ao grupo familiar, e por não ser algo imposto, revelou mudança de *habitus*, “[...] princípio gerador e

unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Dentre vários conceitos, referentes a capital social, Coleman (1988) diz ser um recurso específico para pessoas, sendo produzido a partir de mudanças das relações interpessoais, que facilitam determinadas ações, e acontece a partir das relações sociais. Ou seja, depende da ação individual para a produção, de um bem coletivo e ainda é sustentado por dois pilares, a confiança e a reciprocidade. Neste sentido, a entrevistada C se reporta, o quanto pertencer ao grupo Go.Star lhe oportunizou crescimento pessoal e profissional, por haver entre os participantes, uma relação altruísta, desprendida de interesses a não ser o próprio amadurecimento dos integrantes, logo do coletivo. Autores como Coleman (1988), e Putman (2006), apontaram indicadores de capital social, associados a teoria de Bourdieu, como confiança, reciprocidade, lealdade, apoio social, fidelidade e reconhecimento. Indicadores observados na fala da entrevistada C, quando afirma que os diálogos no Go.Star, mesmo quando há contradição de ideias. Isso se dá de maneira afetuosa, e proveitosa, contribuindo para o aprendizado individual e coletivo, e que por vezes, se fará em outros âmbitos, outros espaços sociais como o profissional.

Segundo Coleman (1998), o capital social por sua vez, é criado quando as relações entre as pessoas mudam de maneira que facilitam a ação. Logo, a entrevistada C, ao narrar seus sentimentos em relação ao público jovem que contempla os espetáculos, revelou emoções que perpassam as apresentações, observando lealdade nas conexões, imbricadas nas relações existentes entre os pares. Relações observadas também na fala da entrevistada D ao se referir o quanto apresentar para “gente da sua idade” lhe deixa feliz, assim como ao ser reconhecido por uma aluna, que tão pouco teve contato consigo.

Diferentes autores entendem o capital social de maneiras distintas, no entanto, cabe ressaltar que, segundo Bourdieu (1989) e Coleman (1988), sendo o capital social um conjunto de recursos reais e potenciais, que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, o agente social constitui e por vezes é constituído nesta rede de relações, acessando assim, outros capitais, cultural e econômico, logo, capital simbólico através da mudança de *habitus*.

A seguir, destaca-se a figura 21 que se reporta às narrativas sobre o quanto o capital social e a rede de relações, que se reportam à formação de *habitus* dos jovens artistas.

Figura 21 – Grito de guerra do Go.Star



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Com a apresentação da categoria capital social ficou evidente através das narrativas as subcategorias propostas como os vínculos, as rede de relações, as identificação com pares, e o mais importante a ressignificação e reconversão do olhar que o grupo Go Star apresentou a todos.

Quadro 13 – Categoria: *habitus*; subcategoria: memória social

Nome	Narrativas
Entrevistado A	<i>Nada é por acaso (mostra livro intitulado “A força que há em nós”). Da Dawn Watson, a história dela é fabulosa, de superação e tudo mais. Uma criatura que sofre absolutamente tudo que um ser humano não merece sofrer e, justamente, ela trabalha muito forte nessa linha do casulo, né? Que é isso: de vez em quando tu tem que entrar pra dentro do teu casulo mesmo, pra se reinventar, que é o que a gente tá fazendo, né? Nesse momento a gente tá dentro do nosso casulo. Alguns vão sair voando por aí. Infelizmente, outros nem tanto, né? Mas tá tudo certo: cada um, cada um.</i>
Entrevistada B	<i>Eu nunca gostava muito de sair de casa, então eu só estou mais em casa, [...] descobri que eu gosto e que eu preciso me exercitar muito e que tá fazendo muito bem pra mim, e... Me regrado muito mais na minha alimentação, que tá me fazendo</i>

Nome	Narrativas
	<p><i>muito bem desde que eu virei vegetariana. E, também, dessa questão de como vai ficar agora o meu futuro, porque tudo que eles fazem e falam é que nada vai ser como era antes.</i></p> <p><i>[...] comecei a me exercitar todos os dias em casa e isso tá me fazendo muito bem, assim, porque eu tenho bastante ansiedade, então quando começa a me bater uma coisa assim, eu vou e faço meus exercícios ou eu avanço um pouquinho [...] antes eu me restringia só na academia, e agora a minha opção é de não ir porque os horários lá tão muito restritos, então eu decidi fazer em casa e tá indo muito bem, assim.</i></p>
Entrevistada C	<p><i>[...] tu vê todo o processo que tu constrói, tipo... Tu consegue ver tudo que tu pensou, que tu construiu na peça. A gente vê, tipo: 'Ah, vamos fazer isso pra, talvez as pessoas se sentirem de tal forma'. A gente sempre se pergunta: "Mas será que vai chegar pras pessoas? Será que as pessoas vão entender?". Sabe, a gente sempre tem esse questionamento, e quanto tu vê que chega pras pessoas da nossa idade, que era o objetivo, principalmente, do '40 Segundos', por exemplo, tu vê que chega pra eles de uma forma, assim, tão forte, sabe, é bem gratificante.</i></p> <p><i>[...] Pra mim, acho que o teatro foi, tipo, meio que uma salvação assim, sabe? [...] eu fui me moldando conforme as coisas que eu ia aprendendo, sabe? Eu acho que eu ia ser uma pessoa totalmente diferente se eu tivesse crescido sem o teatro, sabe? Eu acho que... Não sei, eu não consigo me imaginar sem essa... Essa veinha assim, com o teatro, sabe? [...] É uma coisa que não tem como apagar, sabe? Foram quase 10 anos, então, tipo... Por mais que a minha profissão hoje não vá ser tão relacionada a isso [...] ajudou muito a decidir isso, sabe? A ver o que eu gostava o que eu não gostava, entender e também em muitas outras coisas, como lidar com as pessoas e entender que as pessoas são diferentes, que não é tudo preto no branco, sabe? [...] lidar com as minhas emoções e outras coisas que foram oferecidas pelo Espaço da Arte pra nós, sabe, dentro do teatro. Cada evento era único, assim, sabe? A gente pôde aprender muita coisa e eu acho que a gente foi muito privilegiado de fazer teatro no Espaço da Arte porque a gente não aprendeu só teatro [...] Agregou muito na minha vida.</i></p> <p><i>[...] Eu tô ainda num processo bem grande de muitas coisas [...] Muita coisa não deu certo, que eu queria, então eu tenho que mudar os planos e aprender com isso também [...] Eu acho que eu tô muito focada em ser o meu melhor, sabe? Em tudo que acontece, tentar olhar pra dentro de mim e vê o que eu posso melhorar, sabe? Tanto em coisas boas, quanto em coisas negativas, sabe, é mesmo de fazer um autoconhecimento, sabe? Que nem a gente tá esse tempo agora em casa, mas querendo ou não a gente vai estar o resto da vida com a gente mesmo, sabe? [...] Eu acho que eu dava muita prioridade pra coisas que ocupavam muito de mim, sabe, e deixava outras coisas muito de lado. Então, eu tô aprendendo mais isso: dar</i></p>

Nome	Narrativas
Entrevistada D	<p><i>mais importância pras pessoas que merecem e olhar mais pra mim mesma com mais carinho, sabe? Cuidar mais de mim, mesmo.</i></p> <p><i>Eu gostei muito quando a gente foi apresentar ‘Duas Vidas’ lá, porque depois todo mundo veio falar comigo sobre a peça e falar como mexeu com eles [...] Depois da peça, ver o rostinho das pessoas. Dá pra gente ver direitinho se tocou a pessoa, se mexeu com ela, sabe? Eu acho isso muito incrível!</i></p> <p><i>E eu comecei muito pequenininha, e depois que eu comecei a fazer teatro tudo pra mim ficou de uma maneira diferente. Depois que eu fui fazer magistério eu percebi que, da minha turma, eu era a que menos tinha timidez de falar com as pessoas, de puxar trabalhos, e a gente criou muita coisa com arte porque várias pessoas da minha turma já tinham feito teatro e contato com arte e... Era muito diferente ver as pessoas que nunca tinham feito teatro das que já tinham feito teatro. Tipo, as pessoas que não tinham feito eram muito mais retraídas, e aí, pelo menos na minha turma do IEEEM, a gente tentou levar arte pras pessoas, e eu sinto que várias pessoas da minha turma ficaram mudadas depois que a gente começou a ensaiar. A gente montou um musical, montamos peças, a gente fez sarau... Eu fico pensando que se eu não tivesse entrado no teatro quando eu era pequena, eu não sei se as coisas teriam sido como foram agora. Eu sinto que me influenciou muito, tanto no meu contato com as pessoas quanto em mim, sabe? Eu mudei muito.</i></p> <p><i>[...] quem acompanhou meu final do ano passado viu que eu tava desesperada por sair do ensino médio e ter que fazer o estágio e começar a trabalhar [...] agora eu sou professora e aí eu sou responsável por uma turma. Isso tá me fazendo pensar de um jeito muito diferente do jeito que eu pensava e, por incrível que pareça, eu não tenho mais medo de estar na frente das crianças. Eu não tenho mais aquele receio que eu tinha de acabar o meu ensino médio e: ‘Meu Deus, e agora? Eu vou ter vinte olhinhos me olhando e eu não vou saber o que fazer’. [...] eu já peguei confiança de que, sim, eu tô no caminho certo e de que eu tô fazendo uma coisa que eu gosto, e por mais que eu não queira seguir como professora em sala de aula depois – por enquanto, não é o que eu quero –, tá me fazendo muito bem.</i></p>
Entrevistada E	<p><i>O que eu acho legal, também, é, como a Mi disse, o retorno que eles dão pra gente, né? Tipo, no ‘40 Segundos’, [...] Essa emoção que eles passam pra gente... [...] quando acabou a peça, tava todo mundo com lágrimas nos olhos. Tipo, chegou a mensagem, de uma certa forma e... Teve uma apresentação que teve um menino – ou uma menina – que foi encaminhado pro CREAS de Estrela por conta de pensamentos suicidas que ele teve, sabe, que essa pessoa tinha. Então, eu acho que esse retorno que tem, tanto na vida das pessoas quanto pra nossa vida, é o que mais vale, sabe?</i></p>

Nome	Narrativas
	<p>[...] <i>A ver essa outra pessoa, entender a singularidade de cada um (referindo-se ao teatro). Eu acho que ele me ajudou muito nessa coisa, também, de empatia, tipo, de se colocar no lugar do outro, e isso foi uma alavanca, assim, pra mim, pra ir pra psico, por mais que eu ainda queira fazer a pós-graduação em psicodrama pra estar um pouquinho perto do teatro também. Também tô praticando yoga. Eu faço yoga três vezes por semana, tá sendo muito bom. Muito, muito bom. E é isso, tentando não surtar, e tá funcionando porque a yoga me traz muita calma, assim. Ele faz meditação no começo e no final da aula, então isso já ajuda a acalmar. Mas eu acho que eu tô, como a Miche disse, tipo, me conectando comigo mesma e me tornando melhor pra mim mesma. Tipo eu tô... Tô começando a cuidar mais da pele, mais das unhas, do cabelo, e isso tá me deixando muito bem, assim. Muito, muito bem.</i></p>

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Como estruturas incorporadas, o *habitus* na teoria de Bourdieu (2005), é definido como princípios geradores de práticas distintas e distintivas que constituem os agentes sociais, e como um sistema durável de disposições a perceber, agir e pensar sobre o mundo de uma determinada maneira. O *habitus* se apresenta como produto socializado, e como gerador de práticas, valores e ideias, além de ser socializante.

Ao se reportarem ao teatro no seu fazer artístico/pessoal, os entrevistados se reportaram a esta prática de uma maneira singular e ao mesmo tempo coletiva/social, na medida em que perceberam o quanto a influência é mútua, do jovem artista com relação ao público e vice-versa. O *habitus*, como disposições adquiridas, inconscientemente, de forma individual e social, depende em grande parte da protomemória. A protomemória, como memória social incorporada (*habitus*), segundo Candau (2011), faz parte do indivíduo, do seu jeito de ser e de perceber o mundo. O fazer artístico retratado pela entrevistada C comentou, numa mudança de *habitus*, que se estruturou no decorrer de 10 anos, e que ainda está em processo devido aos conhecimentos adquiridos através das trocas com os seus pares e professores.

Em relação à influência do teatro como mudança de *habitus*, a entrevistada D, pontuou a importância de este fazer artístico na sua postura, como aluna e como profissional. Ao descrever o quanto sua experiência artística acabou por influenciar positivamente seus colegas na escola, evidenciou a teoria de Bourdieu (1996)

referente às relações de força, entre as posições sociais, no sentido de que, garantem a seus ocupantes um quantum suficiente de força social ou de capital, de modo a que estes tenham possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão de capital. A entrevistada, ao mesmo tempo, em que se questionou sobre a influência da arte na sua constituição, na sua identidade, destacou a diferença que há na sua forma de agir no decorrer dos anos referindo-se a autoconfiança e desinibição, indicando um novo *habitus*.

As entrevistadas C, D e E ressaltaram a importância de observar o quanto as peças teatrais oportunizadas pelo Go.Star influenciaram os jovens na medida em que, após as apresentações, as discussões sobre os espetáculos oportunizaram a eles e instigaram um novo olhar, uma nova postura diante do que fora apresentado. Os exemplos disso, as entrevistadas se reportaram ao espetáculo “40 segundos”, peça teatral que, além de provocar questionamentos sobre o *bullying*, abordou o suicídio na adolescência. Neste sentido, a entrevistada E, comentou da importância da dramaturgia junto à área da Psicologia, como ciência que se ocupa do estudo do comportamento humano.

Ao comentarem sobre o distanciamento social devido à COVID-19 e o quanto isso está afetando, os entrevistados, se manifestaram de diferentes maneiras. A entrevistada A salientou que este é um momento no qual, num processo de introspecção, as pessoas estão num “casulo”, e que a transformação do agente social, se dará a partir das suas significações e ressignificações. A entrevistada B colocou que já tinha preferência por ficar em casa, então que neste sentido, o distanciamento social não está lhe prejudicando. Está aproveitando para cuidar da sua alimentação, e que, embora às vezes seja por ansiedade, está se exercitando e deste hábito está se apropriando, assim como a entrevistada E, que está se dedicando à yoga. Prática que há anos está lhe trazendo benefícios físico e emocional. A figura x se reporta às novas práticas do grupo de teatro Go.Star devido ao distanciamento social devido à COVID-19, que venham a implicar na formação de um novo *habitus*.

Figura 22 – *Print* da tela de um dos encontros semanais do grupo Go.Star durante o distanciamento social, na qual a pesquisadora esteve presente



Fonte: Arquivo do grupo de teatro Go.Star (2020).

A partir dos relatos das entrevistadas foi possível observar as três dimensões do *habitus* pontuada por Bourdieu, ou seja, das disposições corporais (*hexis*), das disposições de valores (*eidós*) e dos valores em estado prático (*ethos*), e o quanto eles estão intrínsecos na essência de cada entrevistada. As evidências da pesquisa comprovam o que Bourdieu (1996) apontou como constituição de um *habitus*, considerando que os agentes sociais atuam e são dotados de senso prático, de preferências, de percepções, e que carregam consigo heranças de vivências e lembranças próprias, que refletem no seu estilo de vida, no seu modo de agir e de pensar. Destaques que se refletem as considerações feitas por Candau (2011), no que dizem respeito às memórias sociais como geradoras de identidade, considerando que, tudo o que faz parte do indivíduo, do seu jeito de ser e de perceber o mundo, diz de uma reconstrução contínua, de uma estrutura estruturante, baseado no Bourdieu (1996), que ao mesmo tempo que modela, é também modelada.

3.5 Conclusão

O artigo teve como tema, a formação de *habitus*, conceito abordado por

Bourdieu (1996) e se referiu à essência do ser, e que por estar diretamente relacionado à aspectos do campo social, sofre alterações, na medida em que, retraduz características intrínsecas e relacionais referentes a conjuntos de saberes. A base teórica que envolveu espaços e campos sociais, aspectos da memória social, e as representações sociais, ofereceu condições para refletir sobre a formação incorporada dos jovens integrantes do grupo de teatro Go.Star na cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul, foco investigativo.

O objetivo deste estudo atingiu o seu propósito de descrever o capital cultural e social que está sendo constituído através da interação do grupo Go.Star nas aulas e práticas dos jovens, visto que, as respostas ao questionamento da pesquisa foram totalizadas. Nesse sentido, foi possível através das narrativas de memórias revelar a influência do grupo teatral Go.Star na formação do *habitus* em uma amostra de participantes.

O método deste estudo demonstrou-se adequado, pois ao descrever e compreender a interação do grupo, sob o ponto de vista das narrativas dos jovens participantes e do professor de teatro do grupo, foi possível considerar o seu *habitus*, e o seu capital cultural e social descrito a partir da compreensão da teoria de Bourdieu (1996), ou seja, os conhecimentos adquiridos e institucionalizados através da inter-relação de fatores importantes nos campos sociais, campos de atuação em que cada pessoa participa num determinado momento e espaço. Para tanto, evidenciou-se algumas descobertas acerca do tema abordado:

- Capital cultural – Foi possível comprovar que as práticas realizadas pelo grupo compreendem conhecimentos e habilidades, bem como, qualificações intelectuais produzidas e reproduzidas pelos espaços sociais em que habitam, principalmente pela família e pela escola. Observou-se que os jovens artistas percebem o quanto são influenciados, ao mesmo tempo em que influenciam seus pares, principalmente no que diz respeito às encenações das peças teatrais a que se dispõe a apresentar nas escolas.
- Capital social – Os valores e as emoções narradas pelas entrevistadas referem-se às trocas, que eles realizam com seus pares nas redes de relações afetivas. Percebeu-se que neste momento de distanciamento social, embora não estejam se encontrando presencialmente, o elo que os une manteve-se virtualmente, comprovando que os vínculos transcendem o concreto.

- *Habitus* – Considerado um haver, um capital se modifica, na medida em que, se ganha capital cultural e social. Os agentes e ou grupos de agentes vão se estruturando, na medida em que, são estruturados, pois os jovens artistas vão adquirindo disposições, conjunto de saberes, vão se constituindo como pessoas num processo contínuo, tal qual foi observado nas mudanças ocasionadas pela COVID-19.

Esta pesquisa teve suas limitações durante o processo devido à pandemia da COVID-19, ficando assim, a predisposição em querer continuar pesquisando o grupo focal, que está em contínuo processo de construção. Ao término da pesquisa, fica evidente que o “capital cultural se consolidou”, possibilitando a pesquisadora tornar-se uma “nova pesquisadora”. O estudo propiciou disposições particulares capazes de serem aplicados em diferentes campos de pesquisa.

3.6 Referências

BAQUERO, Marcello. Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil. **Opinião pública**, v. 14, n. 2, p. 380-413, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/op/v14n2/05.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BAUER, Martin; Gaskell, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto**, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no Espaço Escolar. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, jan./jun. 2012. Semestral. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2161>. Acesso em: 21 jun. 2020.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, [s. l.], v. 94, p. 95-120, 1988.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, mar. 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475>. Acesso em: 22 jun. 2020.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, [s. p.], 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 22 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KRACAUER, Siegfried. The challenge of qualitative content analysis. **Public opinion quarterly**, [s. l.], v. 16, p. 631-642. 1952.

MENDES, J.M.; SEIXAS, A. M. Escola, desigualdades sociais e democracia: as classes sociais e a questão educativa em Pierre Bourdieu. **Educação, Sociedade & Cultura**, Porto, n. 19, p. 103-129, 2003. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC19/19-4.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **La representación social: un concepto perdido**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2002. Disponível em: http://aprendeenlinea.udea.edu.co/lms/moodle/pluginfile.php/66011/mod_resource/content/0/representacion_social_un_concepto_perdido_moscovici.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337-356, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015337>.

Acesso em: 22 jun. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

TEPASSE, Fernando. GO.STAR: registro histórico-emocional 2019. *In*: TRELLO, [s. /], 2019. Disponível em: <https://trello.com/b/XUOG00hP/gostar-2019-registro-hist%C3%B3rico-emocional>. Acesso em: 23 maio 2020.

THIRY CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: uma teoria na prática. **Revista de administração pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jun. 2020.

4 PRODUTO TÉCNICO: DOCUMENTÁRIO “EU, O OUTRO, NÓS: UMA CONSTRUÇÃO”

4.1 Contextualização do documentário

As articulações entre as culturas juvenis, a formação da identidade dos jovens, a construção de memória social e individuação, são questões que instigam a sociedade e conseqüentemente estão relacionadas à comunidade escolar e as famílias, aos campos onde o capital cultural influencia diretamente e, a formação de *habitus* dos agentes, segundo Bourdieu (2007).

Neste sentido, o produto documentário, tem por objetivo dar visibilidade a cultura prática que está sendo desenvolvida pelo grupo Go.Star compondo esse relatório técnico intitulado *PRODUTO TÉCNICO: DOCUMENTÁRIO “Eu, o Outro, Nós: Uma construção”* como condição parcial para a titulação do mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, Canoas, Rio Grande do Sul, que busca abordar o tema com professores, jovens e famílias, através de um vídeo, que traz narrativas de jovens artistas acerca da sua formação, conforme autores como Halbwachs (2017), Bourdieu (2007), Candau (2011), dentre outros. Por se tratar de jovens cumpre informar que o projeto de pesquisa passou por análise do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) obtendo o consentimento livre e esclarecido como anuência de seus representantes legais sob o parecer número 3.701.285 em 12 de novembro de 2019. Além do produto, fez parte do relatório técnico dois artigos, “Narrativas de memória social do grupo de teatro Go.Star e sua influencia na formação identitária” e “Narrativas e práticas do grupo de teatro Go.Star um exemplo de capital cultural, social e de *habitus*”.

O Go.Star, o grupo de teatro ao qual o estudo se refere, promove a interação entre os próprios membros, e com outros pertencentes a diferentes grupos, que fazem ou não peças teatrais, logo, oportunizar a troca destas experiências é de grande valia na medida em que cada indivíduo tem tendência a desenvolver forças motivacionais como resultado do ambiente cultural, em que vive, afetando a maneira pela qual os sujeitos percebem a si e ao outro. Destaca-se a importância de atentarmos às dificuldades de relacionamentos entre as pessoas, a o quanto os sujeitos estão vulneráveis às influências dos grupos aos quais pertencem. Este trabalho considera o relacionamento interpessoal como uma ligação, conexão ou

vínculo entre duas ou mais pessoas dentro de um determinado campo social, espaço multidimensional, onde, segundo Bourdieu (2005), os agentes ocupam espaços variados de acordo com o acúmulo de diferentes formas de capital num processo de formação contínuo.

Pressupondo que o relacionamento interpessoal é um processo que envolve as áreas da psicologia, sociologia e comunicação, e que o enfoque no capital humano é baseado no crescimento e desenvolvimento pessoal, considerando as individualidades dos sujeitos, maneiras de processar informações, forças motivacionais, habilidades, capacidades e competências, são de grande valia destacar que inúmeros fatores e processos que articulam os relacionamentos entre as pessoas, para uma construção identitária tornando a educação um dever mas também um direito, assim, segundo o artigo 2º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96),

[...] a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, logo, o envolvimento da comunidade escolar e da família na formação identitária dos jovens, é um dever, bem como um direito dos envolvidos neste processo (BRASIL, 1996, s. p.).

As culturas juvenis estão presentes em todos os contextos da vida cotidiana. Estudá-la e compreendê-la é de suma importância para auxiliar os jovens na sua caminhada, nas suas oportunidades. Profissionais da educação, formal e/ou informal contribuem para que o organismo psicológico e identitário do aprendiz se desenvolva numa trajetória harmoniosa e progressiva.

4.2 Considerações Metodológicas e finais do documentário

A produção do documentário teve como base o questionamento sobre a importância de fazer parte do grupo em estudo, contendo cenas de diferentes formatos com os atores, produtores e realizadores, com a intenção de apresentar e divulgar o grupo.

O método conforme Bauer e Gaskel (2002) envolveu uma seleção de qualidade e quantidade de conhecimento para construir um corpus de pesquisa e envolveu:

- A construção do corpus com a coleta de dados para gerar os artigos

científicos que se transformaram em produto de pesquisa nesse relatório.

- Entrevistas grupais e observação participante.
- Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa.
- Análise de conteúdo das entrevistas.
- Produção de vídeo a partir das imagens coletadas.

Como detalhamento da coleta de dados, as gravações foram realizadas durante as aulas do grupo Go.Star que aconteceram semanalmente junto ao Núcleo Cultural, localizado na Casa de Cultura de Estrela, Rio Grande do Sul, pois o objetivo era descrever a interação destes jovens artistas, neste espaço social. As gravações iniciaram no mês de outubro de 2019 e finalizaram em dezembro do mesmo ano, momento em que o grupo entrou de férias. A intenção era reiniciá-las no ano seguinte, mas, em função da COVID-19, pandemia que levou ao distanciamento social, as atividades tornaram-se virtuais, necessitando assim, uma reestruturação do grupo, confirmando o pensamento de Bourdieu (2007) no que se refere à formação de *habitus* como sendo as disposições adquiridas tanto pelo corpo como pela alma, inconscientemente de forma individual e social, que ao se estruturar num processo contínuo, estrutura os agentes. A sequência de fotos nas figuras 1,2,3,4,5 caracterizam a produção do grupo

Figura 23 – Produção para comercial do grupo



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 24 – Expressão musical



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 25 – Ensaio da peça de teatro "40 segundos"



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 26 – Set de filmagem para o documentário: "Eu, o Outro, Nós: Uma construção"



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 27 – Set de filmagem para o documentário: "Eu, o Outro, Nós: Uma construção"



Fonte: elaborado pela autora (2020).

A produção do Documentário “Eu, o Outro, Nós: Uma construção” envolveu vários profissionais, dentre eles os cinegrafistas Fernanda Hofstatter e Crystopher Carvalho além do produtor audiovisual e produtor de efeitos visuais por VFX Gabriel Gehrke Rohde. Como roteirista, a pesquisadora organizou o roteiro de entrevista que pretendia guiar o roteiro de filmagem da seguinte forma:

Quadro 14 – Roteiro de questões aos Entrevistadas para o vídeo

Roteiro de questões aos Entrevistadas para o vídeo
Apresentação do objetivo da pesquisa (dar visibilidade ao grupo) e do papel da pesquisadora
Perguntas particulares aos integrantes do grupo de teatro Go.Star
Perguntas particulares ao professor do grupo de teatro Go.Star
Perguntas sobre as relações, ações práticas do grupo Go. Star e a influencia dessas nas relações sociais.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

As filmagens, foram planejadas a partir do roteiro conforme cenas descritas no Quadro 15

Quadro 15 – Roteiro e descrição das cenas do documentário: "Eu, o Outro, Nós: Uma construção"

Nº Cenas	Descrição das Cenas
Cena 1	Introdução artística com imagens do grupo e da pesquisadora no espaço universitário.
Cena 2	Apresentação do produto pela pesquisadora com base no que está descrito no Relatório Técnico.
Cena 3	Imagens de cenas dos ensaios e atividades técnicas e artísticas do grupo.
Cena 4	Apresentação pessoal das alunas em formato de Ping-pong.

Nº Cenas	Descrição das Cenas
Cena 5	Imagens de conversas e brincadeiras nos ensaios com música de fundo.
Cena 6	Depoimento dos alunos sobre o que o significado de fazer teatro, com imagens das peças teatrais.
Cena 7	Depoimento do professor e de dois alunos em formato de ping-pong sobre o significado de fazer parte do grupo Go.Star
Cena 8	Cenas de ensaios do grupo/ <i>making of</i> .
Cena 9	Fechamento do documentário com cenas de uma encenação de uma peça teatral com o grupo agradecendo os aplausos de final de espetáculo.
Cena 10	Agradecimentos.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Como produto vinculado a um trabalho de conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, o documentário que tem a duração de XX minutos, acompanha esse relatório e ficará disponibilizado na biblioteca da Instituição a fim de oportunizar futuras pesquisas acerca do tema. O documentário também será disponibilizado às escolas, particulares e públicas, via Secretarias de Educação, a fim de oportunizar diálogos entre famílias e comunidade escolar, bem como, incentivar outros grupos juvenis e/ou pesquisadores preocupados com a formação e relacionamentos intra e interpessoais de jovens.

Realizar este trabalho, ao mesmo tempo em que foi desafiador, instigante e prazeroso, oportunizou novas descobertas baseadas na pesquisa bibliográfica e na observação ativa realizada junto ao Go.Star. Mesmo havendo limitações devido ao distanciamento social, é possível afirmar que houve a construção de um novo *habitus* por parte da pesquisadora e reflexões sobre prospecções de novas pesquisas envolvendo o tema, considerado envolvente por se tratar de um estudo dinâmico e contínuo.

4.3 Referências

BAUER, Martin; Gaskell, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto**, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 23 jun. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2017.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório técnico está organizado, conforme exigência do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, nível Mestrado Profissional, da Universidade La Salle - Unilasalle, numa pesquisa interdisciplinar voltada para a construção de conhecimentos relativos à memória e suas relações na formação e transformação de identidades, voltado à temática da Memória Social, Cultura e Identidade. Este relatório técnico tratou dos temas relacionados e teve como base entrevistas e questionamentos sobre a participação em um grupo de teatro. Cumpre informar que o objetivo geral foi “compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais do grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória na formação sobre suas identidades e *habitus*, e dar visibilidade, através de um documentário, do capital cultural e social que foi construído” sendo respondida em formato de dois artigos científicos e um produto de vídeo.

O projeto de estudo, que originou este relatório técnico foi o foco nas relações entre campos sociais e identidades juvenis, tomando como objeto de análise o grupo de teatro voltado, que ainda é, ministrado na Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, no estado gaúcho. O grupo de teatro Go.Star que forneceram as narrativas foi o professor e os dezoito jovens, que participam de atividades artísticas, de produção de peças teatrais, contações de histórias e diferentes esquetes artísticas na comunidade. O Espaço da Arte assumiu o papel de promover a transformação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação informal, a socialização e o bem-estar, comprometido com as reflexões as possíveis transições e conversões.

O relatório apresentou uma pesquisa desenvolvida no período de agosto de 2019 até junho de 2020 e foi organizado numa introdução que consta a problemática, o memorial da pesquisadora, o estado da arte. Seguem com dois artigos, a descrição do produto vídeo e as conclusões finais além dos apêndices e anexos. O fio condutor desses artigos foi o campo da memória caracterizado pela prática da pesquisa utilizada, cujos resultados permitiram algumas descobertas.

Responder a todas as perguntas efetuadas no início desse relatório implica em acessar os artigos apresentados no sentido de compreender e explicar a conversão do olhar que aconteceu no processo de pesquisa. Assim:

O primeiro artigo intitulado NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA referiu-se a compreensão de como a participação em um grupo de teatro influencia na formação de memórias identitárias de jovens artistas. Foram abordadas reflexões teóricas sobre a importância das diferentes redes de relação social e das experiências vivenciadas, levando em consideração a importância dos laços afetivos elaborados por meio dessas dinâmicas sociais.

O tema construção identitária, assim como, os desempenhos subjetivos, foram coadunados com conceitos de memória social de Halbwachs (2006), de juventudes em León (2004); de pertencimento em Maffesoli (2001) e de identidade em Candau (2011). O problema de pesquisa, bem como, o objetivo de analisar e descrever o processo de pertencimento e participação dos jovens no teatro e a influência na construção de suas identidades, na formação de uma memória social, foi respondido com sucesso. Tal comprovação foi evidenciada pelas narrativas, fotos e documentos apresentados.

Como resultado constatou-se que ao sentirem-se pertencentes a um grupo, sua identificação e compromisso social envolveram as relações sócio emocionais, conjugando um aprendizado de escuta atenta e o acolhimento efetivo com todos. Nesse sentido, as trocas de experiências, teóricas e práticas desenvolveram forças motivacionais, como resultado do ambiente cultural em que vivem, afetando a maneira pela qual os sujeitos se perceberam.

O segundo artigo intitulado NARRATIVAS E PRÁTICAS DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR UM EXEMPLO DE CAPITAL CULTURAL, SOCIAL E DE *HABITUS* buscou descrever e compreender a interação do grupo, sob o ponto de vista das narrativas dos jovens participantes e do professor de teatro do grupo Go.Star, considerando o seu *habitus*, e o seu capital cultural e social (BOURDIEU, 1996). Assim os conhecimentos adquiridos e institucionalizados foram evidenciados através da inter-relação de fatores importantes nos campos sociais, e nos campos de atuação, em que cada pessoa participa num determinado momento e espaço. Tendo em vista, que os agentes sociais são responsáveis pela construção do seu mundo social, observou-se nas evidências, nos seus discursos e práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas no espaço social, os conceitos e contribuições teóricas do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002).

Este estudo descreveu essa compreensão na interação do grupo teatral e do

professor, considerando o *habitus* e o saber-fazer acumulados do capital cultural e social. O objetivo geral foi descrever o capital cultural e social, que está sendo constituído através das interações do grupo nas aulas e práticas dos jovens atingindo o seu propósito de descrever as narrativas e as interações nas aulas e práticas dos jovens. Evidenciaram-se descobertas acerca do tema abordado: O capital cultural esteve presente nos conhecimentos e qualificações intelectuais produzidas e reproduzidas pelos espaços sociais diz respeito às encenações das peças teatrais a que se dispõe a apresentar nas escolas. O capital social esteve presente nos valores e emoções narradas pelas pessoas entrevistadas sobre as trocas, que eles realizam com seus pares nas redes de relações afetivas. E, finalmente o *habitus*, que oportunizou esse aprendizado entre as práticas e as condições sociais percebidas no grupo de agentes que vão se estruturando, na medida em que, num processo contínuo, mesmo numa situação de pandemia COVID-19 apresentam premissas, resultados de amadurecimento, de condições de percepção e compreensão.

Metodologicamente, ambos os artigos se situaram como pesquisa social aplicada e qualitativa. As técnicas utilizadas foram levantamentos bibliográficos, uso documentais, além do estudo de caso, cujos instrumentos de coleta de dados, através da observação participante e entrevistas semiestruturadas individuais (primeiro artigo) e em grupo (segundo artigo) evidenciaram as suas práticas culturais e artística.

Como parte da condição para a titulação do mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, foi produzido o documentário intitulado “Eu, o Outro, Nós: Uma construção” que tem por objetivo dar visibilidade a essa cultura prática que está sendo desenvolvida por esse grupo Go.Star. Foi apresentado um documentário envolvendo narrativas dos integrantes e imagens dos ensaios da peça teatral produzida por eles, revelando a total agregação desse grupo no espaço social pesquisado.

Finalizando este trabalho, percebeu-se o quanto a experiência do Mestrado foi desafiadora. Estudos, resenhas, descrições, filmagens e interpretações fizeram parte desta trajetória, que por vezes precisou ser replanejada devido a adversidades, que se colocavam no caminho. Assim, com a instalação da pandemia da COVID-19, o distanciamento social impossibilitou a continuidade das observações do grupo de teatro Go.Star. As reuniões que se seguiram foram

adaptadas para o formato virtual, assim como, as demais atividades realizadas diante a pesquisa e orientação. A aprendizagem, as dificuldades, as novas oportunidades de crescimento afetivo, pessoal e intelectual, que se instauram, despertaram, outros capitais que se incorporaram, permitindo a conversão para uma “nova pesquisadora”. Conclui-se que todos os objetivos propostos foram alcançados, no entanto, foi constatado um despertar para continuar pesquisando sobre a cultura juvenil e o que a ela infere, assim como a outros tantos temas, instigantes no Mestrado. É necessário formar pesquisadores que se disponham a continuar desenvolvendo e propagando a cientificidade.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro. Graal, 1992.
- BAQUERO, Marcello. Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil. **Opinião pública**, v. 14, n. 2, p. 380-413, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/op/v14n2/05.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 70. 2011.
- BAUER, Martin; Gaskell, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto**, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 23 jun. 2020.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no Espaço Escolar. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, jan./jun. 2012. Semestral. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2161>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CATÁLOGO de Teses & Dissertações. *In*: CAPES. Brasília, c2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, [s. l.], v. 94, p. 95-120, 1988.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução a ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1997.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, mar. 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475>. Acesso em: 22 jun. 2020.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, [s. p.], 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 22 jun. 2020.

GUIMARÃES, Giselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. Culturas Juvenis: uma ressignificação contemporânea? **Travessias**: pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte, Cascavel, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3359/2650>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e espaço público**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

KRACAUER, Siegfried. The challenge of qualitative content analysis. **Public opinion quarterly**, [s. l.], v. 16, p. 631-642. 1952.

LEÓN Dávila, Oscar. Adolescencia y juventud: de las nociones a los abordajes. **Última Década**, n. 21, p. 83-104, dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19502103>. Acesso em: 03 dez. 2018.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. [Entrevista cedida a] Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MENDES, J.M.; SEIXAS, A. M. Escola, desigualdades sociais e democracia: as classes sociais e a questão educativa em Pierre Bourdieu. **Educação, Sociedade & Cultura**, Porto, n. 19, p. 103-129, 2003. Disponível em:

<https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC19/19-4.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil; 2000.

MOSCOVICI, Serge. **La representación social: un concepto perdido**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2002. Disponível em:

http://aprendeonline.udea.edu.co/lms/moodle/pluginfile.php/66011/mod_resource/content/0/representacion_social_un_concepto_perdido_moscovici.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. *In*: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIS, José Machado. As correntes teóricas da sociologia da juventude. *In*: PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, Lisboa, v. 24, p. 108-109, p. 591-644, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6TI39AV5.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337-356, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015337>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em:

<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RAUPP, Luciane. Juventude, Identidade e Memória. *In*: IV JORNADAS MERCOSUL:

MEMÓRIA, AMBIENTE E PATRIMÔNIO, 4., 2016, Canoas. **Anais eletrônicos** [...]. Canoas: Unilasalle, 2016 Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/d756c9e3452b572d7bef5665d2334e17.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

TEPASSE, Fernando. GO.STAR: registro histórico-emocional 2019. *In*: TRELLO, [s. /], 2019. Disponível em: <https://trello.com/b/XUOG00hP/gostar-2019-registro-hist%C3%B3rico-emocional>. Acesso em: 23 maio 2020.

TEVES, Nilda. **Imaginação social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

THIRY CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: uma teoria na prática. **Revista de administração pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jun. 2020.

YIN, Roberto. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Termo de Assentimento

Você _____ está sendo convidado a participar da pesquisa “Processo de construção da identidade dos integrantes do grupo de teatro Go.Star através das relações pautadas nas culturas juvenis”, realizada pela pesquisadora Mariana Galeazzi Modesti, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle/Canoas (UNILASALLE) e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da instituição.

O objetivo geral desta pesquisa é dar visibilidade às formas pelas quais a participação em um grupo de teatro influencia na formação de memórias e na construção identitária de jovens participantes do grupo de teatro Go.Star por meio da realização de um documentário.

Este documentário é um produto que oportuniza o estudo e o diálogo entre a comunidade escolar, famílias e grupos que envolvem culturas juvenis sobre a construção identitária individual e coletiva dos jovens, tema que continuamente é abordado por profissionais da educação e famílias. O estudo se propõe a possibilitar reflexões sobre a importância das diferentes redes de relação social e das experiências vivenciadas nestas para a construção identitária dos jovens, levando em consideração a importância dos laços afetivos e das experiências vividas por meio dessas dinâmicas sociais.

A pesquisa será feita junto a Associação Espaço da Arte, onde os adolescentes participaram da apresentação do projeto pela pesquisadora, em presença da equipe técnica. A coleta de dados desse estudo se dará através imagens autorizadas pelos participantes para divulgação pública e entrevistas semiestruturadas que serão realizadas durante os encontros semanais do grupo. Os dados serão gravados e posteriormente transcritos no diário de campo.

Os nomes dos participantes das entrevistas serão substituídos por um número que será dado a cada um, visando preservar seu anonimato. As informações coletadas e analisadas não serão mantidas em confidência, e os resultados da pesquisa serão publicados em um artigo científico que será disponibilizado para

vocês lerem, e um documentário que será compartilhado no site YouTube.

Para evitar que os integrantes do grupo se neguem a participar ou, durante as entrevistas fujam do assunto proposto em questão, e/ou durante as filmagens, se comovam de certa maneira que o emocional fique abalado ou se exponham de maneira inadequada, eles terão acesso as imagens coletadas pela pesquisadora, bem como as entrevistas transcritas no diário de campo a fim de que possam manter o controle sobre suas escolhas e informações pessoais. Caso não queira participar, é um direito seu e não terá nenhum problema em fazê-lo ou desistir durante o processo.

Se você tiver alguma dúvida, você pode entrar em contato com a pesquisadora Mariana Galeazzi Modesti pelo telefone: 51 999971021, e-mail: mariana.201820342@unilasalle.edu.br, com a Professora Luciane Marques Raupp, orientadora da pesquisa, pelo telefone : 51 999172404, e-mail: luciane.raupp@unilasalle.edu.br, ou com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Unilasalle pelo telefone: 51 3476.8452 , nos horários de atendimento: segunda, quarta e sexta-feira das 13h às 17h e, terça e quinta-feira das 18h às 22h, ou pelo e-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br . O local de atendimento do CEP é no 3º andar do Prédio 6 da Universidade La Salle/Canoas.

Este termo será assinado em duas vias; uma ficará com a pesquisadora e outra com você.

Estrela, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Seu filho(a) _____ está sendo convidado a participar da pesquisa “Processo de construção da identidade dos integrantes do grupo de teatro Go.Star através das relações pautadas nas culturas juvenis”, realizada pela pesquisadora Mariana Galeazzi Modesti, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle/Canoas (UNILASALLE) e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da instituição.

O objetivo geral desta pesquisa é dar visibilidade às formas pelas quais a participação em um grupo de teatro influencia na formação de memórias e na construção identitária de jovens participantes do grupo de teatro Go.Star por meio da realização de um documentário.

Este documentário é um produto que oportuniza o estudo e o diálogo entre a comunidade escolar, famílias e grupos que envolvem culturas juvenis sobre a construção identitária individual e coletiva dos jovens, tema que continuamente é abordado por profissionais da educação e famílias. O estudo se propõe a possibilitar reflexões sobre a importância das diferentes redes de relação social e das experiências vivenciadas nestas para a construção identitária dos jovens, levando em consideração a importância dos laços afetivos e das experiências vividas por meio dessas dinâmicas sociais.

A pesquisa será feita junto a Associação Espaço da Arte, onde os adolescentes participaram da apresentação do projeto pela pesquisadora, em presença da equipe técnica. A coleta de dados desse estudo se dará através imagens autorizadas pelos participantes para divulgação pública e entrevistas semiestruturadas que serão realizadas durante os encontros semanais do grupo. Os dados serão gravados e posteriormente transcritos no diário de campo.

Os nomes dos participantes das entrevistas serão substituídos por um número que será dado a cada um, visando preservar seu anonimato. As informações coletadas e analisadas não serão mantidas em confidência, e os resultados da pesquisa serão publicados em um artigo científico que será disponibilizado para

vocês lerem, e um documentário que será compartilhado no site YouTube.

Para evitar que os integrantes do grupo se neguem a participar ou, durante as entrevistas fujam do assunto proposto em questão, e/ou durante as filmagens, se comovam de certa maneira que o emocional fique abalado ou se exponham de maneira inadequada, eles terão acesso as imagens coletadas pela pesquisadora, bem como as entrevistas transcritas no diário de campo a fim de que possam manter o controle sobre suas escolhas e informações pessoais. Caso não queira que seu filho(a) participe, é um direito seu e não terá nenhum problema em fazê-lo ou desistir durante o processo.

Se você tiver alguma dúvida, você pode entrar em contato com a pesquisadora Mariana Galeazzi Modesti pelo telefone: 51 999971021, e-mail: mariana.201820342@unilasalle.edu.br, com a Professora Luciane Marques Raupp, orientadora da pesquisa, pelo telefone : 51 999172404, e-mail: luciane.raupp@unilasalle.edu.br, ou com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Unilasalle pelo telefone: 51 3476.8452 , nos horários de atendimento: segunda, quarta e sexta-feira das 13h às 17h e, terça e quinta-feira das 18h às 22h, ou pelo e-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br . O local de atendimento do CEP é no 3º andar do Prédio 6 da Universidade La Salle/Canoas.

Este termo será assinado em duas vias; uma ficará com a pesquisadora e outra com o responsável pelo participante da pesquisa.

Estrela, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do responsável

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE C – Entrevista Semiestruturada abordada no Artigo NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR E SUA INFLUENCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

Categoria	Questões do roteiro de entrevista	Subcategorias
Identidade	<ul style="list-style-type: none"> • Como você se apresenta? Quem é você? • O que é teatro pra você? • Quem é o Go.Star? • Como você define este grupo? 	Auto-identidade
Memória	<ul style="list-style-type: none"> • O que motivou você a fazer teatro? • Desde quando você faz parte do Go.Star? • Quando e como surgiu este grupo? Conte um pouco da sua história. 	Lembranças passada Práticas História/Trajétória
Vínculo	<ul style="list-style-type: none"> • O que significa pra você fazer parte deste grupo? • Como você define a relação que há entre os alunos do Go.Star? Há interação? Amizade? Quais vínculos existem entre os integrantes do grupo? • Os vínculos criados no grupo também se estendem para outros espaços? • Acompanhando a trajetória dos alunos que iniciaram o fazer teatral junto ao Go.Star até o momento atual, o que você observa em relação às suas posturas? Há modificações nos seus comportamentos? Quais? 	Ideia de pertencimento Diálogo Memória institucionalizada

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

APÊNDICE D – Entrevista Semiestruturada do Artigo 2 – NARRATIVAS E PRÁTICAS DO GRUPO DE TEATRO GO.STAR UM EXEMPLO DE CAPITAL CULTURAL, SOCIAL E DE *HABITUS*

<ul style="list-style-type: none"> • Como vocês se veem no Go.Star? Quando e como vocês se viram artistas?
<ul style="list-style-type: none"> • Contem um pouquinho da caminhada de vocês no teatro, sobre um momento marcante, inesquecível no Go.Star.
<ul style="list-style-type: none"> • Como vocês relacionam a aprendizagem de vocês no Go.Star com a trajetória escolar de vocês? O que vocês aprendem em um espaço tem haver com o outro?
<ul style="list-style-type: none"> • E a família, como se encaixa nesta relação?
<ul style="list-style-type: none"> • Hoje estamos vivendo um momento de distanciamento social devido o COVID-19. O que vocês pensam sobre o distanciamento social? Como vocês estão se organizando neste momento? Comparado à rotina de vocês antes pandemia, o que mudou? Quais são os sentimentos envolvidos neste momento?
<ul style="list-style-type: none"> • Das escolhas realizadas no dia-a-dia, vocês percebem a influência da escola, família e do próprio grupo de teatro?
<ul style="list-style-type: none"> • Pensando que o capital cultural como um conjunto de qualificações intelectuais produzidas no contexto e pelo sistema escola, como o Go.Star se insere neste contexto? Como o Go.Star participa deste espaço de conhecimento?

Fonte: Produzido pela autora, 2020.